

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

TATIANA DA SILVA BULHÕES

“EVIDÊNCIAS ESMAGADORAS DOS SEUS ATOS”:
fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação
Integralista Brasileira (1932-1937)

NITERÓI

2007

TATIANA DA SILVA BULHÕES

“EVIDÊNCIAS ESMAGADORAS DOS SEUS ATOS”: fotografias e imprensa na
construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal Fluminense, como
Requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.
Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof^a Dr^a Laura Antunes Maciel

NITERÓI

2007

B933 Bulhões, Tatiana da Silva.

“Evidências esmagadoras de seus atos”: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937) / Tatiana da Silva Bulhões. – 2007.

176 f. ; il.

Orientador: Laura Antunes Maciel.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2007.

Bibliografia: f. 169 -176.

1. Ação Integralista Brasileira. 2. Fotografia – Brasil – Aspecto histórico – séc. XX. 3. Imprensa – Rio de Janeiro (RJ) – séc. XX. 4. Propaganda política. I. Maciel, Laura Antunes. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 320.5330981

TATIANA DA SILVA BULHÕES

“EVIDÊNCIAS ESMAGADORAS DOS SEUS ATOS”: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social

Aprovada em março de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Laura Antunes Maciel (UFF) – Orientadora

Prof^a Dr^a Ana Maria Mauad (UFF)

Prof^a Dr^a Marta Emisia Jacinto Barbosa (Universidade Federal de Uberlândia)

NITERÓI

2007

AGRADECIMENTOS

Escrevo esta lista receosa de esquecer alguma pessoa ou instituição que tenha contribuído para a finalização de mais uma etapa da minha formação profissional e pessoal. Para que isto não aconteça, inicio meus agradecimentos a todos os que mesmo não sendo próximos ao meu convívio me ajudaram com uma informação, uma dica, um gesto carinhoso ou um incentivo a continuar.

Aos meus pais, avó e irmão pelo apoio financeiro e emocional durante estes dois anos e por toda a minha vida. Amo muito vocês.

À minha orientadora Laura Maciel pelo carinho, pela paciência, pelos ensinamentos de pesquisa e produção de um texto acadêmico, por chamar minha atenção para o sentido político de se produzir um trabalho de História e por não me deixar desistir. Meus agradecimentos sinceros.

Às professoras Ana Maria Mauad e Marta Emisia Barbosa que integraram a banca do exame de qualificação. A primeira pela ótima recepção na UFF, pelo carinho e pelas dicas de trabalho com fotografias, a segunda pelas preciosas sugestões de análise de fotografias na imprensa e de produção desta dissertação.

Aos funcionários e amigos Johenir e Joice do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, pelo carinho, paciência e disponibilidade a ajudar. No Arquivo Público do município de Rio Claro, SP, ao funcionário Fernando pelo bom humor e vontade de ajudar. No Arquivo Nacional, ao funcionário Sátiro, pelo bom humor e preciosas dicas de pesquisa, e a todos os funcionários que me atenderam tão bem no pouco tempo que estive pesquisando na instituição. Na Biblioteca Nacional, ao funcionário Sérgio, pelo bom humor e pelo auxílio na reprodução de imagens para esta dissertação, e a todos os funcionários desta instituição que me trataram muito bem durante o longo período em que pesquisei na instituição.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudo, durante o período de Mestrado.

Aos funcionários da Pós-graduação da UFF, pela paciência e competência em gerir tantas atribuições que suas funções demandam.

Às amigas e “irmãs” desde a graduação Máira, Fernanda e Raquel, pela amizade, passeios divertidíssimos e pelo apoio nos momentos difíceis.

Aos amigos Márcio Magalhães, Victor Leandro (Obrigado pela revisão do meu abstract!), Luís Otávio, Mônica, Jacqueline, Irene, Ana, Mírian e Demian, apesar de não

trabalharmos juntos a dois anos, não perdemos o contato e seu carinho e amizade são muito importantes na minha vida.

Aos meus amigos do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (TEMPO/UFRJ): Élson, César, Maria Fernanda, Josélia, Jorge, Arthur, Ana Beatriz, Wander, Verônica, Marcelle e Bárbara. Todos eles contribuíram com seu carinho, sua ajuda com empréstimo de livros e revisão dos meus textos (obrigada, Josélia!), com nossas saídas para comer pizza na Parmê, com suas dicas de autores e livros e, principalmente, com o apoio nas horas de cansaço e tristeza. Ao trio Verônica, Marcelle e Bárbara obrigada pelos “puxões de orelha” nas horas de desânimo e pela amizade.

Ao coordenador do TEMPO/UFRJ Francisco Carlos Teixeira da Silva, meu orientador na graduação, pelo incentivo a trabalhar com o tema integralismo e com análise de imagens na História. Sua presença como professor e amigo é muito importante na minha vida.

Às amigas Natália, Maika, Claudinha e Cláudia Paixão, companheiras de tantas disciplinas do Mestrado e caminhadas até as Barcas, pelo carinho e apoio nos momentos de cansaço.

Às amigas Natália e Gisele Cruz, Márcia Carneiro e Débora pelo imenso carinho e amizade, pelas dicas sobre a produção de um trabalho acadêmico e estudos históricos sobre Integralismo e pela companhia em nossas viagens a Congressos e Simpósios de História. À Márcia, obrigada por disponibilizar as entrevistas com integralistas e por chamar minha atenção para a reorganização do movimento nos dias atuais. À Natália, em especial, pelo apoio e risadas nos momentos de desânimo.

Aos meus amigos organizadores e participantes dos três encontros de estudos sobre integralismo, pela oportunidade de conhecer e discutir novos trabalhos sobre o tema, pela ajuda com envio de reproduções de páginas do jornal *A Offensiva*, do acervo pessoal de Renato Dotta e Rodrigo, e pelos momentos de descontração nos intervalos dos encontros. Meu sincero agradecimento a Gilberto Calil, Fábio Bertonha, Renato e Rodrigo.

Às amigas Mariléia e Lídice pelo carinho e momentos de descontração.

Ao meu amor Walter Marcelo, que mesmo comigo há pouco tempo, foi essencial para me dar força e disposição para escrever esta dissertação. Obrigado pelo carinho, apoio e pelas “doses de você” nos momentos de estresse.

Dedico este trabalho aos que lutaram e aos
que lutam contra o autoritarismo e a
intolerância no mundo

RESUMO

Pensando a fotografia e a imprensa como práticas sociais e expressões de relações sociais e significados culturais, este trabalho analisa os usos e objetivos envolvidos na publicação de fotografias na imprensa carioca pela Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento político brasileiro de caráter autoritário, ao longo de sua existência legal, de 1933 a 1937.

Neste sentido, o trabalho procura explicitar os sentidos e intenções da produção e divulgação de fotografias pela AIB, além da criação e o funcionamento de uma estrutura – as Secretarias de Propaganda e Imprensa – para a produção e divulgação de imagens e periódicos integralistas. Procurei avaliar a importância atribuída pela AIB à propaganda política e à imprensa, recuperando iniciativas criadas para implementar a edição e financiamento de jornais e revistas e, também, definir normas e padronizar procedimentos e linhas editoriais.

Outra preocupação foi caracterizar as formas de fazer propaganda por meio de fotografias na imprensa integralista carioca, analisando a revista *Anauê!* e o jornal *A Offensiva*, comparando as diversas formas de narrar acontecimentos, além de identificar as diferenças e semelhanças nas formas de construir a memória sobre o integralismo e de seus inimigos. Por último, investiguei as alianças e articulações entre parcelas da imprensa carioca e a AIB analisando como as revistas *A Noite Ilustrada* e *Fon-fon* e o jornal *Diário de Notícias*, simpatizantes ao movimento, divulgavam seus textos e fotografias.

Palavras-chaves: Ação Integralista Brasileira - fotografia - imprensa carioca – Propaganda política

ABSTRACT

Thinking about the photography and the press as social practices and expressions of social relations and cultural meanings, this dissertation analyses the uses and goals concerning the photos publication on Rio de Janeiro's press by the Ação Integralista Brasileira (AIB), an authoritarian Brazilian political movement, during its legal existence, 1933 to 1937.

So, this study tries to develop the senses and intentions of the production and propagation of AIB photographs, besides the creation and the function of a structure – as Propaganda and Press Secretaries – for the production and publication of integralist images and periodicals. I tried to evaluate the importance attributed by AIB to the political propaganda and to the press, recovering initiatives created to implement the edition and financing of newspapers, magazines and, also, defining patterns and procedures as well as editorial lines.

Another concern was to distinguish the ways of making propaganda through photographs in the Rio de Janeiro's integralist press, analyzing the *Anauê!* magazine and *A Offensiva* newspaper, comparing the several ways of events presentation, besides identify the differences and similarities in the memory construction process about the integralism and its enemies. Finally, I investigated the alliances and articulations between parts of the Rio de Janeiro's press and AIB, analyzing how the magazines *A Noite Ilustrada* and *Fon-Fon* as well as the newspaper *Diário de Notícias*, integralist movement sympathizers, divulged their texts and photographs.

Keywords: Ação Integralista Brasileira – photograph – Rio de Janeiro's press - Political Propaganda

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - p.01

1 - Doutrinar, educar e influenciar: significados de imagens e imprensa para a Ação Integralista Brasileira – p. 20

1.1 - Controle e difusão da propaganda integralista: as secretarias de propaganda e imprensa em funcionamento – p.26

1.2 - A propaganda política integralista em imagens – p.43

2 - Construindo a imagem pública do integralismo: fotografias e imprensa – p. 55

2.1 – Um jornal na *Offensiva* – p.57

2.2 – *Anauê!* em fotografias – p 66.

2.3 - Comparando usos de imagens em *A Offensiva* e *Anauê!* – p.78

- A onipresença do Chefe Nacional – p 78
- “Plinianos”, “Blusas verdes” e “Camisas-Verdes” de todas as gerações e estados: a família integralista e seu cotidiano – p 82
- Imagens constroem os inimigos do Sigma – p 99.
- A luta do Integralismo pelo poder: as eleições – p.108

3 - Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca – p.115

3.1 – A AIB tece redes de apoio com a imprensa carioca – p. 117

3.2 – Fotografias integralistas nas páginas da imprensa carioca – p 128.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – p 162.

BIBLIOGRAFIA, FONTES E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS – p.169

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa original apresentado para seleção ao Mestrado propunha analisar as representações de feminino produzidas pela Ação Integralista Brasileira (AIB), na década de 1930, através de uma seleção de 82 fotografias do movimento apreendidas, pela Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS), nos núcleos e periódicos integralistas após a implantação do Estado Novo e proibição do funcionamento do partido, em dezembro de 1937. Considerando que estas imagens faziam propaganda da AIB para o resto do Brasil e para o mundo, meu objetivo era observar se o ideal de feminino que elas divulgavam era semelhante ao elaborado pelos periódicos e documentos produzidos pela intelectualidade, dirigente ou não, do Integralismo.

A partir de algumas leituras realizadas, do andamento da pesquisa e das discussões com minha orientadora, constatei que o meu projeto havia minimizado uma dimensão da fotografia, como fonte histórica, que vejo agora essencial: a fotografia como uma prática social que expressa e exprime relações sociais¹. Sendo assim, concordamos que seria fundamental – antes de investigar os conteúdos mostrados pelas fotografias integralistas – investigar as razões, intenções e motivações da AIB para o investimento significativo na produção e veiculação de imagens, em particular de fotografias, quais as escolhas dos produtores das mesmas, as formas como elas foram divulgadas e como a AIB usou essas fotografias ao longo do período analisado.

Aspectos que até então havia descartado em meu projeto original – como a natureza política do movimento integralista, o conteúdo ideológico da Ação Integralista Brasileira e as práticas sociais correspondentes – começaram a ser enfrentados e equacionados na pesquisa sobre a produção e veiculação de fotografias integralistas. Oficialmente, a AIB foi fundada em 1932, por Plínio Salgado, com o lançamento do *Manifesto de Outubro de 1932*, no Teatro Municipal de São Paulo.² No entanto, Salgado vinha preparando o lançamento da A.I.B. desde fevereiro deste mesmo ano, quando organizara a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), reunindo intelectuais que compartilhavam de seu projeto de um Estado

¹ Leituras tais como: FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Editora Vega, 1995 e MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: EDUC, 1998.

² CAVALARI, Rosa Maria Feitero. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. São Paulo: EDUSC, 1999, p.13 e TRINDADE, *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. SP: Difel, 1979, pp.123-124.

corporativista e autoritário. O Manifesto Integralista sintetizava o ideário básico da AIB: defesa do nacionalismo e do corporativismo, vistos como esteios da organização do Estado e da sociedade; crítica aos valores e práticas liberais e democráticas e combate sistemático ao socialismo como modo de organização social.

Nos anos seguintes, a AIB aglutinaria outras lideranças e organizações políticas de tendência nacionalista, antiliberal e antidemocrática, próximas ao fascismo e nazismo, e atuantes no país desde o início dos anos 30 - como o tenente Severino Sombra, da Legião Cearense do Trabalho, Olbiano de Melo, do Partido Nacional Sindicalista e o oficial Afonso Rodrigues Filho, do Partido Fascista Brasileiro -, unificando forças contrárias à organização popular e de esquerda para com elas constituir um movimento de massas com organização nacional.

A organização da AIB foi levada a cabo por uma parte dos setores médios da sociedade brasileira identificados com ideais e práticas políticas autoritárias e adeptos de formas centralizadas e antidemocráticas de governo para enfrentar os conflitos sociais existentes na sociedade brasileira de então. A elite intelectual e dirigente do movimento integralista era formada por advogados (Miguel Reale, Goffredo e Ignácio da Silva Telles, Santiago Dantas, Gustavo Barroso), jornalistas e/ou escritores (Plínio Salgado, Câmara Cascudo, Ernani Silva Bruno, Thiers Martins Moreira, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego, Américo Jacobina Lacombe, entre outros), economistas (Raimundo Padilha), médicos (Belisário Penna), professores, funcionários do comércio, militares (Olympio Mourão Filho), empresários (Roberto Simonsen) entre outros. Este grupo social buscava garantir seu espaço político na sociedade brasileira e controlar as lutas sociais e as revoltas operárias além de enfrentar organizações políticas que propunham transformar o país na década de 1930. Vários fatores políticos, econômicos, sociais e culturais marcaram este período e o tornaram propício à organização do movimento: os desdobramentos no Brasil da crise econômica mundial, o descrédito com o liberalismo político e econômico e o fortalecimento dos ideais autoritários, representados pelo nazismo e o fascismo italiano, além da crescente organização de forças populares à esquerda com a criação de partidos socialistas, organizações sindicais e o fortalecimento do PCB.

Em 1933, as Diretrizes Integralistas foram organizadas e a A.I.B. dá início à formação de sua estrutura diretiva, consolidada em fevereiro de 1934 durante o seu I Congresso Nacional, realizado em Vitória. Neste Congresso foram aprovados os *Estatutos da A.I.B.* e a estrutura organizacional do movimento reconhecendo Plínio Salgado como seu Chefe

Nacional, guia supremo e perpétuo do movimento integralista, além de tornar sua autoridade incontestável sobre as várias correntes fascistas, unificadas em um movimento nacional. A estrutura diretiva da AIB foi organizada tendo no topo da pirâmide o Chefe Nacional³, depois o Conselho Nacional, órgão consultivo do Chefe e na base os seis Departamentos Nacionais: Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia e Finanças.

Durante o segundo Congresso Nacional, realizado em Petrópolis (RJ) em 1935, houve uma reestruturação na organização da AIB e foram criados a Câmara dos Quarenta, um organismo consultivo do Chefe Nacional, como um Senado, o Conselho Supremo, composto de Secretários Nacionais e Chefes Provinciais, e a Corte do Sigma, o mais importante órgão da A.I.B., integrado por dirigentes dos principais órgãos de cúpula na hierarquia do poder. Além dessas mudanças, os antigos Departamentos se tornaram poderosas Secretarias e cinco novas secretarias foram criadas ampliando as frentes de atuação da AIB: Arregimentação Feminina e Plinianos, Imprensa, Relações Exteriores e Assistência Social.

A AIB manteve uma milícia armada, com estrutura inspirada no Exército e atuação semelhante à das brigadas paramilitares fascistas, tendo como um de seus organizadores, o então Capitão Mourão Filho. Constituído como um Departamento Nacional, a milícia era responsável pela direção da estrutura paramilitar do movimento em nível nacional, e teve Gustavo Barroso como seu chefe até sua extinção formal em 1935. A função da milícia, segundo Trindade, não era apenas preparar os militantes para os desfiles e estimular uma cultura física, mas desenvolver seu treinamento militar, “desde a instrução de ‘técnica, tática e moral’ até a elaboração de planos de combate”. A instrução militar era compatível com as cinco armas militares, constituintes da “tropa” integralista: infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia e aviação.⁴ A milícia e sua estrutura foram extintas em abril de 1935 pela Lei de Segurança Nacional e o Departamento Nacional foi renomeado, em 1936, como Secretaria Nacional de Educação (moral, cívica e física).

O Integralismo construiu ao longo de sua trajetória uma considerável estrutura de imprensa e propaganda em nível nacional. Um artigo do “Monitor Integralista”, de outubro de 1937, afirma que até aquele momento a “Imprensa Integralista” era composta por 08 grandes diários; “105 hebdomadários e quinzenários espalhados por todo o país; 03 revistas ilustradas: ‘Anauê!’ e ‘Brasil Feminino’, do Rio de Janeiro, e ‘Sigma’ de Niterói; uma revista de alta cultura: ‘Panorama’, de São Paulo; um jornal oficial do movimento, o ‘Monitor Integralista’

³ TRINDADE, H. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30, op. cit.*, p. 172.

⁴ TRINDADE, H. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*, pp.178-179.

e cerca de 3.000 boletins, semanais e quinzenais, impressos ou mimeografados, referentes ao serviço de cada núcleo”.⁵

Reorganizada como partido político em 1935 a Ação Integralista Brasileira foi a primeira organização partidária brasileira com estrutura e organização nacionais e chegou a reunir entre 500 mil e 800 mil adeptos, em uma população de 41,5 milhões de habitantes em 1935.⁶ Apesar dos cuidados necessários para analisar os números oferecidos por diferentes autores e também os fornecidos pelo próprio movimento, pode-se afirmar que a AIB teve um rápido crescimento no país. Segundo estimativas da AIB o número de inscrições realizadas entre 1933 a 1937, mantiveram um ritmo de crescimento anual: no final de 1933, 20.000 pessoas estavam inscritas; em 1934, este número aumentou para 180.000; em 1935, “saltou” para 380.000; em 1936 atingiu a cifra de 918.000 e, finalmente, em julho de 1937 estavam inscritos 1.352.000 militantes.⁷ Um documento da Divisão de Expediente do movimento⁸ aponta a existência de núcleos integralistas em 22 províncias (estados), sendo que Minas Gerais, Bahia e São Paulo detêm o maior número de núcleos municipais (acima de 100).

Essa dimensão, estrutura e estratégias de arregimentação criadas pela AIB a diferenciava dos partidos oligárquicos da Primeira República porque estes possuíam expressão regional e não tinham muita inserção popular e a aproximava de outro movimento de massas com organização nacional – a Aliança Nacional Libertadora – criada em janeiro de 1935, com a reunião de ampla frente nacionalista e popular de esquerda, mas com tendências ideológicas distintas como socialistas, católicos, positivistas, liberais e democratas filiados a diferentes partidos, tenentes, organizações operárias diversas e o Partido Comunista Brasileiro.

É nessa correlação de forças políticas que a AIB inicia sua mobilização eleitoral em 1935 para as eleições legislativas, mas só consegue eleger os candidatos integralistas, João Carlos Fairbanks, à Assembléia Legislativa de São Paulo e Jeovah Motta, à Câmara dos Deputados. Em junho de 1935 o Departamento Eleitoral e Sindical publica a Circular n.38 no

⁵ *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937, p.07. Os jornais integralistas diários eram: *A Offensiva*, do Rio de Janeiro; *A Ação*, de São Paulo; *O Imparcial*, da Bahia; *Diário do Nordeste*, do Recife; *A Província*, de Maceió; *A Razão*, de Fortaleza; *Acção*, de São Luiz do Maranhão e *Correio da Noite*, de Porto Alegre.

⁶ HILTON, Stanley. “Ação integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938”. In: *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945 (cinco estudos)*. São Paulo: Nova Fronteira, 1983, p.45.

⁷ *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937, p.04.

⁸ “Relação das Províncias integralistas com o nº de municípios”. Pasta 18, folhas 3-38. APERJ. O documento está sem data, mas provavelmente é de 1936, devido ao grande número de províncias e municípios.

jornal *A Offensiva* onde convoca os simpatizantes e militantes a se alistarem e orienta os seus núcleos e secretarias a desenvolver intensa campanha de propaganda por meio de cartazes, publicações e "tudo que possa chamar a atenção do público para a AIB",⁹ tendo em vista as eleições municipais e a eleição presidencial marcada para janeiro de 1938. Nas eleições de 1936, a AIB elegeu cerca de 500 vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais, obtendo cerca de 250 mil votos.¹⁰

Analisando a estrutura organizativa e o conteúdo ideológico do integralismo, Trindade chama atenção para a influência do fascismo europeu¹¹. A estrutura montada pela A.I.B., desde o Chefe até os militantes de base, pretendia formar uma organização burocrática hierarquizada e centralizada, além de exercer papel central na socialização dos militantes. Seu caráter burocrático se manifesta "no complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos, resoluções do Chefe e rituais"; e o viés autoritário, por sua vez, através "das relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (desde as organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores hierárquicos".¹²

Um dos temas mais debatidos entre os historiadores que estudaram o integralismo é o caráter fascista ou não do movimento e se ele é resultado apenas da 'importação de idéias' e projetos autoritários em ascensão na Europa de então. Vasconcellos em seu trabalho sobre a "análise do discurso integralista", por exemplo, afirma que o movimento é fascista, sendo de "ponta a ponta mimético", mas a sua especificidade em relação aos fascismos europeus é a falta de autonomia frente "às nações capitalistas hegemônicas".¹³ Já Chasin, busca negar a identificação do movimento em relação ao fascismo europeu. Para ele o Integralismo não seria um tipo de fascismo, mas sim uma "ideologia reacionária e utópica", uma regressão que ocorre na fase do capitalismo brasileiro, denominada "hiper-tardia".¹⁴

⁹ *A Offensiva*, 29/06/1935, p.06.

¹⁰ Verbete Plínio Salgado. ABREU, Alzira Alves de. (et al.) (coord.). *Dicionário Histórico Biográfico-Brasileiro pós-1930*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, pp.5200-02.

¹¹ Segundo Trindade, "a influência do fascismo europeu fez do integralismo uma ideologia eclética: ele incorpora o tradicionalismo social e religioso do Integralismo lusitano e do Salazarismo, o estatismo romano e o corporativismo do fascismo italiano e o anti-semitismo de inspiração nacional-socialista". TRINDADE, "Integralismo: teoria e prática política nos anos 30". In: Boris Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1981, p. 330.

¹² TRINDADE, Integralismo. "Teoria e prática política nos anos 30". In: *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1981, p.330.

¹³ VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira – análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.17.

¹⁴ CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – forma de capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p.652.

Hélgio Trindade critica estes autores¹⁵, afirmando que eles desconsideram a existência de um pensamento autoritário brasileiro e “partem do pressuposto de que não existe pensamento político brasileiro e que a história das idéias políticas no Brasil não passa de um processo de imitação, sem nenhuma originalidade, das doutrinas ou ideologias produzidas pelos países centrais”.¹⁶ Porém, este autor considera o Integralismo uma modalidade de fascismo, pois não é à toa que o título de seu livro seja “Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30”. No entanto, a adesão a este fascismo brasileiro por parte de setores importantes da população e a aceitação de sua organização paramilitar, segundo ele, não poderiam ser explicadas sem levar em conta as condições internas favoráveis.¹⁷

Marilena Chauí, em análise de 1978, já alertava para as simplificações e reducionismos que cercam explicações sobre a “fraqueza teórica do pensamento brasileiro e, em particular, da ideologia no Brasil” porque teríamos uma tendência à “importar idéias” que, uma vez transplantadas, “convertem-se em superafetação e ornamento grotesco”. Ela propõe em primeiro lugar, que essa “importação é determinada pelo ritmo (...) necessário do capitalismo brasileiro para ajustar-se ao compasso da música internacional”; segundo, que “a importação não é indiscriminada nem recolhe *in toto* as constelações ideológicas metropolitanas” e, acima de tudo, que “no caso específico do pensamento autoritário, a importação de idéias possui um sentido peculiar” pois “é por se tratar de um pensamento autoritário que há importação de idéias e não porque há tal importação que um certo pensamento brasileiro tornar-se-ia mimeticamente autoritário”. Ou seja, ela considera “que há uma forma autoritária de pensar e não apenas pensamentos que nasçam de formas autoritárias de agir”. Por isso, segundo esta autora, “é possível encontrar certas determinações que constituem um pensamento como pensamento autoritário”.¹⁸

Ela sugere um caminho para ir além da suposta imitação ou repetição mecânica de doutrinas, idéias e gestos que caracterizaram os movimentos nazi-fascistas europeus que,

¹⁵ TRINDADE “Integralismo. Teoria e práxis política nos anos 30”, *op. cit.*, pp.304-315.

¹⁶ TRINDADE, “Integralismo. Teoria e práxis política nos anos 30”, *op. cit.*, p.302.

¹⁷ Bertonha também se aproxima da tese de Trindade e afirma que o Integralismo é “um movimento surgido nos meios políticos e intelectuais brasileiros, a partir de um contexto de crise do sistema capitalista e também graças a problemas e características específicas da sociedade brasileira do período. Agindo dentro desse contexto, a Ação Integralista absorve componentes do fascismo europeu em seu organismo, o que levará a assumir caracteres cada vez mais próximos a este”. Sendo assim, a AIB não é uma cópia dos fascismos europeus, mas contém muitas semelhanças e é simpático a estes fascismos. BERTONHA, João Fábio. “A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30”. *In: História e Perspectivas*, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992, p.105.

¹⁸ CHAUI, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. *In: CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Silvia Carvalho. Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp.35-37. (grifos nossos)

‘importados’ teriam sido preenchidos com conteúdos locais. Segundo ela, o pensamento autoritário, se caracteriza exatamente por precisar recorrer a certezas prévias para que possa entrar em atividade e busca essas certezas “tanto em “fatos” quanto em “teorias”. Os primeiros são transformados em exemplos ou provas e a teoria em esquema formal ou modelo para ação política. Portanto, o pensar autoritário “apóia-se no já visto (o fato exemplar), no já pensado (a teoria prévia), no já enunciado (o discurso autorizado); teme o novo e o inédito”.

Assim, explica Chauí, o pensamento autoritário busca um “saber” no qual possa se apoiar, manipula fatos para poder exemplificar-se e graças a esses procedimentos evita “o risco da elaboração do conhecimento, torna-se clara a debilidade teórica e a exigência de importar idéias já consagradas alhures”.¹⁹ Para evitar pensar a diferença de nossa realidade e enfrentar o novo, os integralistas não só “importam” idéias, mas se apóiam em experiências históricas autoritárias na Alemanha e Itália consagradas no período.

O trabalho de Chauí me permite pensar nas aproximações entre as estratégias e procedimentos de propaganda integralistas e fascistas sem reduzir uma experiência a outra, mas apontando semelhanças, até porque foram contemporâneas umas das outras e Plínio Salgado visitou, conheceu e declarou seu encantamento com elas. Mais importante que discutir se o Integralismo é uma modalidade do fascismo ou não, é apontar o compartilhamento de práticas políticas fascistas pelo movimento e sua simpatia e contato com os regimes fascistas.

Ao longo da pesquisa fui tomando consciência de que também precisaria ficar atenta para a questão de que os ideais integralistas não podem ser vistos como “coisa do passado”, pois atualmente vários grupos adeptos da doutrina, chamados pelos historiadores de neo-integralistas, mantém intensa propaganda política com objetivo de arregimentar forças e reorganizar o movimento. Eles denominam o atual movimento de “Frente Integralista Brasileira” e recuperam idéias, textos, imagens e concepções de mundo da Ação Integralista Brasileira e da década de 1930, relacionando-as com questões atuais. Daí as críticas ao neoliberalismo e à globalização, à internacionalização da economia brasileira, aos movimentos sociais “de cunho esquerdista”, como o MST, acusados de “comunistas” combinadas com a antiga defesa do nacionalismo, da família e da moral cristã.

Embora sua organização esteja dispersa (eles afirmam ter núcleos organizados por todo o país) e não se constituam como um partido político, eles utilizam uma arma forte de

¹⁹ CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”, *op. cit.*, p. 38.

propaganda contemporânea: a *internet*. Artigos de antigos dirigentes, Gustavo Barroso e Miguel Reale, como também de Plínio Salgado Chefe Nacional “eterno” e dos novos dirigentes são divulgados *on-line*. Fotografias da AIB, muitas delas analisadas neste trabalho, além de distintivos, cartazes, entre outras imagens da década de 1930 estão no *site* do movimento²⁰, sem nenhuma referência ao tempo e lugar em que foram produzidas. Essa forma de divulgar as imagens integralistas tira-as da história, como se elas falassem por si mesmas, mas, acima de tudo, indicam a força de permanência de uma memória sobre tempos áureos do integralismo e sua capacidade de incorporar novos sentidos e sustentar novas práticas políticas no presente.

Atenta a essas questões, direcionei a pesquisa para a investigação das intenções e interesses em torno da produção e circulação de fotografias pela AIB, os usos que fizeram de imagens e as formas como elas foram divulgadas, tentando avaliar como os contemporâneos tomaram contato com elas. A pesquisa ampliou as questões iniciais e também a documentação a ser analisada de modo a incorporar os materiais produzidos pelos dirigentes integralistas: boletins, circulares, relatórios, panfletos, folhetos, que estão localizados no Arquivo Público do Rio de Janeiro (APERJ), na Série Integralismo, além dos periódicos integralistas existentes na Biblioteca Nacional, buscando explicar o intenso investimento em imagens e na fotografia, em particular, além da montagem de uma estrutura para a edição e distribuição de periódicos por parte do movimento.

A consulta e análise da vasta documentação produzida pelas Secretarias Nacionais e Municipais de Imprensa e de Propaganda, de Arregimentação Feminina e Plinianos e que circulava entre os dirigentes e militantes da AIB, além de Boletins e Circulares dos núcleos integralistas existentes nas Províncias da Guanabara e do Rio de Janeiro, encontrados no Arquivo Público do Rio de Janeiro, permitiram problematizar a utilização de fotografias em um movimento político de massa e indagar mais sobre as articulações entre imprensa e fotografias. Essas indagações se ampliaram com as evidências da existência de uma estrutura hierárquica e administrativa inteiramente dedicada a dirigir, dar suporte e fiscalizar seus próprios jornais e revistas e suas estratégias de propaganda, além de orientar a divulgação de seus princípios doutrinários e projetos políticos em jornais não integralistas. Ficou evidente a importância que o Integralismo atribuiu à propaganda doutrinária e política através de fotografias e da imprensa com diferentes finalidades: arregimentação de

²⁰ Para uma pequena amostra do modo como as imagens e textos integralistas aqui analisados são reapresentados hoje ver: www.integralismo.org.br. Acesso em: 05/08/2005.

militantes, propaganda de idéias e princípios, pedagogia ou formação política de militantes, a produção da memória e da visibilidade pública do movimento, entre outras.

A pesquisa aos periódicos integralistas, o jornal diário *A Offensiva* (1934-1938) e a revista ilustrada *Anauê!* (1935-1937), ambos editados no Rio de Janeiro, mas com circulação nacional, buscou evidenciar usos e funções que as fotografias, e outros tipos de imagens, tinham para o integralismo, como instrumentos de propaganda política e educação das “massas”, além da perceber como os textos (legendas, títulos e artigos) e imagens (fotografias, ilustrações e caricaturas) se articulavam no intuito de divulgar a ideologia e criar os sentidos pretendidos pela AIB. A pesquisa ao periódico *Monitor Integralista*, onde eram publicadas as resoluções da Chefia Nacional, feita no Arquivo Público e Histórico do município de Rio Claro/SP, reforçou a compreensão de que o movimento investiu maciçamente na propaganda política através de imagens.

É importante chamar a atenção para a forma como na pesquisa pensei e analisei a imprensa e a fotografia. O historiador precisa ter consciência dos modos e procedimentos utilizados para lidar com esta fonte, para não torná-la, conforme afirmou Maciel, “um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes”. A imprensa será enfrentada aqui “como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais”. Sendo expressão de relações sociais, ela expressa interesses e projetos de diferentes forças sociais, que estão em constante embate, e os articula segundo a lógica de interesses “de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa”.²¹

Essas reflexões indicam um progressivo deslocamento de minha análise do campo da História Cultural para uma História Social que se preocupa em investigar as redes de práticas, costumes, significados e comportamentos sociais, para evidenciar as relações e conflitos entre os diferentes sujeitos sociais. Isso significa que a análise das fotografias, produzidas e veiculadas pela AIB, partiu da compreensão de que elas estão intimamente ligadas às questões sociais – interesses e objetivos do movimento – e ao tempo histórico nas quais foram produzidas. Por essa razão, a identificação do conteúdo imagético ou as técnicas utilizadas no “click” fotográfico não foram as preocupações fundamentais na análise desta documentação; tentei ir além desta esfera, buscando as escolhas de fotógrafos e editores, as

²¹ MACIEL, Laura Antunes. “Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920”. In: MACIEL, L. A. (et. al.) (orgs.). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004, p.12.

práticas, sentidos e relações que as fotografias publicadas na imprensa integralista, e fora desta também, pretenderam criar no social.²²

Minhas questões centrais se voltaram então para indagações sobre qual a importância e os significados da fotografia e da imprensa no movimento integralista? Em quais situações o movimento produziu registros fotográficos? Como essas fotografias foram usadas e com quais intenções? Em que medida o movimento produziu uma linguagem e um registro fotográfico próprios? Quais assuntos foram objeto desse tipo de registro e como eles foram retratados?

Algumas questões sobre a utilização de imagens para propaganda política do movimento surgiram com a leitura da dissertação de mestrado de Aline Lacerda sobre o projeto editorial da “Obra Getuliana”²³, um trabalho de propaganda do governo Vargas amplamente ilustrado e idealizado por Gustavo Capanema. Ao longo da leitura, percebi que vários usos políticos que a AIB fez de suas imagens, ainda que não fosse Governo, se assemelham muito com os usos feitos pelo Estado Novo, como por exemplo, a organização de exposições que mostrassem através da imagem o poder e apoio ao governo/governante, ou o uso do cinema para mostrar as façanhas e benfeitorias do Estado Novo. Assim como a propaganda da ditadura Vargas teve um alcance enorme, a imprensa integralista, ao circular por grande parte do território brasileiro, teve papel imprescindível na propagação das propostas e ideário integralistas. Muitos são os trabalhos produzidos sobre a organização e a produção da propaganda política no Governo Vargas²⁴ mas, a bibliografia levantada sobre a AIB demonstrou que esta preocupação por parte do movimento nunca foi investigada.²⁵ E mais, nestes estudos a utilização de fontes imagéticas se restringe à ilustração.

²² Tais preocupações com análise da fotografia são similares às de Marta E. J. Barbosa e Laura A. Maciel em: BARBOSA, Marta E. Jacinto. “Os famintos do Ceará”. In: MACIEL, Laura A., (et al.) (orgs.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004 e MACIEL, Laura A. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da 'Comissão Rondon'*. São Paulo: EDUC, 1998.

²³ LACERDA, Aline Lopes de. *Fotografia e discurso político no Estado Novo: uma análise do projeto editorial Obra Getuliana*. Rio de Janeiro, Dissertação defendida na Escola de Comunicação da UFRJ, 1998.

²⁴ Alguns exemplos são: LACERDA, Aline, *op. cit.*; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998; PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999; GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo - ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982; SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2003.

²⁵ A participação nos três Encontros Nacionais de Pesquisadores do Integralismo (ocorridos, o primeiro em outubro de 2002, em Rio Claro/SP; o segundo em novembro de 2003, em Porto Alegre/RS e o terceiro em novembro de 2005, em Ponta Grossa/Paraná) permitiram-me, além de ter uma visão

Para que o conhecimento histórico produzido a partir de fotografias não se limite à ilustração de militantes, eventos integralistas e histórias, é preciso buscar as relações entre a imagem e o grupo que a produziu, indagando sobre os objetivos e intenções do investimento na produção de registros visuais, recusando desta forma, tomá-las como registro fiel do real ‘tal qual ocorreu’.²⁶ Sarlo também chama a atenção para o cuidado que o historiador deve ter para não pensar a obra de arte (de forma análoga, a fotografia) como “uma espécie de miniaturização do mundo ou do texto sagrado no qual sempre se podem encontrar respostas para todas as perguntas formuladas”, tais como: a obra de arte “fala” para quem? Onde? Em que momento?²⁷

O integralismo utilizou a fotografia como um meio de provar a existência do conteúdo retratado, de comprovar a veracidade daquelas informações exibidas, daí a afirmação, em um panfleto integralista sobre a revista *Anauê!*, da “evidência esmagadora de seus atos”, que reproduzi no título desta dissertação.²⁸ Desta forma, o uso de fotografias nas páginas da imprensa ampliavam as possibilidades de criar efeitos de verdade, produzir e divulgar sua versão dos acontecimentos, registrando a realidade de acordo com os olhos do integralismo. A suposta objetividade da imagem fotográfica deve ser questionada, pois concordamos com as reflexões de Freund quando afirma que “o seu poder de reproduzir exatamente a realidade exterior – poder inerente à sua técnica – empresta-lhe um caráter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social”. No entanto, continua a autora, “mais do que qualquer outro meio, a fotografia é capaz de exprimir os desejos e as necessidades das camadas sociais dominantes, e de interpretar à maneira delas os acontecimentos da vida social”.²⁹ Embora, efetivamente, a câmara capte a realidade e tenha uma incrível semelhança com ela, a fotografia, como afirma Sontag, “constitui uma interpretação do mundo, da mesma maneira que a pintura ou o desenho”.³⁰

A fotografia é considerada aqui como fonte para a história. Sendo assim, possibilita ao historiador investigar sua produção e usos no passado, como também suas reapropriações no presente. A memória, neste sentido, é algo dinâmico, não está presa ao passado, e está

ampla da produção historiográfica sobre o Integralismo, comprovar a falta de interesse dos historiadores do assunto pela temática: Propaganda Política na AIB.

²⁶ MACIEL, Laura A., *A Nação por um fio*, op. cit., p.35-36.

²⁷ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: EDUSP, 2005, p.82.

²⁸ Panfleto 152, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

²⁹ FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*, op. cit., p. 20.

³⁰ SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981, p.07.

sempre passando por releituras político-ideológicas pelos grupos sociais do presente³¹. Ela é vista também como prática social e expressão de relações sociais, por isso as esferas da produção (com suas escolhas, seleções e usos da fotografia) e circulação (as formas de divulgação das fotografias) foram investigadas ao longo do trabalho.

Consciente de que, ao entrar em contato com as fotografias, vou me deparar com sentidos construídos pelos que a elaboraram e divulgaram mas, como historiadora, vou investi-las de um sentido diverso deste, próprio à problemática desta pesquisa. Concordo com Chesneaux quando ele afirma que, enquanto a relação passado→presente está fundamentada sobre o silêncio, o ocultamento, o controle de informações, a relação presente→passado vivida pelo historiador deve ser explicitada, ou melhor politizada.³²

Com o encaminhamento da pesquisa e das leituras, a problemática inicial modificou-se e tomou outra amplitude, sendo assim, o cerne deste trabalho deslocou-se para a compreensão da produção e divulgação de fotografias pela Ação Integralista Brasileira no período de sua atuação legal (1932 – 1937), tendo como recorte as fotografias produzidas e veiculadas por meio de sua imprensa periódica e pela imprensa carioca simpatizante. Portanto, meu olhar para as fotografias da AIB, publicadas em seus próprios periódicos ou nos demais jornais e revistas cariocas, buscou avaliar quais ‘desejos e necessidades’ elas exprimiam para, com elas e a partir delas, acompanhar quais evidências elas oferecem da interpretação integralista sobre aquela conjuntura e os embates sociais vividos pelo movimento.

Investiguei também fotografias integralistas apreendidas pela Polícia Política³³ durante a ditadura Vargas e que hoje estão sob a guarda do APERJ. Esta série contém 567 fotografias em p&b, 25 cartões postais e 71 reproduções, todas digitalizadas e organizadas em 12 subséries, de acordo com as funções e atividades da AIB, do Partido de Representação Popular (nome da AIB, após a II Guerra, quando voltou à legalidade) e da Delegacia Especial

³¹ Compartilho do entendimento de memória e de sua relação com a história presente na fundamentação teórica e metodológica do Projeto PROCAD. *Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas Memórias, Outras Histórias*. Capes/2000.

³² CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer Tabula Rasa do Passado? Sobre a História e os Historiadores*. São Paulo: Ed. Ática, 1995, p.64.

³³ A Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS), subordinada à Polícia Civil do Distrito Federal, órgão integrante do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, foi criada em 1933, com a competência de prevenção, investigação e vigilância policial aos crimes e atividades contra a segurança do Estado e a ordem social, destacando-se o controle e a repressão sobre organizações políticas, entre elas a Ação Integralista Brasileira (AIB). No exercício das suas atividades a DESPS, principalmente por ocasião do Levante Integralista de 1938, apreendeu documentos textuais e fotográficos da AIB que foram reunidos com outros documentos pela própria polícia.

de Segurança Política e Social e por assuntos relevantes na trajetória do movimento integralista.

Consultei, ainda, o acervo de fotografias produzidas pelo integralismo mantido pelo Arquivo Público e Histórico de Rio Claro - APHRC, formado através de doação de Carmela Patti Salgado, esposa de Plínio Salgado, em 1984, reunindo documentos e materiais acumulados por Salgado ao longo de sua vida política. A este acervo foi dado o nome de “Acervo Plínio Salgado”, e reúne uma grande variedade de documentos pessoais, da AIB e do PRP, correspondências, periódicos, livros, fotografias, variados objetos da AIB, como distintivos e bandeiras. O conjunto fotográfico contém 3280 fotos que registram momentos familiares de Plínio Salgado e políticos (na AIB e Partido de Representação Popular), estas não estão digitalizadas e muitas delas continuam nos álbuns que foram organizados por Plínio Salgado com uma numeração dada por ele.

A idéia inicial era comparar os dois conjuntos fotográficos integralistas produzidos no Rio de Janeiro – as fotografias de militantes da AIB existentes no acervo de fotografias hoje reunidas no APHRC e as produzidas pelos próprios periódicos do movimento presentes no acervo do APERJ. Minha intenção era observar se estes conjuntos compunham focos narrativos distintos e se os registros fotográficos evidenciavam ângulos diversos do movimento. Para isso, eles seriam comparados a fim de analisar diferenças e semelhanças nos conteúdos imagéticos, nas formas de mostrar acontecimentos, objetos, pessoas e lugares, buscando evidenciar se as imagens eram alteradas após passarem do espaço privado para o espaço público da imprensa, por exemplo.

No entanto, as evidências de que a maioria das fotografias consultadas durante a pesquisa foram publicadas nos dois periódicos integralistas cariocas, a revista ilustrada *Anauê!* e o jornal *A Offensiva*, direcionou a investigação para acompanhar a forma como as imagens eram divulgadas nestes veículos da propaganda integralista, distribuídos para o Brasil inteiro e considerados pelo movimento “os maiores e mais eficazes veículos de propaganda do Sigma”.³⁴

A localização de referências freqüentes aos periódicos *Fon-fon*, *A Noite Ilustrada* e *Diário de Notícias* nas páginas de *A Offensiva*, em função de noticiarem favoravelmente eventos integralistas, levou a um questionamento quanto ao alcance da propaganda integralista na imprensa carioca. Por outro lado, chamou minha atenção, ao longo da pesquisa, o fato de algumas fotografias produzidas e veiculadas pelo movimento serem

³⁴ *Anauê!*, n° 08, ano II, p.24.

publicadas também nestes jornais não integralistas, além de textos produzidos por integralistas ou jornalistas simpáticos. A partir desta constatação, busquei na pesquisa analisar o trânsito de textos e fotografias entre eles para observar aproximações e diferenças nas formas como ambos foram utilizados e problematizar possíveis interesses desta imprensa em publicar textos e fotografias que apoiassem o movimento.

O período cronológico escolhido para a análise desta imprensa foi 1933 até 1937, acompanhando o funcionamento legal e crescimento da AIB. A revista *Anauê!* circulou bimensalmente no início, passando a mensal a partir do quinto número, no período de 1935 a 1937; o jornal *A Offensiva* circulou semanalmente entre 1934 e 1935 e diariamente de 1936 a 1937, as revistas *Fon-fon* e *A Noite Ilustrada* circulavam semanalmente e o jornal *Diário de Notícias* diariamente, em todo o período selecionado.

Foram utilizadas neste trabalho também algumas entrevistas com jornalistas e pessoas que militaram no integralismo, na década de 1930. Embora estas entrevistas não tenham sido feitas por mim, o que direcionaria mais o conteúdo das perguntas, me ajudaram a pensar o entendimento de jornalistas não integralistas da época sobre a atuação do movimento e sobre a presença constante da censura governamental no seu meio de trabalho, além de entrar em contato com depoimentos de dois dirigentes integralistas que conviveram com intelectuais importantes para o pensamento brasileiro naquele momento, simpatizantes ou dirigentes, de grande prestígio no movimento.

A análise às fotografias foi empreendida com a consciência de várias dificuldades enfrentadas ao longo do processo de pesquisa. O fato de não encontrar a identificação dos fotógrafos que produziram as fotografias na imprensa, ou qualquer informação sobre eles, foi uma delas. Buscando contornar este problema, voltamos a investigação para uma outra instância de autoria: o próprio integralismo, que contratava fotógrafos, selecionava quais fotos seriam divulgadas e aceitava ou não o envio de fotos feitas e enviadas por militantes. Sobre esta questão da autoria, buscou-se apoio na reflexão de Foucault acerca do discurso e da autoria discursiva. Segundo ele, a “função autor” deve ser problematizada devido a sua complexidade, pois o autor do discurso está inserido em conjunto de relações sociais e de poder que devem ser levadas em conta. Neste sentido, a “função autor” do fotógrafo pode ser substituída pela instância maior, o Integralismo, que desempenha a função de autor na

medida que legitima e difunde as fotografias, contrata o fotógrafo, determina as matérias e fotografias a serem publicadas, etc.³⁵

Outra dificuldade, de certa forma, foi a impossibilidade de identificação do equipamento utilizado para a produção das fotografias. Pode-se fazer algumas suposições do tipo de tecnologia utilizado observando as fotos que serão analisadas. A presença de fotografias com a movimentação dos seus atores, e em alguns momentos fora do espaço privado, indica o uso de uma máquina leve e com alto nível de definição da imagem em variadas condições luminosas. Embora não saibamos qual a máquina utilizada e quais os fotógrafos ou o fotógrafo que produziu as fotos, supõe-se que foi usada alguma máquina portátil, leve, com uso de algum tipo de *flash*.

Tanto para profissionais como para amadores, que tivessem recursos financeiros para isso existia uma gama variada de Casas que vendiam material fotográfico na década de 1930 no Rio de Janeiro. A existência de anúncios de casas fotográficas nos periódicos integralistas analisados aqui, como o da “Casa Photo”, de Paulo G. Salgado, que anunciava a venda de “material fotográfico para profissionais ou amadores”, “maior sortimento e melhores preços”, além de chamar a atenção dos militantes que “preferir a ‘Casa Photo’ é auxiliar um companheiro seu”, mostram que, além do incentivo à produção fotográfica dada pelo movimento aos militantes, opções de lojas eram divulgadas aos integralistas e possivelmente “companheiros” seus trabalhavam no ramo.³⁶

Segundo Mauad, na década de 1930, a base técnica da fotografia já estava dada, pois “já se realizava a microfotografia, a transmissão de imagens por telégrafo já havia sido experimentada e a fotografia à cores era uma realidade cada vez mais próxima. Afora a disponibilidade de recursos para a confecção de imagens, tais como: filmes orto e pancromáticos, lentes anastigmáticas, teleobjetivas e grande-angulares, aparelhos

³⁵ “A função autor (...) não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários ‘eus’ em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar”. Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p.70 *apud* LACERDA, Aline Lopes. “Os sentidos da imagem. Fotografias em arquivos pessoais”. In: *Fotografia. Acervo, Revista do Arquivo Nacional*, vol.06, n.01/02 – jan/dez de 1993, p.42-43.

³⁶ *Anauê!*, jul/1936, nº 11, p.22.

fotográficos reflex portáteis de precisão e rapidez inéditas, filtros para a correção da tradução das cores e todo o recurso para a revelação e ampliação da foto.”³⁷

A construção de uma metodologia para a análise das imagens, principalmente fotografias, publicadas na imprensa integralista e simpatizante inspirou-se em alguns trabalhos acadêmicos voltados para a análise histórica de fotografias na imprensa, que identificam a imprensa e a produção fotográfica como práticas sociais e, por isso, instituintes de relações de poder. A tese de Marta Barbosa analisa um conjunto de imagens mobilizadas para construir uma “memória plástica” da fome e dos famintos no Ceará na imprensa cearense e carioca no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX. Tal como a autora, procurei analisar as imagens não de forma isolada, restringindo-se a sua descrição, mas focalizando o conjunto das páginas em que foram publicadas, atentando para os textos que as compunham (legenda, título e subtítulo da matéria, entre outros), tamanho e disposição delas nas páginas, seu diálogo com outras imagens. Desta forma, são identificados silêncios e elementos escolhidos pelos produtores de imagens e da imprensa para definirem um tipo de memória dos eventos e pessoas, ou seja, é identificado “o sentido político da prática jornalística, da prática fotográfica, da produção de informações e articulação de projetos sobre e para distintos lugares e sujeitos”.³⁸

A dissertação de Rogério Sottili investiga a construção da imagem pública do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através de três focos: o jornal *O Estado de São Paulo*, representando a grande imprensa, o *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, que difunde fotografias produzidas pelo movimento, e o olhar de Sebastião Salgado, que fotografou o movimento e divulgou para o mundo inteiro através do livro *Terra*.³⁹ Seu trabalho me fez atentar para o fato de que a produção fotográfica e seus usos na imprensa por um movimento político são carregados de intenções, sendo assim a análise de elementos presentes na fotografia em conjunto com sua legenda ou demais textos que estejam dialogando com ela, indicam a produção de identidades e práticas políticas e sociais, que podem ser construídas pela imprensa tanto de forma favorável ao movimento, como de forma a desqualificá-lo junto à opinião pública.

³⁷ MAUAD, Ana M. *Sob o signo da imagem, A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Niterói, Tese de Doutorado em História, UFF, 1990, p.30.

³⁸ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Famintos do Ceará. Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo, Tese de Doutorado em História, PUC/SP, 2004, p.286.

³⁹ SOTTILI, Rogério. *MST: A nação além da cerca. A fotografia na construção da imagem e da expressão política e social dos sem-terra*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, PUC/SP, 1999.

O livro de Jeziel De Paula, fruto da sua dissertação de Mestrado em História defendida na Unicamp, também foi importante para esta análise das fontes imagéticas.⁴⁰ Em seu trabalho ele analisa a construção de uma memória sobre a mobilização militar dos paulistas pela constitucionalização em 1932, através de fotografias, desenhos e charges que circularam em vários meios de propaganda, inclusive a imprensa paulista. Algumas de suas preocupações e escolhas ao analisar suas fontes, foram incorporadas neste trabalho: observar possíveis cortes e manipulações nas fotografias pela imprensa que as publicou, investigar elementos que indicassem a censura às imagens, exercida por alguns representantes da imprensa pró-governo provisório, e a escolha de eixos temáticos, que perpassam a produção e seleção destas imagens pela imprensa (por exemplo, a mobilização feminina para o esforço de guerra).

O fenômeno do uso da propaganda por regimes políticos no início do século XX, em meio ao avanço tecnológico e científico, foi incontestavelmente dominante neste período. Não é à toa que Hitler afirmou: “A propaganda permitiu-nos conservar o poder, a propaganda nos possibilitará conquistar o mundo”.⁴¹ Através de vários veículos de comunicação, tais como o rádio, o cinema e a imprensa, governos e ditaduras, de esquerda ou direita, buscaram o convencimento e apoio de um raio cada vez maior de pessoas e grupos sociais. A AIB, em sua luta pelo poder político, utilizou largamente estratégias de propaganda política, onde as imagens desempenharam papel importante. É interessante atentar ao fato de que o uso da propaganda com fins políticos no Brasil, não foi inaugurado com o Estado Novo, embora a bibliografia sobre este assunto deixe transparecer esta impressão.

Por meio destes veículos de comunicação, instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças, a Ação Integralista Brasileira difundiu símbolos, representações da vida social brasileira, dos seus agentes, instâncias e autoridades, enfim, todo um imaginário social. Este se caracteriza, segundo Baczco, por uma “orientação da atividade imaginativa em direção ao social, isto é, a produção de representações da ‘ordem social’ dos atores sociais e das suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, conflito, etc), bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder”.⁴² A análise que será feita dos usos de caricaturas e fotografias na imprensa

⁴⁰ PAULA, Jeziel De. *Imagens construindo a história*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

⁴¹ DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Edição Ridendo Castigat Mores. (versão on-line de DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. São Paulo: Difusão Européia, 1963). Disponível em: <http://www.jahr.org/net/proppol.htm>. Acesso em 09/11/2005.

⁴² BACZCO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol.05, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.309.

integralista, por exemplo, vão indicar várias imagens sendo acionadas a fim de conquistar os corações e mentes dos leitores, tais como imagens e símbolos cristãos (como a figura do diabo representando o mal, ou o cristo crucificado), para depreciar os comunistas, por exemplo.

O entendimento da propaganda política neste trabalho não a relaciona à “manipulação” simplesmente de mentes inocentes ou vítimas do processo, ou uma “via de mão única”. É necessário ter em mente a dimensão do consentimento dos militantes e que eles não são, como chama a atenção Barbero, no seu estudo sobre a dinâmica comunicacional, “simples decodificadores daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também produtores”.⁴³ Sendo assim, torna-se compreensível, por exemplo, a estratégia integralista de chamar os militantes a produzirem fotografias sobre o seu cotidiano no movimento e enviá-las à revista “Anauê!”, como será exposto adiante.

A estrutura definida para este trabalho divide-se em três capítulos, que pensados em conjunto, buscam investigar as práticas integralistas de produção imagética, quais os sentidos e como se deu esta produção e quais os sentidos que pretenderam construir e divulgar.

O primeiro capítulo da dissertação “Doutrinar, educar e influenciar: significados de imagens e imprensa para a Ação Integralista Brasileira” analisa os usos e significados de imagens e da imprensa para a propaganda da Ação Integralista Brasileira, entre 1932 e 1937. Neste sentido, são explicitados os sentidos e intenções da produção destes registros, além da criação e o funcionamento de uma estrutura – as Secretarias de Propaganda e Imprensa – para a produção e divulgação de imagens e periódicos integralistas. Procurei avaliar a importância atribuída pela AIB à propaganda política e à imprensa, recuperando iniciativas como o Congresso de Imprensa Integralista e a escola de jornalismo, criadas para implementar a edição e financiamento de jornais e revistas e, também, definir normas e padronizar procedimentos e linhas editoriais.

Além disso, para mostrar que esta forma de fazer propaganda através de imagens e de periódicos não está isolada no tempo e no espaço, busquei estabelecer relações com outras formas de se fazer propaganda e imprensa no Brasil daquele período, quando mecanismos de restrição à liberdade de imprensa, a censura e a repressão política se

⁴³ BARBERO, Jesús Martín-. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003, pp.298-299.

combinam por meio de órgãos como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante a ditadura Vargas.

No segundo capítulo “Construindo a imagem pública do integralismo: fotografias e imprensa” caracterizei as formas de fazer propaganda por meio de fotografias na imprensa integralista carioca, analisando a revista *Anauê!* e o jornal *A Offensiva*. Pretendi comparar as diversas formas de narrar acontecimentos e fazer propaganda por meio de fotografias (detalhando temáticas mais comuns, modos de representar pessoas/situações, observando relação entre textos e fotografias localização nas páginas, composição, legendas, etc.), em cada um desses periódicos integralistas editados na cidade do Rio de Janeiro. Algumas questões orientaram as reflexões neste capítulo: Quais as razões do Integralismo em publicar fotografias e desenhos em suas páginas? Quais as estratégias utilizadas para construir uma memória favorável ao movimento e atacar seus inimigos através de imagens? Estas estratégias eram iguais na revista ilustrada *Anauê!* e no jornal *A Offensiva*?

O último capítulo da dissertação “Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca” realizou a sondagem das alianças e articulações entre parcelas da imprensa carioca e a AIB, investigando as revistas *A Noite Ilustrada* e *Fonfon* e o jornal *Diário de Notícias*, simpatizantes ao movimento que, sistematicamente, divulgavam seus textos e fotografias. Minha intenção é não só evidenciar a capacidade da AIB construir apoios e alianças, mas também, identificar oposições e semelhanças nos modos como o movimento é retratado em cada periódico. Para isso foram selecionadas algumas estratégias e formas freqüentes de publicar as fotografias integralistas nos periódicos do movimento e, também, nestes três periódicos simpáticos ao integralismo, a fim de investigar os interesses e visões de mundo que os aproximam.

1- Doutrinar, educar e influenciar: significados de imagens e imprensa para a Ação Integralista Brasileira

A AIB, movimento político de caráter autoritário, desde sua constituição até a proibição de sua existência em 1937, criou e aperfeiçoou toda uma estrutura administrativa para a produção e divulgação de textos e imagens para sua propaganda política. Neste sentido, o aproveitamento da imprensa, não somente a integralista, mas também a simpatizante ao movimento, para esta difusão de suas idéias e projetos por todo o Brasil foi fundamental. Este aparato administrativo, fazendo jus aos seus criadores, buscava controlar de forma autoritária todos os mecanismos e pessoas envolvidas no seu funcionamento, de forma altamente centralizada, além de exercer uma censura severa de tudo que era veiculado nos meios de comunicação mantidos pelo movimento, incluindo a imprensa.

Esta forma autoritária de pensar os meios de comunicação não é compartilhada somente pela intelectualidade que controla o aparato técnico-administrativo do integralismo. Ela está presente em grande parte dos intelectuais brasileiros da década de 1930, que se julgavam os únicos capazes de levar aos “menos letrados” a cultura nacional, assim como, de controlar os meios de difusão desta “cultura”. A intelectualidade que participou da organização administrativa do Estado Novo e os rumos centralistas e autoritários que foram dados à educação e ao controle das comunicações, a partir do golpe, exemplificam bem a existência de um pensamento autoritário muito arraigado entre os pensadores brasileiros desta década.

A análise da produção de sentidos pelo movimento, principalmente por meio da imprensa e da fotografia, passa pela investigação da criação e funcionamento de uma estrutura administrativa no interior da AIB para a produção e divulgação de fotografias e edição de periódicos: as Secretarias de Propaganda e Imprensa, focando particularmente a experiência do movimento integralista no Rio de Janeiro. Neste capítulo, procuramos situar a importância atribuída pela AIB aos meios de comunicação de massa, em particular à imprensa e à produção e difusão de fotografias, acompanhando debates e definições internas sobre a edição de periódicos; os sentidos e intenções envolvidos na produção de imagens pelo movimento e os usos que fizeram das mesmas, além de identificar os meios de divulgá-las. Embora, nossa atenção esteja voltada para os mecanismos de produção e circulação de fotografias por meio da imprensa, dentro dos limites deste capítulo, serão analisados outros tipos de imagens e sua utilização pelo movimento a fim de evidenciar o grande investimento em feito pelo integralismo na sua propaganda político-ideológica e partidária.

A propaganda política foi amplamente utilizada pelos regimes e movimentos políticos do mundo inteiro durante os anos 1930. Os governos fascistas europeus fizeram uso de uma variedade de artifícios e meios de comunicação, como a imprensa e as grandiosas manifestações públicas, a fim de conquistarem e manterem o apoio da população. Aqui no Brasil, durante os embates entre movimento constitucionalista de São Paulo e o governo em 1932, a imprensa paulista pró-constitucionalista manipulou ideologicamente uma grande variedade de fotografias em suas páginas para construir uma versão dos acontecimentos favorável a eles.¹

Desde 1934, o governo Vargas se preocupava em organizar um órgão destinado a orientar o uso do cinema e “demais processos técnicos que sirvam como instrumento de difusão cultural”,² o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Este órgão, com a implantação do Estado ditatorial de Vargas em 1937, veio a ser o embrião do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que controlaria com “mão de ferro” a produção cultural e política dos meios de comunicação brasileiros. Neste ambiente de intenso investimento em propaganda política e no controle à produção e divulgação de informações a Ação Integralista Brasileira vai compartilhar experiências e elaborar suas preocupações em difundir, convencer e controlar a opinião pública através da criação e manutenção de uma Secretaria de Propaganda logo no início da institucionalização de sua organização administrativa em 1934.

Argumentos pró utilização da propaganda neste momento foram discutidos em um artigo intitulado “a publicidade como profissão”, publicado no jornal *Diário de Notícias*³. Escrito por A. Bomfim, baseado em livro sobre publicidade editado pela Cia. Editora Nacional, informa que a propaganda, antes restrita a interesses comerciais, no período da “Grande Guerra Mundial” (a primeira) começou a ser utilizada pelo Estado para “influir sobre a opinião pública”. Pesquisadores sobre o assunto verificaram que os mesmos meios utilizados para propaganda com fins comerciais poderiam ser aproveitados para “levar um público a freqüentar uma igreja ou a votar com um partido político”. A partir de então, segundo ele, “não há partido político, não há obra de caridade, não há empresa comercial sem um serviço de publicidade”. Embora o autor não aprofunde neste artigo os mecanismos de propaganda utilizados pelos regimes e partidos políticos, fica claro nesta análise que a propaganda para fins políticos neste momento é amplamente explorada e proposta como preocupação governamental.

¹ Sobre esta construção de uma memória favorável aos constitucionalistas através da fotografia ver: PAULA, Jeziel de. 1932. *Imagens construindo a história*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

² Trecho do decreto nº 24.651 de 10/07/1934, transcrito de: SOUZA, José I. M. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2003, p. 84.

³ *Diário de Notícias*, 12/09/1934, p.02.

Em um artigo intitulado “A propaganda do Sigma”, O Chefe do Departamento Nacional de Propaganda até 1936 e redator do jornal integralista *A Offensiva*, José Madeira de Freitas, buscou convencer o leitor do investimento pesado em propaganda feito pelo movimento. Neste texto ele enumera e procura comprovar com números sua afirmação inicial: “jamais houve, em nossa Pátria, movimento algum de opinião, cujo apostolado excedesse, quer em área territorial, quer no método, à propaganda das idéias do Sigma”. Embora se deva tomar cuidado com o exagero dos números que apresenta e com a exaltação acalorada do movimento, este artigo nos indica alguns elementos que caracterizam a propaganda no movimento. A repetição e grande quantidade de “sessões doutrinárias” organizadas pelos núcleos no país – o autor informa que semanalmente os núcleos organizavam duas sessões – apontam para uma característica da propaganda do movimento de repetir sistematicamente sua doutrina buscando o convencimento. O autor entende como sessão doutrinária também as “concentrações públicas nos grandes centros metropolitanos”, os Congressos, muitas vezes abertos ao público, as “bandeiras migratórias intermunicipais e interprovinciais”⁴, que mobilizavam um grupo de dirigentes e militantes em viagens para levar a doutrina a lugares onde o integralismo não tivesse nenhum núcleo. Ou seja, estes eventos e mobilizações públicas indicam claramente a função da propaganda: aumentar as “fileiras das legiões do Sigma” e a convocação dos integralistas para participarem da campanha de doutrinação de novos adeptos. Outra característica que nos chamou a atenção foi o destaque que o autor deu à exploração do maior símbolo integralista, o Sigma (Σ) e o investimento na sua divulgação através de distintivos, de “objetos de uso pessoal”, de emblemas, da camisa que, segundo ele, “vale por um arauto permanente de nossas idéias”, objetos estes que vinculam imagens alusivas ao integralismo e nos mostram sua presença entre as preocupações da sua propaganda.⁵

A propaganda integralista além de buscar a ampliação do número de adeptos, entendia que seu papel deveria ser “educar” os brasileiros sobre a realidade nacional, à luz da doutrina integralista, “pondo em equação todos os grandes problemas da Pátria”⁶. Nota-se nesta segunda função que a educação está intimamente ligada ao sentido de doutrinação para a AIB.

⁴ Com este termo a AIB recupera a mitologia do bandeirante e nomeia as excursões de militantes e oradores em várias partes do Brasil para fazer propaganda do movimento. Muitas dessas bandeiras eram nomeadas com nomes de “mártires” do Integralismo, ou seja, pessoas que morreram em algum confronto com militantes de esquerda.

⁵ FREITAS, José. M. “A propaganda do Sigma”. *A Offensiva*, 02/04/1937, p.02.

⁶ “Decreto que regulamenta a instrução doutrinária entre os integralistas”, assinado em 25 de maio de 1934. *Monitor Integralista*, ano II, nº 07, agosto de 1934, pp.03 e 04.

Elaborando uma hierarquia da propaganda em função dos seus destinatários, Plínio Salgado explica que

“(…) para os mais cultos (o integralismo) publica livros. Tendo já lançado mais de 20 volumes contendo a filosofia, o fundamento jurídico, as bases econômicas e o esquema da estrutura política. Para os menos cultos, folhetos, boletins, artigos de jornal, pois temos já mais de 80 pequenos semanários humildes, em todo Brasil disseminando a nossa doutrina. E finalmente para os analfabetos, usamos da conversação, dirigindo-lhes diretamente ao coração e ao entendimento”⁷.

Neste texto está expressa não só a concepção de educação proposta pelo integralismo – assentado na hierarquia social e no domínio da cultura letrada – como revela estratégias diferenciadas de doutrinação e propaganda. Para os iletrados, falavam “ao coração” buscando convencer pelo sentimento e, provavelmente, por meio de fotografias; aos mais cultos, considerados mais aptos para compreender a doutrina, a abordagem deveria ser feita por meio de livros e, para a população situada entre estes extremos a imprensa era o principal canal de comunicação.

Os intelectuais integralistas produtores da doutrina e mentores dos métodos e estratégias de propaganda e doutrinação tomam para si a tarefa de educar a população menos culta, que é vista por eles como imatura, incapaz, ingênua, um “povo-criança”, cuja orientação cabia aos mais aptos, aos mais cultos e aos dirigentes do país.⁸ Além de educação este povo precisaria de controle, de ser vigiado, como afirma Salgado, em um contexto pós-levante comunista de 1935:

“Em 30, a minha palavra foi a mesma de 32: é preciso educar, educar, educar. Hoje, acrescento outra palavra: educar e vigiar (...) Hoje temos de educar como uma sentinela à porta da Grande Escola”.⁹

Encontramos nesta concepção da sociedade como um ser imaturo que precisa ser guiado e controlado, uma das premissas do pensamento político autoritário, que delega aos intelectuais os papéis de porta-voz dos anseios populares e de propor formas de ação e condutas ao povo. Esta característica elitista, de defesa do papel exclusivo das elites como condutoras do processo de mudança social e política e tutoras do povo brasileiro, ignorante e despreparado, perpassa amplos setores do pensamento brasileiro na década de 1930. Este é marcado por

⁷ *A Offensiva*, 20/07/1935, p.10.

⁸ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p.135.

⁹ SALGADO, Plínio. *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937, p.66.

algumas características, em alguma medida, comuns aos intelectuais: o elitismo; a crítica à falência do liberalismo e a defesa de um projeto centralizador para a política brasileira; um conservadorismo, no qual domina uma visão de mundo onde “a ordem, a hierarquia e a tradição têm o papel predominante”; autoritarismo e nacionalismo exacerbados, que se complementam na concepção da atribuição exclusiva de poder ao Estado e seu governante para a realização do objetivo de criar uma nacionalidade.¹⁰

Mônica Velloso em sua análise dos intelectuais e sua atuação nos quadros administrativos do Estado Novo, aponta várias destas concepções sobre o papel do intelectual e da educação no discurso e prática de intelectuais como Gustavo Capanema, Menotti Del Pichia, Cassiano Ricardo, entre outros, que atuaram no âmbito do Estado. A autora mostra ainda que esses intelectuais estavam mais preocupados em converter elementos da cultura brasileira em instrumento de doutrinação do que propriamente em pesquisa e reflexão. Com esta intenção aspectos de exaltação da tradição brasileira, seus “heróis” e símbolos foram selecionados para educar a “massa”, fixando as bases míticas do Estado forte. Esta compreensão da educação e do papel do intelectual na sociedade é muito semelhante à proposta pelo integralismo, o que torna inteligível a ampla adesão de intelectuais ao integralismo, principalmente levando-se em conta que a herança modernista, vencedora no âmbito do Estado Novo é a do grupo dos “verde-amarelos”, organizado na década de 20 por Cassiano Ricardo, Menotti Del Pichia e ninguém menos que Plínio Salgado, chefe nacional do integralismo.¹¹

A imprensa, importante veículo de propaganda da AIB, foi pensada pelo integralismo como fator de educação para a população “menos culta” que, por esta razão, estaria em contato menor com o livro do que com o jornal. Esta defesa do papel da imprensa como responsável pela educação da sociedade, fica bem clara em uma entrevista dada ao jornal *A Offensiva* por Ernani Silva Bruno, Secretário de Doutrina e Estudos, em 1936.¹² A imprensa para ele se revestia de uma grande importância, pois “a população alfabetizada do Brasil está por força de circunstâncias facilmente verificáveis, muito menos em contato com o livro, com a biblioteca, com a conferência educativa, do que com o seu jornal e com sua revista ligeira” e

¹⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, pp.14-16 e 30-34.

¹¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 09, 1997, pp.58-74.

¹² *A Offensiva*, ano III, 15/12/1936, p.01. Ernani Silva Bruno que formou-se na Academia de Direito de São Paulo, colaborou em vários periódicos paulistas como *A Noite*, *O Estado de São Paulo*, *Folha da Manhã* e o *Diário de São Paulo*. Na década de 1950 escreveu trabalhos memorialísticos sobre a cidade de São Paulo, como exemplo: BRUNO, E. S – *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: José Olympo, 1954.

complementou dizendo que “o homem do povo das grandes cidades, homem que nunca teve um livro entre as mãos, lê o jornal”. Por isso, a grande responsabilidade da imprensa brasileira, que tinha os papéis de educar o povo, difundir conhecimentos, popularizar as conquistas científicas e técnicas e “democratizar” as realizações culturais e artísticas. Evidentemente que a popularização dos conhecimentos e a educação do povo pela imprensa não poderia ser realizada sem uma direção e orientação. Uma análise do “Código de Ética” da imprensa integralista, criado em 1936 durante o Primeiro Congresso Integralista de Imprensa, evidencia a concepção de que a imprensa não deveria expressar e dar visibilidade a uma pluralidade de idéias, projetos e propostas e sim ser partidária, porque as “incertezas e angústias” do momento determinavam uma imprensa que representasse o povo, que o orientasse em torno de uma única idéia, a idéia integralista.¹³

Nesse único Congresso Integralista de Imprensa, realizado entre os dias 18 e 20 de dezembro de 1936, em Belo Horizonte (MG), algumas das teses discutidas são interessantes para problematizar os significados da imprensa para o integralismo. A discussão em torno do tipo de jornal a ser feito, se estritamente doutrinário ou não, mostra a preocupação, neste momento de disputa presidencial e de ataques ao caráter antidemocrático do integralismo, em produzir jornais e revistas que não fossem voltados exclusivamente aos interesses e assuntos integralistas, já que a imprensa era um instrumento poderoso de propaganda do movimento, como se afirmou na diretiva nº 01 do Congresso:

“(…) Ele (o jornal integralista) tem o papel precípua de levar o Integralismo ao não-integralismo, de conquistar para a nossa orientação áreas de influência cada dia mais extensas (...) abrindo os olhos do povo, mostrando de que lado está sua causa, e trazendo os mais valorosos para o lado onde se defende a Pátria, a Justiça Social e a Democracia (...)”.¹⁴

A discussão interna em torno das eleições presidenciais levou os dirigentes a recomendarem neste Congresso a publicação apenas de informações enviadas pela Chefia do movimento, que os jornais deveriam ficar atentos a campanha eleitoral e não esquecerem que neste momento da disputa pelo poder político com outras forças políticas, de criticar, o que eles interpretavam a seu modo como “os processos antidemocráticos por que se vem orientando os outros partidos políticos”. Este aspecto da disputa do integralismo por espaço com outras forças

¹³ CAVALARI, Rosa M. F., *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. São Paulo: EDUSC, 1999, p.85.

¹⁴ “Secretaria Nacional de Imprensa. Departamento de Orientação. Diretiva nº 01”. *Monitor Integralista*, ano V, n.17, 20 de fevereiro de 1937, p.13.

políticas brasileiras é essencial para entender o seu investimento em jornais e revistas ilustradas ou não por todo o Brasil. Como mostraremos mais adiante, seus periódicos foram armas usadas pelo movimento para atacar seus adversários políticos, principalmente os comunistas e, neste sentido, as fotografias em conjunto com os textos publicados, contribuíram bastante para a construção de uma memória favorável aos integralistas nesse momento da luta política. Finalizando esta diretiva, são apontados os três sentidos máximos da imprensa integralista: “(...) Doutrinar, educar e influenciar é a tarefa dos nossos jornais”.¹⁵

Esta definição de objetivos e funções para a propaganda e a imprensa deve ser entendida em um contexto maior de construção de um aparato administrativo pelo movimento, paulatinamente, a fim de difundir sua doutrina e “educar” os brasileiros, e mais, de controlar o conteúdo dessa difusão - exercendo uma censura severa aos seus meios de comunicação - e de difundir sua propaganda nos meios de comunicação não integralistas, controlados ou não por simpatizantes ou militantes.

1.1 - Controle e difusão da propaganda integralista: as secretarias de propaganda e imprensa em funcionamento

A Secretaria Nacional de Propaganda (SNP) foi fundada em 1934, com a denominação de Departamento Nacional de Propaganda, no 1º Congresso Nacional da AIB, realizado em Vitória (ES) e no ano seguinte foi renomeada oficialmente Secretaria. Seu regulamento a define como “um dos setores fundamentais da Ação Integralista Brasileira” cuja finalidade era “difundir o mais possível às idéias da AIB, de modo a granjear-lhe o maior número de adeptos”.¹⁶ A SNP estava em constante contato com as secretarias em nível estadual, chamadas por eles de Secretarias Provinciais de Propaganda, municipal e distrital. Esta organização da administração das atividades de propaganda com várias secretarias centralizadas e controladas pela secretaria nacional pode ser comparada ao que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo organizou nos estados brasileiros. Lourival Fontes pôs em prática uma estrutura administrativa altamente centralizadora com a institucionalização de órgãos filiados ao

¹⁵ “Secretaria Nacional de Imprensa. Departamento de Orientação. Diretiva nº 01”. *Monitor Integralista*, ano V, n.17, 20 de fevereiro de 1937, pp.13 e 14.

¹⁶ “Regulamento da Secretaria Nacional de Propaganda”. *Monitor Integralista*, nº 15, out/1936 e republicado na *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livraria Clássica Brasileira, 1959, pp.117-126.

DIP nos estados (os DEIPs), permitindo ao governo um considerável controle da informação nacionalmente.¹⁷

A SNP centralizou um conjunto de funções visando controlar a criação e difusão de toda a avaliações da propaganda do movimento, além de manter-se informada sobre as propagandas desfavoráveis construídas por seus adversários: cabia a ela elaborar planos e sugestões de propaganda que deveriam ser enviados às suas ramificações nos estados e municípios; apreciar e aprovar as sugestões enviadas por estas; autorizar e distribuir, pelos núcleos, os oradores que iriam apresentar conferências doutrinárias; censurar qualquer tipo de informação que não se adequasse às idéias integralistas em todos os meios de comunicação do movimento; manter-se informada sobre as matérias divulgadas em jornais não-integralistas sobre o movimento e a propaganda contrária ao integralismo feita em jornais e outros meios de divulgação.

Era diretriz da secretaria nacional que toda propaganda, impressa ou falada, deveria “revestir-se de caráter essencialmente simplista, evitando-se tanto quanto possível o emprego de linguagem pouco acessível”, procurando dessa forma adequar a linguagem da propaganda ao nível intelectual dos grupos sociais a quem se dirigiam.¹⁸ Esta secretaria também centralizava a avaliação dos pedidos de autorização de qualquer empresa ou pessoa que quisesse fabricar produtos destinados à propaganda do Sigma e estipulava “as necessárias condições” para que isso acontecesse.

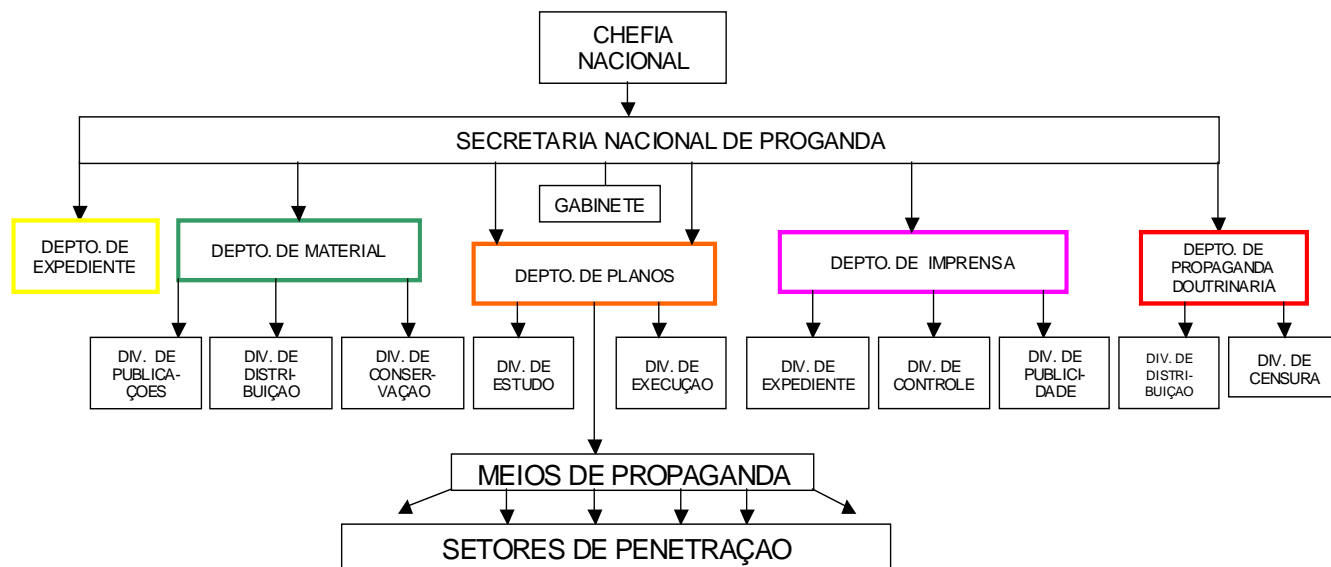
As funções da Secretaria Nacional de Propaganda estavam divididas entre o chefe da secretaria e seu Gabinete e os funcionários dos “Departamentos de Expediente, de Material, Planos, Imprensa e Propaganda Doutrinária”, como pode ser visualizado em uma parte do Organograma desta secretaria na próxima página.¹⁹

¹⁷ VELLOSO, M. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, *op. cit.*, p.63.

¹⁸ “Diretiva nº 01 da Secretaria Nacional de Propaganda”. Pasta 20, folha 85, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. O documento está sem data, mas é provável que seja de 1935, porque a descrição da organização da Secretaria é semelhante à do organograma desta secretaria publicado no *Monitor Integralista*, de 07/05/1935. Pasta 20, folha 85, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁹ No regulamento da SNP datado de 28 de julho de 1936 esta organização está diferente, possivelmente porque ao adquirir experiência e prática ao longo do tempo ela foi modificando sua estrutura. Neste novo regulamento as funções da secretaria são as mesmas, mas os Departamentos foram reunidos em três: “Departamento de Material, de Execução e de Criação e Censura”. “Regulamento da Secretaria Nacional de Propaganda”. Retirado de *Monitor Integralista* de julho de 1936 e publicado na *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livreria Clássica Brasileira, 1959, pp.117-126.

Organograma da Secretaria Nacional de Propaganda



O original foi publicado em *Monitor Integralista*, ano III, nº 10, 07/05/1935, p.10.

Embora, tenhamos consciência de que esta organização não era um complexo administrativo perfeito, deveria certamente ter problemas de corrupção e falta de organização entre seus funcionários, a análise da estrutura proposta para esta secretaria busca investigar como a AIB pensou a produção e difusão da sua propaganda em nível nacional.

Eram funções do chefe da secretaria nacional: transmitir aos secretários provinciais e municipais as ordens do chefe; organizar e divulgar regulamentos, diretivas e portarias para as demais secretarias; designar os responsáveis por cada “Departamento”; transmitir ao Secretário Nacional de Finanças o orçamento da secretaria nacional e das demais secretarias; coordenar a execução da propaganda e enviar ao Chefe Nacional informações sobre o funcionamento da SN e das demais. Este conjunto de funções nos indica a centralização de tarefas na figura do “chefe da secretaria”, que deveria escolher até os responsáveis por cada departamento ligado à secretaria e a força da hierarquia no interior movimento, observada na resolução de que todas as informações sobre o funcionamento das secretarias deveriam ser transmitidas ao chefe nacional por meio do chefe da Secretaria Nacional de Propaganda.

A Secretaria Nacional de Propaganda, quando ainda era chamada de Departamento, foi chefiada por José Madeira de Freitas. Em 1917 se formou em Medicina no Rio de Janeiro e na década de 1920 foi caricaturista da revista humorística *Dom Quixote*, sob o pseudônimo de Mendes Fradique, onde publicou várias caricaturas ricas em ironias e críticas ao governo. Nos anos 1930 deixa a literatura humorística para se dedicar a medicina e entra em contato com o integralismo, ao qual se filia. Além do cargo de chefia no departamento de propaganda, foi chefe provincial da AIB no Distrito Federal e diretor do jornal integralista *A Offensiva*. A partir de 1935, quando a estrutura administrativa do movimento passa por reformulações, a recém renomeada Secretaria Nacional de Propaganda passa a ser chefiada pelo integralista Paulo Lomba Ferraz.

Ao Departamento de Expediente da SNP cabia produzir dados estatísticos sobre o material de propaganda produzido e distribuído, registrar e arquivar dados das nomeações e substituições de funcionários da secretaria, e cuidar da correspondência recebida. Estas funções eram divididas entre diferentes seções (nomeadas de: protocolo, arquivo, pessoal, estatística, datilografia e correspondência)

O Departamento de Material era responsável por organizar e disponibilizar o material necessário aos demais departamentos, além de prestar contas sobre o movimento financeiro da Secretaria. A análise das divisões e seções deste departamento indica que possivelmente este deveria conservar, armazenar o material de propaganda produzido (livros, pequenas placas metálicas, boletins, folhetos e qualquer outro impresso ilustrado ou não), além de distribuir este material aos núcleos, de graça ou cobrando alguma taxa, como forma de arrecadação financeira para a secretaria.

Este departamento provavelmente era responsável pela venda de distintivos, medalhinhas, cartões postais, cartazes, entre outros objetos, a fim de arrecadar dinheiro para o financiamento de suas atividades, inclusive para investir em propaganda. Esta Secretaria e as demais também recebiam recursos financeiros distribuídos pela Secretaria Nacional de Finanças, com ramificações nos estados, que arrecadava dinheiro advindo dos militantes, convidados a dar contribuições mensais de 1\$000, a chamada “Taxa do Sigma” e a Taxa Esportiva, de 300\$000. Aqueles mais abonados ou os simpatizantes podiam fazer doações em dinheiro ou espécie e colaborar também com a venda de artigos diversos produzidos pela SNP. Uma tabela de preços e descrição destes artigos²⁰, mostra uma variedade grande de objetos

²⁰ “Tabela de Preços nº 03. Secretaria Nacional de Finanças”. Folheto 14. Série Integralismo, Fundo DESPS, APERJ.

como apitos, calças de brim, gravatas, luvas, camisas bordadas com o sigma e distintivos de veludo ou metal, diferentes para cada posto hierárquico da Secretaria de Educação; uniformes e distintivos para as militantes do Departamento Feminino e “plinianos”.²¹ Além destes artigos, eram vendidos aos militantes e núcleos interessados bandeiras integralista e nacional, flâmulas, objetos para acampamentos e excursões, fivelas de metal, ou folhadas a ouro, para cinto com o Sigma ou a frase “Deus, Pátria e Família”, fotografias do Chefe Nacional, distintivos esmaltados com desenhos alusivos aos Congressos, Conclaves, Livros “de doutrina e estudos”, pasta dental “Anauê”, entre outros.

Recursos financeiros para esta e outras secretarias também foram conseguidos através de Campanhas Financeiras realizadas em níveis nacional, provincial, municipal e distrital.²² Os materiais localizados sobre estas Campanhas, em nível nacional, mostram a variedade de formas de arrecadar fundos para os gastos do movimento e toda uma estrutura mobilizada e orientada por regulamentos referentes ao modo de arrecadar, o que poderia ser arrecadado e quais os fins desta arrecadação.

A “Campanha D’ouro”, por exemplo, visava recolher objetos de ouro, prata, platina e pedras preciosas para constituir um fundo de reserva que seria empregado na “propaganda doutrinária e política” do movimento, no “desenvolvimento da Imprensa Integralista”, nos “serviços de assistência social”, “alistamento eleitoral e despesas relativas às próximas eleições”, “ampliação da educação física”, “comemorações cívicas a grandes vultos e fatos da História” e “ampliação dos serviços de vigilância contra o comunismo”.²³ Em cada província, município e distrito seriam organizadas Comissões com membros que iriam fiscalizar e arrecadar os donativos, sendo estes de caráter “espontâneo” e enviados a Comissão

²¹ A integração formal na A.I.B. começava aos 04 anos de idade, os “plinianos” (como eram chamadas as crianças e adolescentes integralistas) eram organizados por idade, em grupos de 4 a 6 anos (infantes), 6 a 9 anos (curupiras), 10 a 12 anos (vanguardeiros) e 13 a 15 anos (pioneiros), e havia rituais de obediência ao Chefe a partir dos 06 anos de idade. TRINDADE, Hélgio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30, op. cit.*, p.191.

²² *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937, p.08.

²³ “Regulamento da ‘Campanha D’ouro’”, de 30 de dezembro de 1936. Documento 01, Pasta 22. Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Em matéria do jornal *A Offensiva* intitulada: “Grandes sacrifícios integralistas”, argumenta-se que a origem desta Campanha foi o sacrifício de um menino vendedor de mingau na Bahia, que deu ao seu Chefe Municipal o anel de brilhante que ganhou da madrinha, como a notícia correu e várias pessoas de todas as partes do país resolveram dar coisas de valor para a AIB, o chefe resolveu organizar esta arrecadação através de uma campanha. Compreende-se este esforço de argumentação se for levado em conta que jornais opositores acusam a AIB de ser financiada, não por recursos próprios, mas sim pelo governo ou por regimes fascistas europeus. *A Offensiva*, 27/12/1936, p.01

Nacional.²⁴ Outra Campanha, que visava arrecadar “importantes recursos para auxiliar a propaganda integralista”, propôs a doação de selos usados ou coleções filatélicas dos militantes e simpatizantes, para vender, principalmente, no mercado estrangeiro.²⁵

Já o Departamento de Planos da SNP era responsável por elaborar, apresentar e executar os projetos de propaganda, apreciar e talvez executar as que fossem sugeridas por militantes de fora da secretaria e também se encarregava da censura às sugestões de propaganda recebidas. A possibilidade de a militância sugerir propostas de propaganda para o movimento foi divulgada na imprensa integralista, buscando estimular os militantes a tomar iniciativas de divulgar o movimento. O jornal *A Offensiva*, por exemplo, noticiou que Ernani Esmeraldo de Figueiredo Júnior, secretário de Educação Moral, Cívica e Física do núcleo de Três Corações, na província de Minas Gerais, distribuiu vários maços do cigarro “Camisas Verdes”, produzido para a propaganda do movimento, com uma frase datilografada por ele: “A vida do camisa-verde deve ser uma contínua ascensão, trabalhosa e difícil, em busca de seu aperfeiçoamento, tendo bem presente dentro de si, a idéia de Deus, como condição desse aperfeiçoamento”. O jornal explora esta ação do militante para afirmar que “(..) Qualquer camisa-verde com um pouco de inteligência e boa vontade pode prestar grandes serviços à causa sacrossanta que está empolgando a nação”.²⁶

Ao Departamento de Propaganda Doutrinária cabia autorizar e distribuir pelos núcleos os oradores que iriam apresentar conferências, reuniões doutrinárias, “bandeiras de penetração”, entre outros eventos, além de selecionar os tipos de publicações integralistas que deveriam ser lidas por estes oradores.

Os doutrinadores, advindos da elite educada do país, eram instruídos no curso de “Estudos Integralistas” oferecido pelo Departamento Nacional de Doutrina, nomenclatura que após 1936 será mudada para Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos. Tais cursos eram oferecidos nos Departamentos Provinciais de Doutrina e as disciplinas oferecidas eram “História Social Brasileira”, “Introdução à Sociologia Geral”, “Noções de Direito Corporativo”, “História das Doutrinas Econômicas”, “Noções Gerais de Organizações Políticas” e “História Militar Brasileira”. Nestes Departamentos a Seção Provincial de Estudos abrigava a subseção de Pesquisas, que se responsabilizava em reunir e acumular dados referentes a cada estado,

²⁴ Uma pequena nota na revista *Anauê!* informa que Plínio Salgado resolveu doar o ouro cedido pelos integralistas para a Campanha do Ouro à Nação para “consolidar o crédito da Pátria e soerguer o valor da moeda brasileira”. *Anauê!*, nº 15, ano III, maio de 1937, pp. 06 e 07.

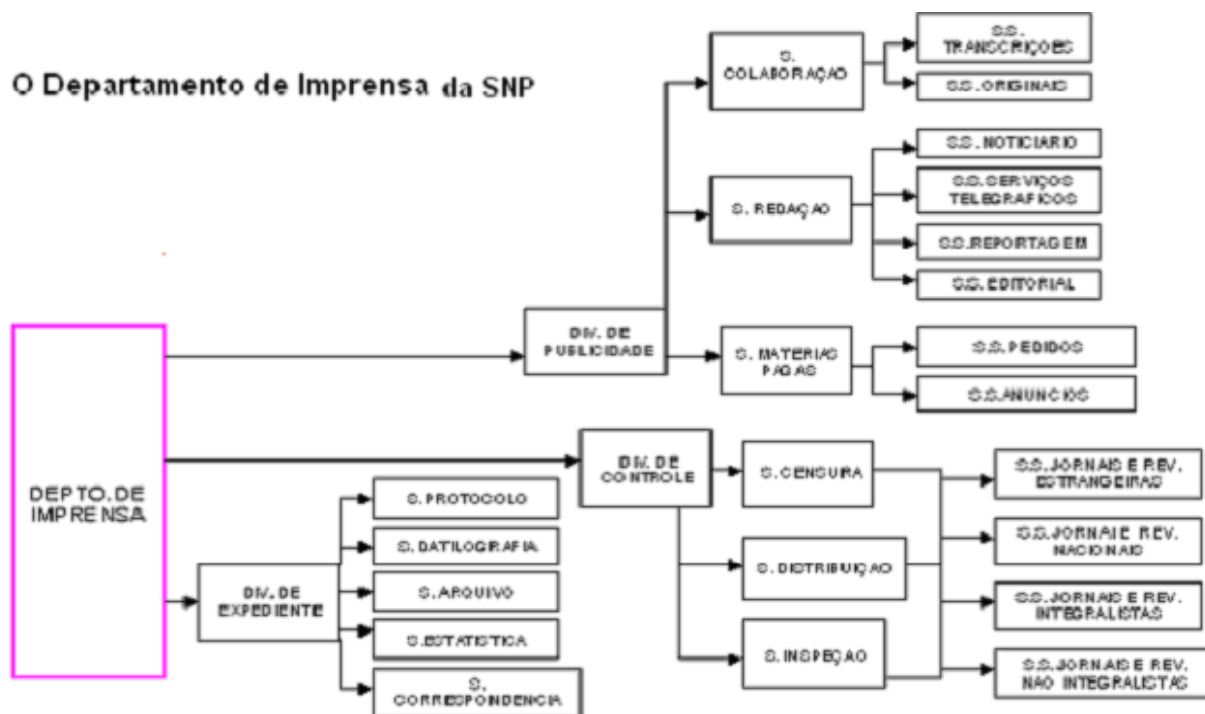
²⁵ *Monitor Integralista*, ano V, nº 21, 17/07/1937, p.06

²⁶ *A Offensiva*, 29/03/1936, p.10.

produzindo gráficos e estatísticas, para que a propaganda integralista, a disseminação da doutrina, se adequasse às especificidades locais. Essas informações eram organizadas pelos funcionários divididos nas seguintes sessões: “(a) Geografia e antropogeografia; (b) Etnografia e folclore; (c) Sociologia; (d) História; (e) Economia Social e Política; (f) Finanças; (g) Pedagogia e (h) Direito.”²⁷

Possivelmente este departamento também deveria oferecer cursos aos doutrinadores instruindo sobre a forma de transmitir a mensagem de modo a empolgar e convencer os ouvintes a entrarem para o movimento

O Departamento de Imprensa era o responsável pelo monitoramento das reportagens, notas e notícias sobre o movimento publicadas em jornais e revistas não-integralistas, nacionais e estrangeiros; pela censura à imprensa integralista, pela elaboração de textos e imagens que fizessem propaganda do movimento nos seus jornais e nos jornais simpatizantes; pela seleção e encaminhamento de materiais produzidas por colaboradores do movimento e auxiliar os jornais na busca de anúncios publicitários para o seu financiamento.²⁸



Retirado do organograma da SNP publicado em Monitor Integralista, ano III, 07/05/1935, nº 10, p.10

²⁷ “Decreto que regulamenta a instrução doutrinária entre os integralistas”, *op. cit.*, p.03.

²⁸ Algumas tarefas das Secretarias de Propaganda ligadas à imprensa passam a ser compartilhadas com as Secretarias de Imprensa a partir de sua criação em 1936.

Provavelmente este departamento também fosse responsável pela seleção de fotografias, desenhos e caricaturas que seriam publicadas nas páginas dos jornais integralistas e daquelas que deveriam ser entregues aos jornais simpatizantes ao movimento.

Um pequeno texto assinado pela SNP publicado no primeiro número de *Anauê!* informava: “(...) Tendo examinado os originais da matéria a ser publicada no primeiro n° da revista, e nada achando em desacordo com a doutrina integralista, autorizo sua publicação. (...)”.²⁹ Algumas notícias encontradas no jornal *Diário de Notícias* também trazem afirmações como “segundo informações que nos foram prestadas na Secretaria de Propaganda (...)” ou “recebemos da Secretaria Nacional de Propaganda”,³⁰ que indicam que notícias e fotografias eram enviadas às redações dos jornais e revistas ou obtidas por seus jornalistas através deste departamento. O circuito de circulação de fotografias deste departamento para os jornais de fora do movimento não era demorado, como pode ser observado no pequeno intervalo de tempo entre as datas de publicação de fotografias nos periódicos integralistas *A Offensiva* e *Anauê!* e nos periódicos *Diário de Notícias*, *A noite Ilustrada* e *Fon-fon*, comparados no terceiro capítulo desta dissertação.

O que nos chamou atenção na análise do organograma da SNP, além do fracionamento minucioso das responsabilidades dos departamentos em divisões e diversas seções, transmitindo a idéia de um forte ordenamento e funcionalidade, é a existência de uma sessão de censura em quase todos os departamentos, com exceção apenas dos departamentos de material e expediente, que exerciam funções mais ligadas à secretaria e administração financeira. Este indício indica a presença do controle da produção e distribuição não só no nível macro, feito pelo chefe da secretaria, mas também no nível micro, dentro de cada um dos departamentos. A presença de um departamento inteiramente dedicado a propaganda por meio da imprensa também é um indício importante, pois demonstra a relevância deste meio de comunicação para o movimento chegar aos “menos cultos”.

A preocupação da AIB com a imprensa surgiu inicialmente em 1934 e paulatinamente foi sendo construída uma estrutura para administrá-la e controlá-la. Inicialmente os serviços de imprensa não estavam delegados a um departamento específico, ao contrário, estavam divididos entre a “Seção de Imprensa” ligada ao “Gabinete da Chefia Nacional” e o “Departamento de Imprensa” da Secretaria Nacional de Propaganda, como já foi exposto. Segundo Resolução de Salgado, a seção de imprensa do seu gabinete manteria a ligação entre

²⁹ *Anauê!*, n° 01, ano I, 1935.

³⁰ *Diário de Notícias*, 29/09/1935, p.03.

a chefia nacional e os órgãos de imprensa integralista; estaria unida por laços de colaboração aos Departamentos Nacionais de Doutrina e Propaganda; organizaria um “cadastro da imprensa brasileira classificando os periódicos em categorias: ‘integralistas’, ‘os simpatizantes’, ‘os indiferentes’ e ‘os inimigos’ ”; redigiria notícias e as enviaria aos jornais integralistas, e manteria a organização de 3 álbuns: um de artigos publicados pelo Chefe Nacional, outro de artigos de doutrinadores integralistas e outro com notícias, fotografias e comentários de jornais não integralistas sobre o movimento.³¹ Nota-se nesta fase inicial do investimento em propaganda via imprensa, a preocupação com o monitoramento da imprensa alheia ao movimento, procurando saber seu grau de empatia pelo movimento, é muito forte, não somente na Seção de Imprensa, ligada ao gabinete do chefe nacional, mas também no Departamento de Imprensa da Secretaria Nacional de Propaganda.

Em 1935 a AIB criou o consórcio jornalístico *Sigma-Jornais Reunidos*, reunindo todos os jornais integralistas editados no país para formar o “maior monobloco jornalístico até hoje criado na América do Sul”, para controlar e fiscalizar 88 jornais integralistas filiados ao consórcio, por sua vez subordinado à Secretaria Nacional de Propaganda³². Esse consórcio era, na sua forma, semelhante à corporação *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, que chegou a controlar 36 jornais, 19 tevês, 25 rádios, 18 revistas e duas agências de notícias³³. Ao longo da pesquisa não foram encontradas mais informações sobre o papel deste consórcio, mas compartilhamos da opinião de Cavalari de que sua criação fez parte de uma das estratégias do movimento de controlar e padronizar a “orientação” doutrinária divulgada aos militantes do Brasil inteiro via imprensa.³⁴

Considerando o grande número de jornais ligados ao movimento e o aumento da dificuldade de outras Secretarias, como a de Propaganda, em coordenar as atividades ligadas à imprensa integralista e monitorar a opinião da imprensa de fora, a AIB cria em junho de 1936 a Secretaria Nacional de Imprensa.³⁵ Seu chefe até a extinção do movimento pelo Estado Novo foi o advogado Santiago Dantas, um dos fundadores do integralismo, que já em 1931 participou como redator do jornal *A Razão* organizado por Plínio Salgado para divulgar as idéias que iriam

³¹ *Monitor Integralista*, ano II, nº 06, maio de 1934, p.08. Não foi encontrado nenhum documento ou álbum desta “Seção de Imprensa”, ligada ao Gabinete do Chefe Nacional, que contribuisse para a análise do seu funcionamento.

³² *A Offensiva*, 28/09/1935, p.01.

³³ Entrevista do historiador Renato Alencar Dotta sobre sua pesquisa acerca da aproximação da AIB dos trabalhadores urbanos e rurais através do jornal paulista *Acção* para o site “sala de imprensa” da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: www.fflch.usp.br/sdi/imprensa/noticia. Acesso em 20/10/2006.

³⁴ CAVALARI, *op.cit.*, p.84.

³⁵ “Resolução nº 168”, *Monitor integralista*, ano IV, nº 15, 3/10/1936, p.03.

fazer parte da doutrina integralista. Este integralista tinha um círculo de relações bem amplo: fora oficial do Gabinete do Ministro de Educação e Saúde Pública e Professor Catedrático de Legislação e Economia Política na Escola Nacional de Belas Artes, em 1932, e redator do principal órgão técnico da Caixa Econômica, a convite do próprio presidente da instituição, em 1933.³⁶

O regulamento desta Secretaria³⁷ reúne um conjunto de funções, que antes estavam dispersas entre diversas secretarias, e mostra uma organização administrativa mais “enxuta”, do que sua organização anterior na SNP. Assim como as outras secretarias, esta tinha ramificações hierarquicamente divididas em níveis nacional, provincial e municipal. A Secretaria Nacional de Imprensa seria o órgão coordenador, orientador e organizador da imprensa integralista em todo o país e centralizaria um conjunto de funções: orientar e cooperar com os jornais integralistas, fornecendo matérias e, possivelmente fotografias, e direcionar ofícios do Chefe Nacional e artigos dos colaboradores integralistas de todo o país aos jornais; organizar empresas (sociedades anônimas, de preferência³⁸) e obras que dessem auxílio financeiro a imprensa; auxiliar e estimular jornais integralistas e “favoráveis” ao integralismo e enviar a estes artigos e notícias cuja publicação fosse considerada “de interesse para a AIB”; fazer publicidade pela imprensa de tudo o que precisar o integralismo, fazer intercâmbio entre os “homens de Imprensa” filiados ou simpáticos à AIB; organizar reuniões e congressos para sistematização de trabalhos; avaliar os pedidos de matrícula e inscrever os jornais ligados ao movimento no consórcio *Sigma-Jornais Reunidos* e exercer a censura de todas as informações ligadas ao integralismo em sua imprensa.³⁹

As funções da Secretaria Nacional de Imprensa estavam divididas entre o chefe da Secretaria e seu Gabinete e os funcionários dos “Órgãos de Orientação, de Execução e de

³⁶ Verbete “DANTAS, San Tiago”. ABREU, Alzira Alves de (et.al.) (coordenação). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001, pp.1792-1797. Depois do levante integralista de março de 1938, após a colocação do movimento na ilegalidade, Santiago resolve se retirar do integralismo. Ele ocupou posteriormente vários cargos políticos importantes, tais como ministro das relações exteriores e ministro da fazenda no governo João Goulart.

³⁷ “Regulamento da Secretaria Nacional de Propaganda”, de 25/08/1936, publicado na *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livraria Clássica Brasileira, 1959, pp.127-135.

³⁸ No 1º Congresso Integralista de Imprensa foi discutida a organização financeira da Imprensa do movimento e ficou resolvida que a melhor opção de financiamento é a criação de sociedades anônimas de capital amplo, com seus estatutos e organização aprovados pela Chefia Nacional. “Secretaria Nacional de Imprensa. Departamento de Orientação. Diretiva nº 01”. *Monitor Integralista*, op. cit., p.13.

³⁹ Não foram encontrados documentos das secretarias de imprensa que explicassem quais os critérios seguidos para a censura aos jornais do movimento.

Administração”.⁴⁰ Cabia ao chefe da Secretaria: “referendar e regulamentar os atos do Chefe Nacional”; transmitir aos secretários provinciais e municipais as ordens do Chefe; baixar regulamentos, diretivas e portarias às demais secretarias; nomear os responsáveis por cada “Órgão” administrativo e seus departamentos; transmitir à Secretaria Nacional de Finanças o orçamento da Secretaria e escolher em cada “província” os integralistas “colaboradores”, que deveriam escrever artigos nos jornais do movimento. Tal como acontecia na Secretaria Nacional de Propaganda, o chefe da secretaria centralizava decisões importantes para o funcionamento desta, por exemplo, quais intelectuais estariam aptos a colaborar nos jornais integralistas. E, chama a atenção, também o destaque dado no regulamento desta secretaria à função do chefe de secretaria de “referendar” os atos do chefe nacional, ou seja, assinar e dar divulgação às decisões aprovadas pelo chefe nacional.

Os órgãos de orientação eram os departamentos de “Orientação” e “Técnico”. O primeiro seria responsável pelo estudo dos assuntos que fossem objeto das “atividades jornalísticas do movimento”, para isso ele continha várias divisões responsáveis pelo estudo e elaboração de artigos, notícias e notas para os jornais integralistas e de fora do movimento, cada uma dizia respeito a uma esfera de interesse do movimento, como as “Divisão de Assistência Sindical”, “Divisão de Assuntos políticos” e “Divisão de Assistência Militar”. O segundo estudava a aparelhagem técnica dos jornais integralistas, formas de assistência aos seus funcionários gráficos e mantinha um “serviço de informações sobre assuntos jornalísticos em geral”.

Os órgãos executores das diretivas integralistas para a imprensa eram os departamentos de “Imprensa Integralista” e “Publicidade”. Ao primeiro departamento cabia enviar aos jornais integralistas os artigos e notas do departamento de orientação, os artigos dos “colaboradores” nacionais e as diretivas do secretário nacional. Cada jornal integralista dos estados deveria estar em contato com este departamento e seria fiscalizado por algum encarregado da Secretaria Nacional de Imprensa. O Departamento de Publicidade era o encarregado de selecionar e distribuir aos jornais não integralistas do “Distrito Federal” artigos, notícias e fotografias cuja publicação fosse “considerada de interesse para a AIB”. Possivelmente este departamento fosse responsável pela produção, seleção e censura de fotografias que seriam publicadas nos periódicos simpáticos ao movimento. Neste trabalhariam funcionários incumbidos das tarefas de redação e outros dedicados à “inserção” na imprensa dos materiais elaborados no interior da Secretaria. Nota-se no conjunto de funções deste órgão o controle

⁴⁰ Não foi encontrado nenhum organograma da Secretaria Nacional de Imprensa na sua publicação oficial, o jornal *Monitor Integralista*, que apresentasse um detalhamento das funções e práticas dos departamentos que a compunham.

constante que a Secretaria de Imprensa deveria exercer sobre os jornais do movimento, que seriam fiscalizados por um funcionário da secretaria nacional, e a escolha pela secretaria dos jornais do “Distrito Federal” para enviar artigos e reportagens de integralistas, provavelmente porque são jornais que influenciavam a opinião pública nacional e eram editados na capital da República.

Além destes, existiam os órgãos de administração: o “Departamento de Matrícula”, responsável pela aprovação e processamento dos pedidos de matrícula dos jornais integralistas pertencentes ao Consórcio *Sigma-Jornais-Reunidos*, depositando esta relação na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no R.J., e pela organização das estatísticas dos serviços de imprensa; e o “Departamento de Material e Pessoal” que fazia a administração dos funcionários, arrecadação e depósito do material necessário aos demais setores.

O monitoramento de jornais não integralistas pela AIB para avaliar o conteúdo das notícias publicadas sobre o movimento foi detalhado ao ponto da Secretaria Nacional de Imprensa produzir um questionário encaminhado a todas as secretarias municipais, ordenando que elas preenchessem com todas as informações possíveis sobre estes jornais, tais como: formato e periodicidade, sua situação financeira, quais eram os funcionários e a diretoria, suas ligações com associações ou partidos políticos, se é bem conceituado e qual a razão aparente do seu prestígio e se o integralismo tem pessoas “infiltradas no corpo de funcionários”. No fim deste documento, uma “nota importante” avisava que os dados tinham que ser os mais aproximados possíveis, pois seriam aproveitados no desenvolvimento da “campanha de sucessão presidencial”.⁴¹

É tamanha a importância dada pela AIB à imprensa, como fator de conquista da opinião pública e de disputa e manutenção do poder político, que a levou à criação da primeira “Escola Brasileira de Jornalismo”. Na resolução do Chefe Nacional⁴², antes da realização do 1º Congresso Integralista de Imprensa, ele afirma que a criação da Escola expressa o “conceito que o integralismo tem da imprensa. Ela aparece em face da doutrina e das aspirações políticas do movimento, como uma atividade de governo, exercida por homens que se devem manter continuamente à altura da colaboração que lhes pede o Estado.”⁴³ Vemos neste trecho a

⁴¹ “Questionário que deverá ser preenchido pelos SMI com os dados ao seu alcance sobre os jornais não integralistas”, documento 107, pasta 17, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

⁴² Resolução do Chefe Nacional estabelecendo a criação da “Escola Brasileira de Jornalismo”, publicada na *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livreria Clássica Brasileira, 1959, pp.189-193.

⁴³ O debate sobre a criação de uma escola para jornalistas é datada do final dos anos 1910, por ocasião do Primeiro Congresso de Jornalistas, organizado pela ABI. Segundo Maciel, a proposta de criação da

imprensa pensada como portadora de uma ação e funções públicas, sendo assim teria que se sujeitar à censura e ao controle do Estado ou, no caso da AIB, ao controle do partido.

O diretor de *A Offensiva* Madeira de Freitas, reconhecido pela sua experiência como jornalista e desenhista, argumentou que a criação desta escola iria suprir a “falta sentida, em tantas gerações de homens de imprensa, de uma escola de jornalismo, em que se substitua a experiência empírica pela técnica da profissão”.⁴⁴ Esta iniciativa do integralismo deve ter suscitado boa repercussão no meio jornalístico, em razão da inexistência da regulamentação e profissionalização da carreira de jornalista e de uma escola dedicada a formar profissionais com essa especialização. Na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), esta iniciativa foi bem recebida, pois como mostra um ofício enviado ao movimento por Herbert Moses, seu presidente, a resolução da AIB de criar a Escola de Jornalistas foi apresentada na última reunião da diretoria e esta idéia foi “louvada” pelos presentes.⁴⁵ Nas memórias de Miguel Reale, um comentário sobre esta instituição nos chamou a atenção, pois mostra a boa recepção que ela deu aos intelectuais integralistas. Ele relata que a primeira conferência sua e de Plínio Salgado no “Distrito Federal” para expor suas idéias sobre o movimento em fase inicial foi feita na sede da ABI, “graças aos bons ofícios de San Tiago Dantas”⁴⁶, Secretário Nacional de Imprensa em 1936.

Esta boa recepção aos intelectuais integralistas não se restringiu a Associação Brasileira de Imprensa, bastava a presença de nomes importantes da cultura brasileira na militância integralista ou como colaboradores, como o acadêmico Alceu Amoroso Lima, que escrevia artigos para periódicos integralistas, mas não chegou a se filiar⁴⁷; o historiador e jornalista Hélio Viana; o jurista e escritor Thiers Martins Moreira; o etnógrafo e folclorista Luís da Câmara Cascudo, entre outros, todos compartilhavam das idéias autoritárias e conservadoras do movimento. Muitos destes intelectuais integralistas foram redatores ou colaboraram na

escola visava cuidar da “cabeça e das mãos dos estudantes”, isto é, seriam ministrados tanto os conhecimentos teóricos de língua portuguesa e redação de textos, quanto a prática em todas as oficinas e seções em um jornal. Somente em 1942 será criado o primeiro curso de jornalismo, com duração de três anos. MACIEL, Laura A. “Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920”, *op. cit.*, p.31.

⁴⁴ FREITAS, José M. “Imprensa”. *A Offensiva*, 15/12/1936, p.02.

⁴⁵ Este ofício foi publicado na íntegra pelo jornal *Monitor Integralista* de 20/02/1937, nº 17, ano V, p.02.

⁴⁶ REALE, Miguel. *Destinos Cruzados*, v.01, São Paulo, Ed. Saraiva, 1986, p.96.

⁴⁷ O ex-integralista Gerardo Mello Mourão entrevistado por Márcia Carneiro em 20/07/2006, relatou que Amoroso Lima não se filiou porque suas obrigações com a Ação Católica o impediam de se comprometer com o integralismo, porém colaborou inúmeras vezes, como escritor e jornalista para os periódicos do movimento, como *Panorama*, dedicada a artigos voltados para um público mais intelectualizado. *Projeto: Militância Política - Integralismo*. Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) da UFF.

imprensa do movimento, como é o caso de Thiers Martins Moreira e Câmara Cascudo no jornal *A Offensiva*.

A prática de controle autoritário às informações veiculadas na imprensa integralista não era nova na república brasileira, pois o controle estatal da imprensa se faz presente desde os primeiros anos republicanos. Várias legislações foram criadas neste período, para controlar a imprensa anarquista e comunista, por exemplo, a Lei 5.221, de 12/08/1927, promulgada no governo Washington Luís (1926-1930) e que ficou conhecida como a “Lei celerada”. Esta autorizava o governo tanto a fechar por tempo determinado as agremiações, sindicatos, centros ou entidades que incidissem na prática de “crimes” ou atos contrários à ordem, moralidade e segurança públicas quanto lhes impedir a propaganda, proibindo a distribuição de escritos ou suspendendo os órgãos de publicidade que se dedicassem a isso.⁴⁸

A censura à imprensa no Governo Vargas já era realizada antes da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Estado Novo, pelo menos desde julho de 1934, quando o governo baixou uma lei que mantinha a censura prévia e a permitia a apreensão dos jornais de oposição. Embora muitos jornais tenham aderido a “campanha anti-comunista” que perpassava as páginas de muitos periódicos antes mesmo do levante comunista em 1935, quando a Lei de Segurança Nacional foi acionada neste ano e o estado de sítio decretado, eles justificaram a liquidação de uma imprensa simpatizante ao comunismo com o apoio dos integralistas e, após o Golpe de Estado em 1937, essa mesma lei embasaria a liquidação da imprensa integralista.⁴⁹

A atuação do DIP, tal como a atuação dos Departamentos de Imprensa e de Propaganda integralistas, procurava limitar qualquer liberdade que a imprensa e os jornalistas pudessem almejar. Eram proposições deste órgão “educar, formar a índole, preparar e orientar a opinião pública”.⁵⁰ A comparação entre estes órgãos administrativos não tem o intuito de afirmar que integralismo e Estado Novo são experiências históricas similares ou ‘cópias’ um do outro, mas sim apontar e problematizar práticas autoritárias de censura e limitação da liberdade de imprensa comuns à história deste regime e partido político nas décadas de 1930 e 40.

Tal como no âmbito das secretarias integralistas, o DIP, que também tinha ramificações estaduais (os Deips), estava dividido em setores, cada qual com sua função. O setor voltado

⁴⁸ SOUZA, José I. M. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2003, p.25.

⁴⁹ SOUZA, José I. M., *op. cit.*, pp.84-104.

⁵⁰ GOULART, Silvana. *Sob a verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990, p.65.

para o controle da imprensa brasileira era denominado Divisão de Imprensa (DI), que se compunha de três divisões: o Conselho Nacional de Imprensa (CNI), composto por jornalistas, decidia sobre o que devia ser publicado em jornais e revistas, além de analisar e decidir o cancelamento de jornais e revistas que “desenvolviavam atividades contrárias ao regime, à ordem e às instituições ou que feriam insistentemente os melhores princípios da ética jornalística”;⁵¹ a Agência Nacional (AN), com um corpo de redatores e fotógrafos próprios, produzia notícias e fotografias para os jornais e revistas do Brasil e do exterior; e o Serviço de Controle à Imprensa (SCI) orientava e realizava a censura aos jornais e revistas de acordo com um conjunto de regras, bastante subjetivas e obscuras: “as empresas eram passíveis de punição quando procuravam perturbar a harmonia do Brasil com as nações estrangeiras; quando fizessem direta ou indiretamente campanha dissolvente e desagregadora da unidade nacional; quando provocassem animosidade, descrédito ou desrespeito a qualquer autoridade pública, quando provocassem desobediência às leis ou elogiar uma ação punida pela justiça”⁵², entre outras. Esta organização, da mesma forma que as secretarias de propaganda e imprensa da AIB, tinham sua direção altamente centralizada, isto fica claro se levarmos em conta que os altos cargos de direção do DIP eram escolhidos pelo próprio “chefe da nação”, Getúlio Vargas⁵³.

Tanto o integralismo como o Estado Novo tentaram subordinar a imprensa como serviço e função pública, entendida como objeto de controle e de cerceamento pelo Estado. Embora o integralismo não tenha chegado ao poder, sua estrutura administrativa foi organizada como “pré-estatal”, considerada como um protótipo do futuro “Estado Integral”.⁵⁴ Ambos acreditavam na necessidade de controlar a opinião pública e afirmavam ser o Estado o único capaz de representar e decidir pela “nação”. Algo que também os aproxima em relação aos objetivos de seus órgãos de propaganda política é a concepção de que eles deveriam “educar”, “disciplinar” e “orientar” a população. Como explicitamos anteriormente, os intelectuais envolvidos com a direção destes órgãos comungavam e defendiam um autoritarismo e nacionalismo exacerbados e, desta forma, apresentaram suas propostas de “conduzir” a difusão cultural, desmobilizando assim a sociedade brasileira.

Voltando à organização das secretarias de propaganda da AIB, estas deveriam imprimir e distribuir a propaganda enviada pela secretaria nacional ou sugerida por alguma delas, além de organizar conferências e reuniões doutrinárias, excursões de propaganda, entre outros eventos.

⁵¹ SOUZA, José I.M. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*, op. cit., p.137-138.

⁵² SOUZA, José I.M. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*, op. cit., p.179.

⁵³ GOULART, S., op. cit., p.62.

⁵⁴ TRINDADE, H. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., p.171.

A distribuição de materiais era feita por agentes e sub-agentes de propaganda distribuídos pelos diferentes espaços sociais do distrito. Por exemplo, em um determinado distrito existiam 3 fábricas, 2 colégios, 2 hospitais, etc. Cada uma desses espaços era “um setor de propaganda” e para cada um deles era nomeado um agente que designaria sub-agente para cada fábrica, cada colégio, cada hospital e assim por diante. Além disso, os agentes e sub-agentes deveriam fornecer às secretarias municipais e distritais “indicações completas sobre o nível intelectual do seu setor, o grau de desenvolvimento da propaganda adversária, a quantidade necessária de material de propaganda e as dificuldades encontradas para a execução da propaganda”.⁵⁵

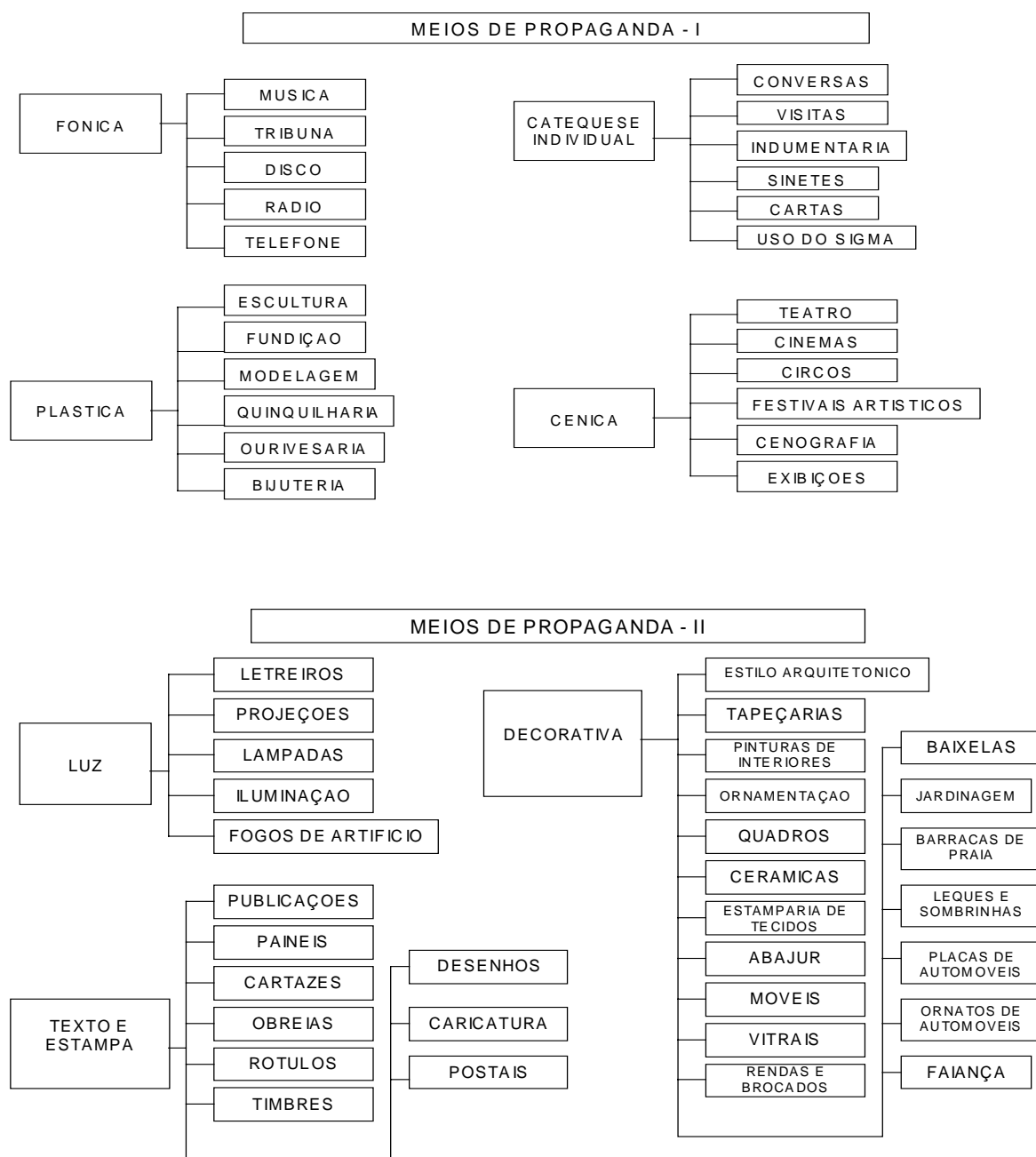
Através de relatórios enviados às secretarias de nível superior na hierarquia - da secretaria distrital à secretaria municipal, e assim por diante – a Secretaria Nacional de Propaganda se mantinha informada e buscava controlar todas as decisões que envolvessem a propaganda política do movimento. Nestes relatórios, a Secretaria Nacional obtinha uma diversidade de informações sobre os “setores de propaganda” de cada município das “províncias” integralistas: o nº de agentes e sub-agentes agindo nestes “setores”, os resultados obtidos e as sugestões para melhorar a propaganda, as atividades de propaganda desenvolvidas pelos “adversários” da AIB, quais os materiais de propaganda produzidos e distribuídos, dados estatísticos sobre a produção e distribuição, o número de periódicos integralistas existentes em cada província, a quantidade de oradores autorizados e de conferências doutrinárias realizadas, o movimento financeiro das secretarias e demais informações sobre o seu funcionamento.⁵⁶ Na verdade este controle sobre as outras secretarias e a propaganda política geral da AIB estavam centralizados nas mãos do Chefe Nacional, Plínio Salgado, a quem a Secretaria Nacional enviava relatórios e aguardava aprovação.

O organograma produzido pela Secretaria Nacional de Propaganda traz indicações interessantes sobre o público para o qual se voltava a propaganda integralista (nomeados de “setores de penetração”) e os meios e eventos de divulgação da propaganda integralista (chamados de “meios de propaganda”). A abrangência e diversidade de setores onde a propaganda pretende chegar mostram que a AIB projetava um alcance bem amplo na sociedade brasileira. Os “setores de penetração” da propaganda enumerados são os seguintes: Indústria, Comércio, Sindicatos, Associações, Serviços Públicos, Marítimos, Classes Armadas, Hospitais, Hotéis e Pensões, Universidades, Escolas, Artistas, Profissões diversas, Trabalhadores da cidade, Trabalhadores do campo e Ambientes diversos. Os “meios de

⁵⁵ “Diretiva nº 01 da Secretaria Nacional de Propaganda”, *op. cit.*, folha 88.

⁵⁶ “Diretiva nº 01 da Secretaria Nacional de Propaganda”, *op. cit.*, folhas 89-90.

propaganda” foram divididos em oito áreas: Fônica, Catequese individual, Plástica, Cênica, Luz, Texto e Estampa, Decorativa e Diversos. Em cada uma destas áreas abria-se um grande “leque” de opções quanto à forma de transmitir a propaganda integralista e vemos, como exemplos, a utilização de músicas, peças de teatro, variados tipos de eventos e até objetos usados no dia a dia do militante, como abajures e bijuterias. A presença da imagem nas preocupações da secretaria de propaganda é nítida e isto pode ser observado na reprodução desta parte do organograma destacada abaixo.





Reproduzido do organograma da SNP publicado em *Monitor Integralista*, ano III, 07/05/1935, nº 10, p.10

1.2 – A propaganda política integralista em imagens

A AIB investiu pesado na produção de imagens direcionadas à sua propaganda política. Ao observar o item “meios de propaganda” do organograma da Secretaria Nacional de Propaganda notamos uma variedade imensa de suportes e tipos de imagens propostas por esta secretaria como meios para realizar a propaganda política do integralismo. Selecionamos três tipos de materiais para esta análise que nos permitem problematizar o interesse e objetivos do movimento no investimento em imagens para sua propaganda. Eles nos indicam que o investimento não se limitou à publicação de fotografias na imprensa, mas englobou uma dimensão bem maior de aproveitamento do poder da imagem para a propaganda política.

A AIB utilizou imagens para a produção de Exposições, como mostra o organograma da SNP que inclui as “Exposições”, no setor “Diversos”. No jornal *A Offensiva* encontramos relatos detalhados de duas ocasiões em que este tipo de propaganda integralista foi realizado. Nos dias 07 a 09 de março de 1935 foi organizado pelo movimento o 2º Congresso Nacional do Integralismo, em Petrópolis, e uma grande exposição foi montada neste evento. Dividida em 10 salas, reunindo conjuntos distintos de imagens expostas em mais da metade destas salas:

(...) 1º) 'Sala das Fotografias', com flagrantes do movimento desde de 1932, em todas as capitais, cidades e distritos do país, entre essas fotografias, ver-se-á a da fundação da SEP (Sociedade de Estudos Políticos) em 24 de fevereiro de 1932, que foi a origem do Integralismo; 2º) 'Sala dos Gráficos', onde se verá em esquemas estatísticos toda a marcha de cada um dos departamentos do integralismo e o surto das províncias (...) 4º) 'Sala dos Jornais', onde serão expostos todos os semanários que se publicam no país, em número de mais de cem, e um álbum contendo recortes com notícias e artigos contra e a favor do movimento; (...) 7º) 'Sala da Unidade Nacional', onde serão expostas porções de terra de cada província, assim como fotografias de todas as regiões brasileiras e mapas, entre os quais os mapas dos dois bandeirismos, notáveis pela significação política; 8º) 'Sala de imprensa e propagandas', com a coleção de todos os panfletos, manifestos, boletins, circulares, convites, papéis timbrados de todas os municípios brasileiros; 9º) 'Sala de bandeiras e heráldica', com todas as bandeiras, flâmulas, distintivos, escudos, timbres, criados e usados pelo integralismo (...).⁵⁷

Além do espaço significativo dedicado às imagens na montagem dessa exposição, é importante observar como a cada tipo de imagem correspondia uma intenção diferente, uma expectativa de informação e divulgação específica. Em matéria do jornal *Monitor Integralista*, relatando os acontecimentos e as decisões tomadas durante este 2º Congresso do Integralismo, a instalação desta exposição no dia 09 de março no Palácio de Cristal, foi descrita como a “inauguração do Museu Integralista”, merecendo um discurso de Plínio Salgado sobre a “grande significação” deste Museu. Neste discurso o caráter de “prova”, de testemunho de um “fato”, atribuído à imagem fica claro em vários trechos, como este em que ele afirma que “(...) o Integralismo é uma força moral dentro da confusão brasileira presente, como o provam os retratos dos mártires que derramaram seu sangue pela causa (...)”, ou em outra passagem onde declara que “(...) os que não são integralistas e ainda duvidam da grandeza do nosso movimento e que não crêem na realidade da nossa organização, poderão verificar no mapa do Brasil assinalados todos os 820 núcleos integralistas (...)”.⁵⁸ De forma semelhante, o investimento em fotografias na imprensa integralista também buscava “comprovar” as realizações e todo um cotidiano da militância no movimento, como será analisado nos próximos capítulos.

Os objetos que fizeram parte da exposição foram enviados para o Rio de Janeiro, onde seriam reunidos em um “órgão de informação e de documentação, de mostruários e exposições relativos ao movimento Integralista Brasileiro” denominado Museu Integralista Brasileiro, e a estes objetos seriam acrescentados outros sobre o “folclore brasileiro” e sobre o Brasil em geral (flora, fauna, economia, geografia, demografia, etc).⁵⁹ Embora este museu não tivesse sido

⁵⁷ *A Offensiva*, 07/02/1935, p.03. Grifos nossos.

⁵⁸ *Monitor Integralista*, ano III, nº 10, 07/05/1935, pp.1-3. Grifos nossos.

⁵⁹ “Resolução nº 162”, do *Monitor Integralista*, ano IV, nº 14, 15/05/1936, p.07.

inaugurado na prática e todos os seus objetos tenham sido remanejados para a Diretoria Nacional de História Integralista⁶⁰, ligada à Secretaria Nacional de Corporações e Serviços Eleitorais, até que fosse possível a instalação do museu, a iniciativa de criar um “lugar de memória”⁶¹ da Ação Integralista Brasileira indica o sentido de construção de memória e da produção de visibilidade das suas ações em grande parte das imagens do movimento.

É interessante observar que no momento em que foi organizada esta exposição/museu, iniciativa inédita até então, e foi implementada exatamente quando alguns jornais acusaram a AIB de ser extremista, tal como o Nazismo e o Fascismo italiano. Esta estratégia de reafirmar a grandeza e a validade do movimento entre seus militantes, de estreitar os laços, de provar que “o Integralismo é o Brasil”, como disse o Chefe Nacional no seu discurso, fazia-se mais que necessária e as imagens foram usadas como “evidências” dessa realidade. Em uma entrevista ao “Correio da Manhã” Plínio Salgado justificou, também para os não integralistas, que o Integralismo era diferente do “Hitlerismo” e do “Fascismo”, baseado na própria Constituição brasileira.⁶²

Em outro Congresso integralista, o “Congresso das Províncias Meridionais” ou Congresso de Blumenau, como os jornais o nomearam, realizado entre 05 e 07 de outubro de 1935, uma outra exposição foi organizada. Não foram encontradas informações sobre a montagem desta exposição, mas o jornal *A Offensiva* noticiou que este objetivava demonstrar “o que foi, o que é e o que será o Integralismo no Brasil”⁶³, desta forma percebemos novamente a estratégia do uso da imagem para “comprovar” as realizações e a “grandeza” do movimento integralista.

Esta iniciativa da Secretaria de Propaganda de organizar exposições sobre as atividades e doutrina integralistas pode ser comparada com uma das atribuições do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) encarregada também de promover exposições sobre as atividades do governo Vargas. Um exemplo significativo foi a Exposição Nacional do Estado Novo, organizada com o título “O Novo Brasil”, em 1938. Tal como nas exposições integralistas estavam reunidos gráficos, fotografias, mapas, entre outras imagens, que tinham como objetivo

⁶⁰ A “Resolução nº 330” criou esta Diretoria com caráter provisório. *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937, p.17. Não foi encontrado nenhum documento que descrevesse a organização e funcionamento desta Diretoria.

⁶¹ Como caracterizou Pierre Nora, os lugares de memória surgem imbuídos do sentimento de que não existe memória espontânea, eventos e pessoas precisam ser fotografados, celebrações precisam ser organizadas, símbolos precisam ser inventados, porque essas “operações não são naturais”. NORA, Pierre. “Entre Memória e História. A problemática dos lugares”. In: *Projeto História*, (10), São Paulo, PUC/SP, dez.1993, p.13.

⁶² Entrevista transcrita no jornal *A Offensiva*, 20/07/1935, p.10.

⁶³ *A Offensiva*, 21/09/1935, p.05.

“atestar as transformações oriundas da ação estatal”, provar ao homem comum as realizações governamentais. Isto fica claro no discurso proferido por Vargas na inauguração da exposição: “(...) contemplamos aqui o Brasil inteiro (...) numa demonstração panorâmica dos resultados obtidos durante anos de labor profícuo e persistente. Qualquer de vós poderá verificar com os próprios olhos (...)”.⁶⁴ Nota-se, de forma semelhante ao integralismo, o entendimento e o uso da fotografia pelos produtores da propaganda governamental do Estado Novo para atribuir às imagens um sentido de “prova do real”, e como tal, serviu de comprovação das “realizações governamentais”.

Outro investimento em imagens de grande importância para a propaganda integralista foi o uso do cinema, também um meio de propaganda que mereceu espaço no organograma da SNP. A pesquisa realizada na imprensa integralista indica que, já em 1933, o movimento produzia e exibia filmes documentários, sobre eventos integralistas e o cotidiano de suas atividades, o que mostra que esta linguagem também foi usada como uma das iniciativas primordiais de sua propaganda. A referência mais antiga sobre a produção de filmes foi localizada no *Monitor Integralista* e informa que após a inauguração da nova sede central da AIB, no Distrito Federal (antes se localizava em São Paulo), os integralistas se dirigiram para o cinema *Broadway*, a fim de assistir um “filme documentativo das últimas paradas que os camisas-verdes realizaram em São Paulo”.⁶⁵

Inicialmente, a produção de filmes sobre o movimento ficou a cargo de profissionais contratados, como por exemplo, o integralista Américo Mastrangola, que filmou as principais reuniões durante o 1º Congresso Nacional do Integralismo em Vitória⁶⁶ e o fotógrafo e cinegrafista integralista Alfredo Baumgarten, morador de Santa Catarina, eleito vereador em 1934 pela AIB, que filmou o Congresso de Blumenau em 1935. O primeiro filme de Alfredo, intitulado “Primeiro Congresso Meridional Integralista” foi exibido em vários cinemas de Blumenau e até 1938 ele filmou também outros eventos não integralistas na cidade de Blumenau⁶⁷. Seu laboratório cinematográfico chamado “A. Baumgarten-Filme” era filiado à Distribuidora de Filmes Brasileiros (DFB), criada em 1935 pelo governo Vargas para que não

⁶⁴ LACERDA, Aline L., *Fotografia e discurso político no Estado Novo: uma análise do projeto editorial “Obra Getuliana”*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, UFRJ, 1998, pp.52-53.

⁶⁵ *Monitor Integralista*, ano I, nº 01, dezembro de 1933, p.02.

⁶⁶ *Monitor Integralista*, ano II, nº 05, fevereiro de 1934, p.03.

⁶⁷ Mais informações sobre este cinegrafista e fotógrafo ver: PIRES, José H.N. *Cinema e História: José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Pioneiros do cinema catarinense*. Blumenau: EDIFURB, 2000.

houvesse concorrência entre os produtores de filmes brasileiros e as distribuidoras no país, rebaixando assim os custos de produção dos filmes nacionais.⁶⁸

Notícias publicadas em jornais integralistas informam sobre outro filme “O Integralismo no Brasil” exibido em 1935 no *Cine Theatro Capitólio*, em Porto Alegre e também no cinema *Rialto*, no Distrito Federal.⁶⁹ Este documentário, de duração mais longa, mostra aspectos de vários desfiles integralistas: em Porto Alegre, Brusque, Blumenau, Florianópolis, São Paulo, Niterói, Distrito Federal, Vitória, Joinville e Jaboticabal, além de imagens dos integralistas Nicola Rosica, Jayme Guimarães e Caetano Spinelli, apresentados como “heróis e mártires” do integralismo. Embora estes jornais informem sobre o conteúdo dos filmes e o “grande público” de integralistas ou simpatizantes que teria comparecido às sessões, não informam sobre o produtor do filme, nem quem o filmou.

A partir de 1936 a imprensa integralista anuncia os serviços de filmagem e exibição da Sociedade Cinematográfica *Sigma-Film*, fundada e dirigida pelo integralista Fritz Rummert Jr. Esta sociedade foi mantida pelo Departamento Nacional Cinematográfico, controlada pelas Secretarias Nacionais de Finanças e de Propaganda, e sua produção foi divulgada como “fator de propaganda e documentação histórica para o futuro”.⁷⁰ Além de filmar vários congressos, concentrações e eventos integralistas, a *Sigma-Film* percorreu o Brasil exibindo seus filmes em núcleos e cidades do interior, assim como em comemorações integralistas, por exemplo, durante o terceiro aniversário da Província da Guanabara (Distrito Federal), na sua sede, no dia 19 de maio de 1936⁷¹.

A análise de um relatório enviado a SNP pela Secretaria de Propaganda do Núcleo de Ipanema, Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de 1937 também permite observar como a divulgação de imagens era uma das preocupações mais significativas da propaganda integralista, pois uma das questões inseridas no seu relatório é se o núcleo tem usado “fotografias ou cinematografias” na propaganda do movimento.⁷²

O fato de o filme documentário registrar a própria “realidade” em movimento, imprimiu ao seu conteúdo um grau de confiabilidade ao ponto de ser ainda interpretado como o “cinema verdade” e ser amplamente explorado por governos e partidos na propaganda de suas

⁶⁸ SIMIS, Anita. *Estado e Cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1996, p.112.

⁶⁹ *Monitor Integralista*, ano III, nº 10, 07/05/1935, p.03 e *A Offensiva*, 07/02/1935, p.07.

⁷⁰ *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937, p.07.

⁷¹ *A Offensiva*, 17/05/1936, p.14.

⁷² “Relatório nº 02 da Secretaria Municipal de Propaganda”. Pasta 12, folha 97, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

realizações e de sua doutrina desde o início do século XX. A grande vantagem do cinema para a propaganda política é que por meio de imagens em movimento é possível apresentar para a platéia preconceitos, visões de mundo, e propostas de ação orientados pela doutrina e pelos ensinamentos políticos de um grupo ou partido político de forma tão autêntica como se ela representasse uma realidade única e inquestionável. É importante ter em mente que o realizador do filme constrói sua realidade mesmo quando “aparentemente está trabalhando com fatos objetivos” ou apenas fazendo o registro de eventos e cerimônias.⁷³ A interpretação que Sontag fez da entrevista da cineasta Leni Riefenstahl, dada ao *Cahiers du Cinema*, sobre o caráter de propaganda de seus filmes sobre o Nazismo, expressa o que estamos querendo chamar atenção aqui. Riefenstahl afirmou que nestes filmes “não há nenhum comentário tendencioso, pela simples razão de que não existe nenhum comentário. É história – história pura”. Ou seja, os filmes trariam apenas imagens sem a intermediação de textos ou legendas. Sontag afirma que interpretar os filmes nazistas desta cineasta como documentários, entendendo este termo como algo distinto de “propaganda política”, é ser demasiadamente ingênuo, pois a imagem (o documento) não é apenas o registro da realidade, mas sim a razão para a qual a realidade foi construída e a forma de suplantá-la.⁷⁴

Qualquer resto de ingenuidade na interpretação da produção cinematográfica integralista cai por terra com a leitura da sessão sobre cinema “A vida das sombras” do número de junho de 1937 da revista *Anauê!*, sem assinatura do autor, onde se afirma que naquele momento não poderia existir “(...) dois pensamentos com relação à importância da atuação da tela sobre o espírito popular. Por isso mesmo não é mais possível falar em 'gratuidade' da produção cinematográfica ou dizer que o cinema foge a toda e qualquer ética disciplinadora (...)”⁷⁵ Por esta razão, as “Diretrizes Integralistas” propõem claramente a intervenção do Estado sobre os meios de comunicação, através de uma fiscalização “direta do Estado sobre o cinema, o teatro, a imprensa, o rádio e todos os veículos do pensamento que estão hoje atentando contra a liberdade (...)”.⁷⁶

Durante a realização do primeiro Conclave Parlamentar Meridional⁷⁷, realizado no Teatro João Caetano, DF, em outubro de 1936, a programação incluiu a exibição no segundo dia de

⁷³ FURHAMMAR, Leif e FOLKE, Isaksson. *Cinema e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.146.

⁷⁴ SONTAG, Susan. “Fascinante Fascismo”. In: *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Ed., 1986, p.67.

⁷⁵ *Anauê!*, ano III, nº 16, jun/1937, p.36.

⁷⁶ “Diretrizes Integralistas”. In: SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. Rio de Janeiro: Schimdt., 1933, pp.110-127.

⁷⁷ Este evento visava reunir os parlamentares integralistas: senadores, prefeitos e deputados para discutir com Plínio Salgado e sua corte (os secretários nacionais e provinciais, os membros do Conselho

um filme documentário no *Cine Glória*, que a matéria de *A Offensiva*, não nomeia, mas provavelmente teria sido produzido pela *Sigma-Film*. O jornal descreve a seqüência narrativa do filme e a reação da platéia da seguinte forma:

“A primeira cena foi um mapa do Brasil, no qual via-se uma seta que, partindo de Piratininga, berço dos primeiros bandeirantes, impulsionada pelos primitivos arrojos da raça percorreu todas as Províncias despertando-as com a doutrina cristã do Integralismo. Depois, vêm as primeiras formaturas. É o Chefe Nacional à frente dos primeiros bandeirantes do Sigma (...). Depois, surgem as mentalidades que vieram reforçar o Movimento; é o Dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras; é o Dr. Madeira de Freitas, ilustre médico professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; é Miguel Reale abandonando o marxismo e sacudindo, com sua intelectualidade moça mais fecunda, a mocidade da Pátria. São outros, muitos outros que procuram o caminho do bem. São operários dignos que crêem em Deus, veneram a Pátria e amam suas famílias. Surgem as bandeiras doutrinárias. Vem o Congresso na Capital do Espírito Santo. Foi o Congresso de Vitória, era a Vitória do Integralismo. Nas mãos do Chefe Nacional foram depositadas as esperanças da Pátria. O filme continua a passar. São legiões que surgem, são cidades integralistas que aparecem. É Blumenau, é Brusque, é Joinville. São Províncias Integralistas, são os nossos primeiros mártires (...). O cenário muda, sob bandeiras que aparecem e desaparecem, em anauês vibrantes, é a figura excelsa do Chefe Nacional com sua fisionomia bondosa, exprimindo a sua simplicidade, são tambores que rufam, é o hino da Pátria. Nisto, naquela profusão de espetáculos, escuta-se uma marcha integralista e os espectadores, como que movidos por mola oculta, levantam-se e acompanham cantando a música que vinha do palco. Estava terminada a sessão cinematográfica.”⁷⁸

O texto acima foi a única descrição mais elaborada de um filme integralista encontrada na sua imprensa carioca e indica alguns elementos típicos da propaganda política integralista via cinema. A “massa” integralista em “formaturas”, em filas simétricas, uniformizados, tendo a frente o líder Plínio Salgado. O uso de imagens de homens e mulheres uniformizados prestando juramento a um líder está presente, por exemplo, nos filmes documentários nazistas. Domenach quando analisa a propaganda política orquestrada no Nazismo aponta a utilização de tais imagens a fim de criar impressões de unanimidade, de assentimento, de disciplina e de domínio. Elas deveriam contagiar a platéia.⁷⁹ E, de acordo com a descrição, parecia funcionar, pois a platéia integralista não só reagia às imagens e músicas exibidas na tela como interagiu com as mesmas.

O ídolo, o herói, o guia, Plínio Salgado só poderia se manter sob essa carga de atributos se fossem estabelecidos paralelos, elementos de identificação, com o público a quem se

Supremo e da Câmara dos 40) os problemas enfrentados por eles e possíveis soluções quando a AIB chegasse ao poder. Ver *A Offensiva*, 17/10/1936, p.05.

⁷⁸ *A Offensiva*, 17/10/1936, p.03.

⁷⁹ DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Disponível em: <http://www.jahr.org/net/proppol.htm>. Consultado em 11//2005.

destinava essa imagem. Sendo assim, ele tem uma “fisionomia bondosa, exprimindo sua simplicidade”. A reverência não é feita somente ao Chefe Nacional, outros também, em menor medida é claro, são idolatrados: as “mentalidades” do movimento, os que contribuem para a formulação da doutrina, a exaltação dos “mártires” do movimento, os integralistas que morreram em confronto com os comunistas, indica a presença da temática cristã que compõe o discurso integralista. Outro elemento que nos chamou atenção é a presença do hino, da “marcha integralista”, ou seja, o canto coletivo e simbólico do partido ou da nação. Domenach, novamente analisando o Nazismo, aponta para a capacidade do canto coletivo de difundir a sensação de união, de estabelecer laços entre a comunidade.

As semelhanças entre as práticas propagandísticas de filmagem do “líder da Nação” e das paradas e desfiles cívicos - onde os cidadãos só existem politicamente como “indivíduos cívicos”, sendo esta manifestação coletiva a única possível de aprovação pelo partido ou pelo Estado - exploradas pelo integralismo e as práticas cinematográficas dos fascismos europeus, também encontram um correspondente no Brasil com o “Cine Jornal Brasileiro” produzido mais tarde pela Divisão de Cinema e Teatro ligada ao Departamento de Imprensa e Propaganda, no Estado Novo.⁸⁰ Esta produção cinematográfica do DCT se iniciou em 1939, e uma observação atenta à descrição desta produção no *site* da Cinemateca Brasileira indica o investimento em imagens de variados desfiles cívicos, como a grande concentração cívica realizada no Estádio de São Januário nomeada de “Hora da Independência”, encerrando as comemorações da Semana da Pátria no dia 09 de outubro de 1945, e da figura onipresente de Getúlio Vargas discursando nestes desfiles e se fazendo presente em outros eventos, como inaugurações de obras e serviços públicos, excursões por vários estados e visitas a escolas, estabelecimentos militares e cerimônias comemorativas de primeiros de maio, ano após ano.⁸¹

A produção cinematográfica no Estado Novo era feita por dois órgãos, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), ligado ao Ministério da Educação, e o DIP, ligado ao Ministério da Justiça. Esta separação além de indicar a clara divisão de interesses e poderes entre os Ministério de Educação, dirigido por Gustavo Capanema, e o Ministério de Justiça, dirigido por Francisco Campos, ajuda a entender os significados e usos que o cinema teve na Ditadura Vargas. A produção cinematográfica do INCE estava voltada para o investimento em filmes e documentários “educativos”, que seriam transmitidos em colégios e salas de exibição, já a

⁸⁰ SOUZA, José I.M. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*, *op. cit.*, p.210 e SIMIS, Anita. *Estado e Cinema no Brasil*, *op. cit.*,45-49.

⁸¹ A descrição do acervo *Cine Jornal Brasileiro* se encontra no site: <http://cinemateca.com.br.htm>. Acesso em: 13/11/2005.

produção do DCT era mais voltada para a propaganda das realizações governamentais e da figura de Vargas, através dos documentários do Cine Jornal Brasileiro. Todos os dois órgãos tinham poder de censura sobre os filmes produzidos que “fossem contrários aos interesses da educação e da cultura do país”,⁸² argumentava o INCE, e os que “divulgassem ou induzissem aos maus costumes”, “provocassem incitamento contra o regime vigente”, entre outras regras estipuladas pelo DCT.

Encontramos no integralismo e no Estado Novo semelhanças marcantes quanto ao entendimento dos objetivos da produção cinematográfica para a sociedade brasileira. Tal como os intelectuais integralistas, Gustavo Capanema, o ministro da educação, pensava o cinema como um instrumento privilegiado de ação, que teria o “poder de influir beneficentemente sobre as massas populares, instruindo e orientando, instigando os belos entusiasmos e ensinando as grandes atitudes e nobres ações”. Entretanto, este cinema podia “agir perniciosamente, pela linguagem inconveniente, pela informação errada, pela sugestão imoral ou impatriota”⁸³, por isso deveria ser controlado pelo Estado. Mesmo que as produções estadonovistas fossem separadas, grosso modo, em “educativas” e “propagandistas do regime”, do mesmo modo que no Integralismo, o cinema era pensado como instrumento de educação e orientação do povo, além de um importante meio de propaganda política.

A produção de artigos com símbolos e frases relacionados a AIB ou com o “Sigma” (Σ), também foi objeto de intenso investimento ao longo do período analisado. Eles eram vendidos, em grandes quantidades, pelas Secretarias de Propaganda, por empresas ou militantes, aprovados por estas secretarias, que desejassem participar da propaganda do movimento e ganhar alguma porcentagem de lucro nas vendas. No organograma da SNP encontramos este investimento em imagens nos itens “Timbres”, da área “Texto e estampa” e “Fundição”, da área “Plástica”. A revista *Anauê!* publicava com frequência anúncios deste tipo de serviço. O integralista O. Faria, por exemplo, pôs a venda “etiquetas gomadas”, onde se via o sigma dentro de um mapa do Brasil, com a seguinte frase em volta: “O Integralismo está construindo uma grande Nação”. Ele vendia o “milheiro” por 15\$000 ou uma assinatura de qualquer jornal integralista do país.

⁸² ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *O cinema como agitador de almas: Argila, uma cena do estado novo*. São Paulo: Anablume, 1999, p.92.

⁸³ SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M. B e COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: FGV, 2000, pp.104 e 105.



Anauê!, ano I, nº 04, out/1935, p.63.

Este exemplo é apenas um do modo como a propaganda era empregada para incorporar o “sigma” aos hábitos cotidianos dos militantes, como a colagem de adesivos alusivos ao integralismo em objetos do seu dia a dia; outros objetos tentavam construir uma identidade comum ao militante, por exemplo, quando este utilizava um cartão de visitas com seu nome e o sigma timbrado. A estratégia de venda utilizada pelo integralista O. Faria no anúncio das “etiquetas gomadas” possivelmente era utilizada por empresas e integralistas que quisessem lucrar com a propaganda do movimento. A frase no topo do anúncio, em tom imperativo, é quase uma ordem ao militante e transmite a idéia, favorável a propaganda integralista, de que todo militante deveria se exhibir como tal por toda a parte: “O integralista deve colar em toda a parte estas lindas etiquetas gomadas!”

A produção de artigos para venda com símbolos integralistas não se limitava ao suporte de papel. Anúncios da venda de objetos de metal com o sigma foram publicados nas páginas da revista *Anauê!*, e trazem uma variedade grande de objetos: “distintivos de lapela oficiais”, “alfinetes de gravata com sigma”, “fivelas para cinto com sigma”, “medalhas do 2º Congresso de São Paulo”, entre outras. A *Fábrica de Artefatos de Metal e Esmaltes finos de Laurento Laurenti*, localizada na Avenida Gomes Freire, Rio de Janeiro, também oferecia serviços de fundição e em seu anúncio nesta mesma revista, elaborado pelo ilustrador da revista Arthur Thompson, reproduz as opções de distintivos, anéis, bótons, entre outros, com o sigma em volta.



Anauê!, nº 04, outubro de 1935, p.60

A pesquisa ao acervo de objetos tridimensionais apreendidos de integralistas contido no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, possibilitou entrar em contato com uma variedade grande de artigos de metal para a indumentária integralista produzidos para sua propaganda.



Medalha com desenho de Plínio Salgado. APERJ.



Bóton alusivo à Convenção Sindical Meridional ocorrida no RJ em 1936. APERJ

Várias são as utilidades destes artigos, que podiam fazer parte do uniforme oficial dos militantes, e desta forma expressavam a hierarquia no movimento, pois os distintivos dos chefes provinciais não eram iguais aos dos chefes municipais, por exemplo; também há objetos que deveriam fazer parte do cotidiano dos militantes, através da exposição em seus uniformes de bótons alusivos ao Integralismo ou a algum de seus Congressos, como o exemplo que pode ser visto na página anterior, com desenhos de fábricas e vários materiais de ferro alusivos à Convenção Sindical ocorrida no Rio de Janeiro, ou ser usado em seus pescoços uma medalhinha com o rosto do chefe nacional e frases exaltando o movimento, como o exemplo que também pode ser visto na página anterior, que contribui para construir a onipresença do chefe em todos os momentos do integralista, além de serem usados como enfeites, por exemplo, um anel que traz o sigma desenhado.

2 – Construindo a imagem pública do integralismo: fotografias e imprensa

A imprensa integralista, como foi exposto no primeiro capítulo, constituiu um importante meio de propaganda do movimento e apresentou-se como portadora do papel de educar os brasileiros semi “alfabetizados”. Desenhos e fotografias, estas últimas principalmente, eram alguns dos recursos de linguagem utilizados por esta imprensa, articuladas ou não a pequenos textos, frases ou pequenas histórias, para disseminar as idéias e a doutrina integralistas, além de conquistar mais adeptos para suas fileiras. Suas fotografias e artigos também foram utilizados na imprensa não integralista simpática ao movimento, como será exposto no próximo capítulo, o que indica o grande alcance que o movimento e a propaganda integralistas conseguiram conquistar ao longo de seis anos de existência legal.

Este capítulo se dedica à análise dos dois periódicos integralistas cariocas de penetração nacional: o jornal *A Offensiva* e a revista ilustrada *Anauê!*. A comparação entre eles foi orientada pela busca de semelhanças e diferenças na forma de divulgar a doutrina integralista e fazer a propaganda do movimento através de imagens e textos. Procurei observar como os desenhos, charges e fotografias, prevalecendo as últimas, foram intensamente utilizados por estes periódicos a fim de realizar sua doutrinação e propaganda política.

A importância atribuída à imagem fotográfica e a crença nos sentidos de veracidade e confiabilidade expressos pela fotografia publicada na imprensa integralista chamaram nossa atenção. Observa-se isto, por exemplo, em um panfleto que descreve a revista ilustrada *Anauê!*, nº 05, de 1935, chamando-o de “número das multidões”, onde se afirma que “é dever de cada núcleo e de cada ‘camisa-verde’ assinar a revista, que pela evidência esmagadora dos seus argumentos fotográficos, está gritando do Acre ao Chuí: nenhuma força humana deterá mais a marcha gloriosa dos soldados do Sigma!”.¹ Um dos grandes objetivos da revista *Anauê!* foi então apresentado como “a publicação mais completa possível, dos aspectos fotográficos da grande campanha do Sigma”. Portanto, uma das funções atribuídas à fotografia era criar evidências, produzir argumentos que pudessem ser apresentados como fatos inquestionáveis.

A crença no seu poder de convencimento e capacidade de surpreender os leitores, além da possibilidade de confirmar “a pujança do Movimento Integralista”, são sentidos atribuídos

¹ Panfleto 152, Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. (grifo nosso)

também à imagem fotográfica na imprensa pelos integralistas, como foi afirmado no anúncio sobre a revista *Anauê!*:

“Nada mais convincente do que uma fotografia. As enormes massas de camisas-verdes de todas as Províncias do Brasil estão constantemente afirmando, nas suas reuniões e concentrações esportivas, a pujança do Movimento Integralista. Surpreender e revelar ao Brasil isso que constitui uma das glórias maiores da AIB - a sua surpreendente força numérica - será um dos objetivos de 'Anauê!' que visa com isso, demonstrar a profunda e extensa aceitação que o pensamento integralista vem tendo em todos os setores da nossa população”.²

No jornal *A Offensiva* estes sentidos de prova, de veracidade da fotografia na imprensa também são percebidos pela repetição constante das palavras “flagrante”, “revelação”, “prova”, associadas às fotografias publicadas no jornal. Encontraram-se vários exemplos disto: por ocasião do Congresso Universitário, ocorrido em São João Del Rei no início do semestre de 1936, o jornal publicou fotografias deste na primeira página da edição de 16 de fevereiro de 1936, e o título da matéria foi "Flagrantes do Congresso Integralista universitário de S. João d'el Rey"; no início de julho Plínio Salgado fez uma conferência no Cine-Teatro Central, em Rezende, sendo esta transmitida pela Rádio Transmissora de Petrópolis para os demais integralistas, e *A Offensiva* em sua primeira página de 05 de julho de 1936 noticiava que a polícia havia confiscado os filmes e chapas fotográficas do evento e que estas continham “flagrantes dos aspectos tomados pelas objetivas da ‘Offensiva’, da ‘Sigma Film’ e da revista ‘Anauê!’, que iriam provar o grande acolhimento que a massa popular de Rezende dispensou aos soldados do Sigma”. Além de confirmar que os dois periódicos mantinham fotógrafos para cobrir seus eventos o jornal informa sobre a apreensão de filmes e chapas fotográficas, um aspecto da repressão policial e do controle sobre os meios de comunicação naquele momento.

Serão analisadas a seguir características da estrutura dos dois periódicos integralistas cariocas analisados, a fim de traçar seu perfil, tais como: composição das notícias (apresentação e distribuição de textos e imagens em suas páginas, análise de suas seções), principais produtores (editores, redatores, ilustradores), principais propostas dos periódicos, aspectos econômicos (financiamento, publicidade) e seu público-leitor alvo. Esta comparação permitirá investigar as formas e propósitos da divulgação de imagens pela grande imprensa integralista carioca.

² *A Offensiva*, 18/02/1937, p.03. (grifos nossos)

Será empreendida também uma comparação entre estes dois periódicos através da seleção de alguns eixos temáticos que perpassam a produção e divulgação de fotografias e textos. Tais eixos foram selecionados durante a pesquisa partindo da observação de assuntos bastante explorados e noticiados pelo movimento, sendo o investimento em fotografias muito grande nestes. Deste modo evidenciamos diferenças e semelhanças na construção da visibilidade do movimento, em dois de seus representantes da imprensa carioca: uma revista ilustrada, *Anauê!* e um jornal, *A Offensiva*.

2.1 – Um jornal na *Offensiva*

O jornal carioca *A Offensiva* foi lançado em maio de 1934 e extinto em março de 1938. Sua tiragem era semanal e suas vendas por assinatura, entre 1934 e 1935, tornando-se diário e com vendas em bancas e por assinatura, a partir de janeiro de 1936. Sua direção é atribuída a Plínio Salgado até 1936, quando o secretário nacional de propaganda José Madeira de Freitas assume sua direção. Madeira de Freitas também foi um dos fundadores do jornal e seu diretor entre 1934 e 1935, além de ter sido caricaturista da revista carioca “Dom Quixote”, com o pseudônimo “Mendes Fradique”, na década de 1920.

Vários foram os secretários e gerentes ao longo da existência do jornal, entre eles: Thiers Martins Moreira, membro da Câmara dos Quarenta (1934), e Hélio Vianna (1935) na secretaria e Cassiano Gomes, também membro da Câmara dos Quarenta (1935), e Victorino Gomes (1937) na gerência. Uma observação rápida da composição de seu quadro diretor já indica que o jornal teve como redatores, secretários e diretores, dirigentes de grande importância para a AIB, como o Chefe Plínio Salgado e o chefe do Departamento Nacional de Propaganda Madeira de Freitas, até 1936. Além disso, o fato de Salgado e Madeira de Freitas publicarem com frequência em suas páginas, mostra que o periódico era um meio para divulgar a palavra de alguns dirigentes, além de fazer circular nacionalmente as resoluções e textos de propaganda da AIB.

No primeiro editorial, assinado por Salgado, o objetivo do jornal como porta-voz de uma alternativa ao governo e grupos que se mantinham no poder é claro: afirmava-se que o integralismo desencadearia a “revolução com sentido lógico”, oposta à “grande ilusão” da “Revolução de 1930” e uma revolução como “movimento de cultura e espírito. Transforma-se uma cultura (...) como consequência abala-se até aos alicerces um regime, destruindo tudo

para construir de novo, porque destruir apenas não é revolução (...) Não se trata de uma ofensiva contra um governo, contra uma classe: trata-se de uma ofensiva contra uma civilização”.³ Observa-se que o jornal é parte desta estratégia expressando, inclusive em seu nome, uma forma de luta, um movimento dirigido a ocupar posições e forçar seus inimigos a recuarem.

No final do ano de 1935, Plínio Salgado faz um pequeno balanço da importância deste jornal que nos permite avaliar que este era um dos meios do chefe nacional divulgar suas opiniões e, possivelmente, uma arma política eficaz para afirmar sua liderança: segundo ele, o jornal era “veículo do meu pensamento, o meio prático que tenho de pôr em contato com essas milhares de almas que se dirigem a mim, no ímpeto arrebatador deste movimento.”⁴

O jornal era financiado pela Sociedade Anônima “Sigma Editora” até 1935, cujas ações estavam a venda para todo integralista que quisesse contribuir, inclusive “as listas de contribuição” ficavam na sede dos núcleos.⁵ Outra forma de financiamento do jornal era a publicação de anúncios em suas páginas, método comum desde o início do século XX, quando a propaganda deixa o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e incorpora-se à imprensa periódica. Heloísa Cruz, em sua análise de pequenas publicações periódicas paulistanas no início do século XX, indica que “o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações” e que o sucesso destas passa a depender cada vez mais da “sua capacidade de atrair recursos via propaganda”.⁶

A *Offensiva* publicava anúncios de uma série de produtos, sem um local fixo, espalhados pelas suas páginas. Alguns eram produzidos pelo movimento para sua propaganda ou de artigos do vestiário e indumentária integralistas produzidos por empresas que, como foi apontado no capítulo anterior, queriam participar da propaganda do movimento e ganhar alguma porcentagem de lucro nas vendas. Além destes, o próprio jornal divulgava notas “intimando” os “camisas verdes” a comprarem os produtos que eram anunciados em suas páginas, como este, por exemplo: "Integralista! Quando necessitares comprar alguma coisa, lembra-te das casas que anunciam em 'A Offensiva' ".⁷ E apelavam também para o patriotismo de seus militantes, ao chamá-los a assinar o jornal: "Seja patriota! Assine 'A Offensiva' ".⁸

³ *A Offensiva*, 17/05/1934, p.01.

⁴ *A Offensiva*, 23/11/1935, p.01.

⁵ *A Offensiva*, 14/06/1934, p.04.

⁶ CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: Periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC: FAPESP: Imprensa Oficial de SP, 2000, pp.156-159.

⁷ *A Offensiva*, 03/01/1935, p.01.

⁸ *A Offensiva*, 10/01/1935, p.01.

Encontramos também anúncios de diversos estabelecimentos comerciais, sempre ilustrados e contendo textos exaltando “o produto brasileiro”. Provavelmente, os proprietários de muitos destes estabelecimentos eram integralistas ou simpatizantes da AIB. Um exemplo destes anúncios é o do Laboratório Raul Leite, ocupando uma página inteira com fotografias das instalações e funcionários de uma das filiais, do proprietário e fundador, Sr. Raul Leite, do bispo de Aracajú, José Thomas, que deu seu depoimento sobre as “iniciativas humanitárias” do Laboratório e da visita de Plínio Salgado a uma das filiais, o qual, segundo a legenda “manifestou seu entusiasmo pela obra de brasilidade desta instituição”. Além das fotografias e legendas exaltando a “brasilidade da instituição”, os textos da reportagem também exaltam o caráter nacionalista dos Laboratórios, o que fica visível logo no título, em letras grandes: “Uma organização brasileira. Os Laboratórios Raul Leite, núcleo de brasilidade”⁹.

Os laços entre a AIB e os Laboratórios Raul Leite iam muito além da publicação de anúncios pois a empresa figura como doadora de materiais didáticos (“26 cadernos e 05 lápis”) para a manutenção de uma escola integralista do núcleo de Cantagalo.¹⁰ Esta doação pode ser pequena, mas provavelmente indica uma prática constante e até com valores maiores. E acima de tudo, demonstram a existência de laços que se constituíam em militância, pois o Sr. Raul Leite, além de ser um “camisa verde”, fez parte da Câmara dos Quarenta, criada em 1936.¹¹

O jornal *A Offensiva*, entre 1934 a 1935, tinha um caráter estritamente doutrinário, suas notícias tratavam exclusivamente do cotidiano do movimento e seus artigos, escritos por dirigentes, divulgavam aspectos da doutrina integralista aos seus leitores. Segundo Salgado este tinha “a máxima penetração no território brasileiro, com uma tiragem de mais de trinta mil exemplares”.¹² Em 1934, o semanário possuía oito páginas e em 1935 aumenta o número de páginas para doze. Neste período ele era impresso nas oficinas gráficas do jornal “Diário de Notícias”,¹³ fato que nos chamou a atenção e deu início a investigação de possíveis interesses comuns entre os dois periódicos, abordadas no próximo capítulo.

⁹ *A Offensiva*, 16/05/1936, p.10.

¹⁰ Relatório sobre as atividades do núcleo do Catagalo em 1936. Folha 04, Pasta 16. Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹¹ “Relação nominal e residencial dos membros da Câmara dos Quarenta da Ação Integralista Brasileira”. Pasta 20, folhas 10 e 11. Série Integralismo, Fundo DESPS, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹² *A Offensiva*, 28/01/1936, p.02.

¹³ Esta informação foi localizada na matrícula do jornal *A Offensiva*, no livro de registros de “Matriculas de Oficinas Impressoras, Jornais e outros periódicos”, Livro 01, nº de ordem 61, 25/04/1934, p.44. 01º Ofício de Registros de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, série: Matrícula de Oficinas e Jornais – 29/01/34 a 15/03/38, seção SDJ, código 66, Arquivo Nacional.

A impressão de um jornal integralista em oficina gráfica de outro jornal não acontecia somente com *A Offensiva*. Muitas vezes a falta de recursos financeiros de núcleos de uma região, o que deveria ser mais comum nos primeiros anos do movimento, não permitia a compra de equipamentos e montagem de uma oficina gráfica própria. Miguel Reale, por exemplo, em suas memórias sobre a militância na AIB, relata o incômodo de imprimir *Acção*, jornal integralista paulista fundado por ele, na oficina do jornal *A Platéia*, que segundo ele era “um jornal de tendência esquerdista”. Para esclarecer seus leitores sobre este incômodo, ele publicou um artigo no primeiro número de *Acção* intitulado “O destino das máquinas”:

“(…) A máquina em si só não é boa, ou má. Bom ou mau é o homem que dela se serve para o bem ou para o mal. Em torno de um prelo tanto podem se unir sedentos de justiça, como podem se associar os capitães do jornalismo, filhos do interesse e da bajulação. (...) E a máquina, que anteontem tartamudeava as notícias do partidarismo nacional, que ontem berrava as ameaças comunistas, hoje e amanhã divulgará pelo país toda a palavra integralista da redenção nacional.”¹⁴

Neste período inicial de *A Offensiva* as fotografias apareciam em algumas seções e compunham a matéria de destaque da primeira página. Não é demais esclarecer que nosso objetivo não é cair na armadilha da generalização, mas buscar um padrão de análise que permita investigar o papel das fotografias nos periódicos inclusive na composição de suas páginas ao longo do período de 1934 a 1937. O número e tamanho de imagens neste período são pequenos, com poucas exceções, o jornal investia muito mais no conteúdo doutrinário dos textos sendo que, a partir de 1935, o investimento em imagens, principalmente fotografias, aumenta. Possivelmente, isto se explica pelo aprendizado dos integralistas na produção de seus periódicos e na ampliação de seus recursos financeiros para investimento em produção e reprodução de fotografias, sendo que estes periódicos aumentam à medida que o movimento cresce em todo o Brasil.

As seções, algumas intituladas outras não, umas surgidas somente em 1935, compunham as páginas de *A Offensiva*: duas páginas iniciais com notícias sobre a AIB no Brasil inteiro e artigos de Salgado e outros dirigentes sobre assuntos diversos referentes à doutrina integralista; “Semana internacional”, com artigos e fotografias elogiosas aos fascismos no mundo, assim como, críticas e depreciações aos regimes comunistas no mundo; “Judaísmo Internacional”, com artigos anti-semitas assinados pelo dirigente Gustavo Barroso; “Integralismo nas províncias”, com fotografias e notícias enviadas pelos dirigentes e militantes das

¹⁴ REALE, Miguel. “Destinos Cruzados”, v.01, São Paulo, Ed. Saraiva, 1986, p.109.

“províncias” integralistas brasileiras sobre os eventos integralistas realizados em sua localidade; Seções “Mundo Cinematográfico” ou “Cinemas”, “Teatro” e “Musica”, com a programação semanal, além da crítica integralista a filmes, peças e recitais de música clássica; “Literatura”, com poemas e apresentação de livros integralistas, ou não, publicados recentemente; “A Offensiva aconselha” com anúncios de firmas e profissionais liberais; “Problema Sigma”, com um jogo de palavras cruzadas, ilustrado com símbolos e palavras relacionadas com a AIB; Seção “Proletariado”, voltada para a doutrinação dos trabalhadores urbanos, os operários principalmente; “Notas Esportivas”, em 1934, e “Turf”, em 1935, quando as notícias esportivas só dizem respeito à corridas de cavalo; “Na sociedade”, divulgando datas comemorativas dos integralistas e suas festas, tais como aniversários, batizados, falecimentos, formaturas; Seção “Educação Física”, com artigos sobre a História da Educação Física no Brasil e suas utilidades para disciplinar crianças, homens e mulheres, e fotografias de atletas integralistas.

Observando estas seções, nota-se que neste primeiro período do jornal, antes de 1936, já se investia na crítica dos valores culturais da elite brasileira, tais como assistir filmes, peças teatrais e apresentações de música clássica; investia-se também em entretenimento, como é o caso das palavras cruzadas com desenhos e textos alusivos ao movimento e da seção “Na sociedade”, que registrava através de fotografias os casamentos, aniversários e outras festas dos integralistas das classes média e alta. Notamos também que os elogios aos fascismos na Europa e as críticas ao Comunismo russo se encontram em suas páginas desde as primeiras publicações. O discurso integralista nas páginas deste jornal não se destinava apenas às classes médias e elites brasileiras, mas ao proletariado também, como se observa pela existência de uma seção inteiramente voltada para ele desde os primeiros números do jornal.

Este considerável número de seções e o número crescente de páginas fizeram do jornal um grande veículo de informações. Não é à toa, que o militante Alcebíades Marins e Silva, um dos fundadores do núcleo de Maricá, RJ, ao ser perguntado em fevereiro de 1999 se lia ou conhecia algum jornal integralista na época responde: “Assinei ‘A Offensiva’. ‘A Offensiva’ era um jornal grande. Todo mundo gostava, ele trazia muita coisa, muita notícia”.¹⁵

A concentração maior de imagens, principalmente fotografias, se apresenta na primeira página. Ao contrário das seções “Integralismo nas províncias” e outras que apresentavam desenhos e fotografias de personalidades nacionais ou internacionais, como Hitler ou algum ator de teatro brasileiro, as imagens estão mais articuladas ao conteúdo das matérias e menos

¹⁵ Entrevista do ex-militante Alcebíades Marins e Silva concedida à historiadora Márcia Carneiro. Projeto: Militância Política - Integralismo. Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) da UFF, 1999.

dispersas pela página. É claro que existem exceções, como o conflito entre comunistas e integralistas na Praça da Sé em São Paulo, quando o jornal divulgou fotografias em várias páginas sobre este assunto¹⁶ mas, geralmente, a primeira página era o “chamariz” de cada número, onde se fazia a chamada dos principais eventos integralistas da semana. A seguir está uma forma de composição primeira página deste jornal que se repete ao longo de seus primeiros anos.



A Offensiva, 24/05/1934, p.01

Nesta pode-se ver, no topo um pequeno texto em letras grandes, uma das marcas registradas da primeira página, não só neste período, mas também depois de 1935. Neste texto, geralmente, está um apelo ou um aviso aos militantes, muitas vezes, uma transcrição de fala ou texto de Plínio Salgado. Mais adiante alguns exemplos mostrarão como este texto, em caixa alta, buscava convencer seus leitores da legitimidade do movimento e da sua força, principalmente em momentos em que elas estão sendo contestadas e o movimento ameaçado. A palavra de Plínio Salgado está presente também no editorial, sempre na primeira página do jornal. É interessante notar que a palavra de Salgado prevalece na página “abre-alas” do jornal, isto é indicativo de como o jornal é usado estrategicamente pela AIB para afirmar sua autoridade.

¹⁶ Uma análise dessas fotografias neste jornal e sua comparação com outros periódicos que também divulgaram estas fotografias serão feitas no próximo capítulo.

Na edição reproduzida, o evento escolhido para a primeira página do periódico foi a Parada Integralista realizada no dia 20 de maio de 1934, no Rio de Janeiro. Como pode ser visto, o texto prevalece e as fotografias, embora de grandes dimensões, são apenas duas. A partir de 1935 esta característica vai se modificando e o número de fotografias, na primeira e nas páginas seguintes, aumenta.

No início de 1936 *A Offensiva* passou por várias modificações, transformando-se em jornal diário, além de alterar sua composição gráfica e, inclusive, suas formas de financiamento. Segundo Plínio Salgado, as pessoas

“(…) notarão uma mudança completa. Não terão mais o jornal exclusivamente de doutrina e, de certo modo, fechado no seu mundo, no mundo dos interessados apenas por essa doutrina. Terão um órgão de amplitude informativa muito mais vasta, respirando intensamente no meio social brasileiro e refletindo em suas colunas a trepidação do mundo contemporâneo (...) A nota política será a palavra de ordem, a palavra oficial e de responsabilidade direta da grande revolução que temos desencadeado inflamando os espíritos numa superior aspiração de grandeza da Pátria”.¹⁷

Na edição do segundo aniversário do periódico, em 17 de maio de 1936, Salgado afirma em editorial que este aspecto exclusivamente doutrinário do jornal antes de 1936 explicava-se pela sua característica de semanário, que impossibilitava a publicação de um serviço telegráfico e do noticiário “da vida urbana do Rio” e dos “pormenores da vida política nacional” com tantos dias de atraso.¹⁸

Na verdade, desde o final de 1935 as Secretarias Nacionais de Propaganda e de Finanças foram acionadas pelo chefe nacional para “estudarem os meios indispensáveis a publicação diária de 'A Offensiva'”, e para isso, resolveram organizar uma Sociedade Anônima, intitulada “Excelsior” (com capital inicial de 1.000\$000), para editar e financiar o jornal, e adquiriram oficinas próprias para ele.¹⁹ O jornal passou a circular durante a semana com 10 páginas, com exceção da terça-feira quando não circulava, e aos domingos com 16 páginas, sendo dividido em duas partes. A segunda parte era muito parecida com o jornal antigo, onde o caráter doutrinário sobressaía através de notícias, artigos e imagens. Os preços nesta nova fase eram: “Assinaturas. Ano (diariamente) - 60\$000. Semestre (diariamente) - 35\$000. Anno

¹⁷ *A Offensiva*, 28/01/1936, p.02.

¹⁸ *A Offensiva*, 17/05/1936, p.01.

¹⁹ *A Offensiva*, 09/11/1935, p.05.

(só aos domingos) - 15\$000. Semest. (só Domingos) 8\$000. (...) Venda Avulsa. Em todo o Brasil. Número do dia - \$200. Número atrasado - \$400 (...).²⁰

A partir de 1936, com sua remodelação, o jornal mantém e amplia várias das seções antigas: as seções culturais, sobre cinema e teatro; a seção esportiva “A Offensiva Sportiva” ganhou um espaço bem maior, ampliando sua atenção para vários esportes, principalmente o futebol; notícias sobre acontecimentos internacionais e a seção “Judaísmo Internacional”, que vão ganhar espaço maior; a seção voltada ao proletariado, agora intitulada “Trabalho e Sindicalismo”, terá assuntos voltados para um número mais amplo de trabalhadores.

Além de aumentar o espaço de divulgação de artigos doutrinários e notícias sobre o movimento, e de acontecimentos cotidianos da cidade do Rio de Janeiro, surgem novas seções, ampliando o raio de cobertura do jornal: “Rádio”, com críticas, fotografias de atores e a programação diária; pequenos espaços com notícias sobre as discussões no Senado e na Câmara Municipal; “Página comercial”, voltada para empresários e comerciantes; “Movimento Integralista” com pequenas notícias sobre o movimento e avisos aos dirigentes e militantes; a seção “Coluna Médica”, com notícias sobre descobertas científicas e congressos médicos. Aos domingos, quando o jornal era vendido com dois cadernos, surgem: “Seção Agrícola”, voltada para os trabalhadores e grandes proprietários do campo; “Para o lar e para a mulher” e “Página da blusa verde”, a primeira com dicas de higiene, moda, culinária e cuidados com a casa, a segunda com notícias, fotografias e artigos de eventos organizados pelas dirigentes, além de artigos seus; seções com notícias e artigos voltados para o Exército e a Marinha; e a seção “Integralismo nas províncias”, que retorna ao jornal.

O que chama a atenção logo de início é a abertura do jornal a um público leitor mais amplo e às vezes específico – como militares, agricultores ou mulheres -, com o aumento do número de seções e do espaço das antigas. Esta abertura se torna inteligível levando em conta que a AIB já se tornara oficialmente um partido político e direciona sua propaganda política à aquisição não só de novos militantes, mas também de eleitores. Além disso, o maior objetivo do movimento, após o levante comunista em novembro de 1935, passa a ser a construção de uma imagem de si como um movimento que não é “extremista”, diferente do seu inimigo, o comunismo e o PCB. Esta amplitude maior também se explica ao considerar o crescimento nacional do movimento expresso no número de núcleos e militantes entre 1934, ano da criação do periódico, e 1936.

²⁰ *A Offensiva*, 28/01/1936, p.01.

Algo também perceptível é o investimento maior na seção de esportes e o surgimento da seção sobre rádio. Na primeira, em sua expansão, nota-se que o noticiário sobre futebol prevalece muitas vezes em relação a outros esportes, o que pode ser explicado considerando-se que o futebol da década de 1930 já havia se popularizado vertiginosamente, deixando de ser puramente um esporte de elite, como o turf, por exemplo.²¹ Quanto ao surgimento da seção com notícias da programação radiofônica, deve-se considerar o aumento da audiência do rádio, motivada, entre outros motivos, pelo barateamento dos aparelhos receptores²², além desse meio de comunicação ter sido preferido pelo integralismo para sua propaganda política.

O número de fotografias que o jornal publica aumenta consideravelmente e até as fotomontagens se tornam comuns em suas primeiras páginas. Estas montagens são geralmente sobre os grandes eventos da AIB a partir de 1936: desfiles, congressos, grandiosas reuniões com teatros lotados e a ênfase na multidão presente é clara. Aliás, a ênfase nas grandes concentrações de militantes está presente tanto nas fotografias como nos textos interligados a elas, e freqüentemente vem acompanhada de comentários sobre a participação e apoio de pessoas não vinculadas ao movimento que assistiam ao grande evento.

Aos domingos, a seção “Integralismo nas províncias” retorna ao jornal, informando os principais eventos da semana integralista no Brasil inteiro e trazendo muitas fotografias tiradas nestes, sendo algumas enviadas por militantes ao jornal. O número de fotografias nesta seção, neste momento, é bem maior que anteriormente, provavelmente porque passou a ser divulgada somente aos domingos.

Em *A Offensiva*, a identificação dos autores das fotografias é rara, só aparece naquelas fotografias oferecidas por militantes ou dirigentes de algum núcleo brasileiro, na sessão “Integralismo nas províncias”. Nestas fotografias, estão dirigentes reunidos, de pé ou sentados, de braços cruzados e uniformizados, ou militantes reunidos (às vezes, dirigentes estão entre eles), de várias idades, ambos os sexos, uniformizados, próximos ao seu núcleo.

As caricaturas divulgadas em suas páginas, a maioria de teor anticomunista, não eram feitas por desenhistas da revista, com poucas exceções. Elas eram reproduzidas de outros jornais, por exemplo, do periódico paulista “A Folha da Noite”. Em nenhum momento, o jornal divulga em seu expediente os nomes de fotógrafos contratados ou de possíveis colaboradores. Uma possibilidade de explicação seria a concepção de que as fotografias são propriedade do

²¹ Mais informações sobre a popularização do futebol nas primeiras décadas do século XX ver: PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

²² MOREIRA, Sonia V. M. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil palavras, 2000, p.28-30.

jornal, como indicam algumas legendas como a de uma fotografia produzida no Congresso de Petrópolis, em 1935, segundo a qual estava “Parte da milícia de Petrópolis em pose especial para 'A Offensiva’”.²³ Ou então, a máxima integralista de que os indivíduos – seus nomes, identidades e vontades – não interessavam a não ser quando reunidos, agrupados formando a “massa integralista”.

Algo que chama a atenção na observação das fotografias realizadas em eventos ou núcleos integralistas, desde o início deste periódico até o final de 1937, é a presença maciça de militantes. Sem dúvida o foco principal destas fotografias é fomentar o sentimento de inclusão e participação no movimento, de ser parte do Sigma além de despertar o “entusiasmo” dos integralistas. Mais adiante serão analisadas algumas fotografias e charges deste jornal e seus usos comparados com a revista integralista *Anauê!*.

2.2 – *Anauê!* em fotografias

A revista ilustrada *Anauê!* foi lançada em janeiro de 1935 e extinta em dezembro de 1937. Seu nome foi inspirado na saudação integralista “Anauê”, identificada por esta palavra tupi, que seria utilizada pelos índios como grito de guerra e saudação afetiva, que significava “você é meu parente”. Este sentido afetivo, de identificação e saudação apropriada pelo movimento, é muito forte nas páginas desta revista ilustrada, como será explicitado adiante. A revista era dirigida pelo Secretário Provincial de Propaganda do Rio de Janeiro, o pastor luterano Eurípides Cardoso de Menezes, até abril de 1937, quando o Chefe de Protocolo da Chefia Nacional, Manoel Hasslocher, assume a direção. A presença na sua direção do secretário de propaganda pode explicar a forma didática de divulgação de textos e imagens em suas páginas, mostrando a intenção deste periódico de ser um instrumento de formação doutrinária e política para a AIB. A presença de um pastor luterano mostra a abertura do integralismo a outras religiões, não somente a católica. Outro exemplo disto, é a presença no movimento do ilustrador desta revista, o espírita Arthur Thompson Filho.

O seu preço modifica-se em diversos momentos. Vendida nas bancas inicialmente por 2\$000 e com assinatura anual de 20\$000, sendo que a partir de outubro de 1935, ela passa a

²³ *A Offensiva*, 28/02/1935, p.01.

ser vendida por 2\$500 avulsa e por 30\$000²⁴ a assinatura anual. Após o lançamento do número de janeiro de 1936, seu preço avulso é reduzido para 1\$500. Sua periodicidade inicial foi bimensal e a partir de dezembro de 1935 passa a ser mensal.²⁵ *Anauê!*, assim como *A Offensiva*, inicialmente não era impressa em oficina própria do movimento, mas sim nas “Oficinas Gráficas de Villani & Barbero”.²⁶

Sua forma de financiamento não é explicitada em suas páginas, mas o editorial de janeiro de 1936 informa que a revista se manteve até este momento, com muito sacrifício, pois não tinha capital e nem subvenção de espécie alguma.²⁷ O que fica implícito na revista é a utilização da mesma forma de financiamento que o jornal integralista analisado aqui: através da publicação de anúncios de produtos e empresas, integralistas ou não, espalhados pela revista. A revista, assim como *A Offensiva*, apelava aos leitores para que publicassem anúncios de casas comerciais ou a assinassem, inclusive o leitor comerciante: “Sr. Comerciante! Como estais lendo estas linhas, milhares doutras pessoas também o fazem em todas as Províncias do Brasil. Neste lugar devia estar um anúncio de vossa casa, não é verdade?”.²⁸ Vale lembrar, também, das estratégias de financiamento indicadas em relatórios e diretrizes, tais como o comércio de objetos variados e as campanhas de arrecadação de fundos com filiados e simpatizantes.

Como foi exposto no capítulo anterior, os jornais e “revistas ligeiras” eram considerados pelos dirigentes integralistas os meios de leitura por excelência da população alfabetizada “menos culta”, que não estava em contato com os livros produzidos por eles e, por isso, esta imprensa tinha a responsabilidade de “educar” estes leitores e transformá-los em simpatizantes e militantes. Em *Anauê!*, que pelo perfil editorial e gráfico poderia ser encaixada na denominação de “revista ligeira”, esta função pedagógica e didática é muito mais forte que no jornal *A Offensiva*. A presença de uma carga emocional muito forte em seus pequenos textos e nas legendas das fotografias, além da opção por pequenas histórias resgatando fatos e heróis

²⁴ Em nota do nº 04 da revista, de outubro de 1935, explica-se que “em virtude das enormes despesas” que o movimento estava tendo para transformá-la “em uma grande revista”, seria elevado o preço do exemplar.

²⁵ Não foram encontrados na revista números da sua tiragem, somente informações que na “capital da República”: “o número 13 da revista esgotou completamente 3 horas depois do seu lançamento” e “o nº 14 de teve sua edição esgotada novamente em poucos dias”. *Anauê!*, abril de 1937, nº 14, p.07 e maio de 1937, nº 15, p.51.

²⁶ Esta informação se encontra na matrícula da revista *Anauê* no livro de registros de “Matriculas de Oficinas Impressoras, Jornais e outros periódicos”, Livro 01, nº de ordem 146, 30/04/1935, pp. 65-66. 01º Ofício de Registros de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, série: Matrícula de Oficinas e Jornais – 29/01/34 a 15/03/38, seção SDJ, código 66, Arquivo Nacional.

²⁷ *Anauê!*, nº 07, jan/1936, p.01.

²⁸ *Anauê!*, nº 04, out/1935, p.16.

da história oficial brasileira, contadas de forma simples e didática, são elementos muito comuns em suas páginas. A função pedagógica, aspecto tão frisado pelos seus dirigentes, caracterizava-se não só pela atribuição e comparação destes valores históricos e nacionais com o integralismo e o chefe nacional, sendo estes a reencarnação destes valores, quanto pelo tipo de linguagem utilizada pela revista que pretendia tornar sua leitura acessível até aos “menos cultos”.

Em um trecho do seu primeiro editorial, fica claro o objetivo da revista de divulgar de forma didática, através de suas “reportagens fotográficas”, a doutrina a um público amplo:

“(...) tem o objetivo de divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista, querendo refletir, na reportagem fotográfica de todas as províncias, a marcha gloriosa das legiões do Sigma, pretendendo ser o espelho da alma integralista, o periódico dos camisas-verdes de todas as profissões, de todas as classes e de todas as idades (...) Integralistas! – Recebi a vossa revista. Ela é integralmente integralista, - ‘dos integralistas e para os integralistas’”.²⁹

As capas da revista *Anauê!* são exemplos interessantes de como imagens foram usadas para transmitir de forma simples os fundamentos da doutrina ou para fazer a propaganda política do movimento. Em sua maioria, elas foram produzidas com desenhos coloridos, em poucos números foram divulgadas fotografias.



Anauê!, nº 08, mar/1936, capa



Anauê!, nº 09, abril/1936, capa. Reprodução em p&b.

²⁹ *Anauê!*, nº 01, ano I, jan/1935. (grifos nossos)

A capa de março de 1936 traz um desenho de um jovem uniformizado segurando a bandeira integralista em uma das mãos e com a outra agarra um braço acorrentado. Este desenho, assinado por Arthur Thompson Filho faz alusão ao I Congresso Universitário Integralista, em São João Del Rei, divulgado amplamente neste número com muitas fotografias. O desenho mostra de uma forma simples, direta, a juventude integralista em sua caminhada e superação de obstáculos, e aos esforços para a salvação dos que estão à margem da estrada (o integralista está caminhando em um terreno montanhoso, com elevações ao fundo, típicos da topografia de São João Del Rei).

A outra capa, de abril de 1936, ilustrada com um desenho, também de Thompson, em que um índio é salvo de ser apunhalado, pelas costas, por um braço vermelho com um punhal. A mão que detém o assassino, é de um braço verde que segura o braço vermelho armado e ao fundo da cena vemos as paisagens rural e urbana, lado a lado. Novamente, temos uma associação de imagens simples e próximas ao imaginário dos leitores: o índio, remete para a nação; as fábricas e os campos, associam a cena tanto ao urbano quanto ao rural; a mão verde, seria o integralismo e a mão vermelha que traiçoeiramente apunhala, sem dúvida é o comunismo. Neste momento, pós levante comunista, a propaganda integralista anticomunista se acirra ainda mais e esta capa participa desta propaganda mostrando de forma simples ao leitor que a AIB é a salvação da pátria, desprevenida frente os ataques do comunismo.

O mito da verdade fotográfica era característica comum nas revistas ilustradas da década de 1930, que assim naturalizavam e impunham uma determinada forma de ver e compreender o mundo. Tal forma era, sem sombra de dúvida, produzida pela elite urbana da época, proprietária, anunciante e redatora destas revistas.³⁰ Nos anos 30, as publicações já se caracterizavam pela qualidade gráfica da impressão, fruto da introdução de novas técnicas, a rotogravura, por exemplo, e pelo investimento na interpretação de fatos nacionais e internacionais por meio de fotografias, em grande formato, associadas aos textos – artigos e legendas.³¹ A verossimilhança entre a realidade mostrada pela fotografia e o real, seria reforçada pela capacidade da imagem fotográfica, diferentemente do texto escrito, chegar de forma mais direta e aparentemente objetiva à nossa compreensão, com menos espaço para

³⁰ MAUAD, Ana Maria. “Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX”. In: *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v.10, nº 02, 1999, p.64

³¹ Mauad explica que no início do século XX as revistas ilustradas eram fortemente marcadas “pela presença de textos ficcionais, crônicas e por fotografias pequenas e independentes do texto escrito”, diferentemente do período circunscrito entre os anos 30 a 60 deste século. *Idem*, p.67.

dúvidas. Segundo Flusser “o observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos”.³²

A revista *Anauê!* se insere neste mercado de revistas ilustradas e, assim como suas congêneres, trazia muitas imagens, principalmente fotografias, e estas predominavam em termos numéricos em relação aos textos. A diferença marcante entre esta revista e as outras é a cobertura da vida social e mundana dos dirigentes e militantes, com destaque para os integralistas. Tal como um álbum fotográfico, ela traz em suas páginas várias fotografias posadas de integralistas em seus eventos, nos núcleos ou em suas casas com a família. A impressão que se tem, na leitura desta, é que no movimento o espaço público (os eventos, núcleos) misturava-se ao privado (as casas e vidas cotidianas) dos militantes.

Em seu artigo sobre a revista *Anauê!* Rogério Silva aponta como esta se empenha em sacralizar o movimento e suas práticas políticas.³³ Todo um imaginário cristão é acionado a serviço de práticas políticas: nos textos e imagens são usados livremente conceitos e imagens cristãs para sacralizar seus dirigentes, principalmente Plínio Salgado, muitas vezes separado de sua essência humana, quando se afirmava que “o chefe nacional não é uma pessoa e sim a idéia”.³⁴ Este tipo de associação, que Alcir Lenharo chamou de “sacralização”, está presente também nos textos de *A Offensiva* mas, em “*Anauê!*”, é bem mais explícito e complementado com desenhos alusivos ao cristianismo.³⁵

Marilena Chauí chama a atenção em sua análise sobre o discurso integralista para a característica do mesmo operar com analogias, ou seja, de negar as contradições e a fragmentação que existem na realidade substituindo-as por um discurso apoiado em abstrações ou imagens, que associadas e encadeadas em seqüência criam uma leitura fechada e excludente do real. Segundo ela, a elaboração de uma imagem nesta operação discursiva busca excluir a reflexão por parte do destinatário, criando a ilusão de conhecimento, graças ao seu caráter “de espelho dos dados imediatos” e seu aspecto de ordenamento da realidade. Este procedimento serviria também, tanto para apaziguar o destinatário, ordenando sua experiência, como para alarmá-lo com a desordem existente no mundo. Sendo assim, o discurso autoritário pretende evitar a discussão ou contestação à sua leitura do mundo e do

³² FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p.14.

³³ SILVA, Rogério Souza. “A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, nº 50, 2005, pp.69-75.

³⁴ *Anauê!*; jan/1935, nº 01, editorial.

³⁵ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. SP: Papyrus, 2ªed., 1986.

real, além de convencer o destinatário de que aqueles que proferem o discurso devem conduzir a ação.³⁶ Lenharo, ao analisar a utilização política de um imaginário pelo Estado Novo em sua propaganda, complementa de certa forma esta análise de Chauí. Segundo ele, buscou-se “espalhar esta carga emotiva e sensorial, de modo a atingir facilmente o público receptor, detonando respostas emotivas que significassem, politicamente, estados de aceitação, contentamento, satisfação”.³⁷ De forma semelhante, o integralismo espalhou por meio de sua propaganda e imprensa esta carga emocional, ao operar com imagens – discursivas ou não –, procurando apaziguar conflitos, acionar reações passivas e acríicas em seus destinatários.

A revista ilustrada integralista *Anauê!* teve como seu principal ilustrador, até abril de 1937, Arthur Thompson Filho, engenheiro da Central do Brasil, brigadeiro da milícia integralista até sua extinção em 1935 e, a partir de 1936, integrante da Câmara dos 40, que depois passa a ser colaborador da revista. Ao longo da pesquisa foram identificados apenas os nomes de dois fotógrafos contratados pela revista: Otto Klier e Alfredo de Carvalho. Mas, não foram encontradas mais informações sobre eles, pois seguindo uma prática corrente na imprensa desta época, os periódicos não explicitavam a autoria de suas fotografias, o que dificulta bastante a investigação de traços e marcas destes fotógrafos na revista.

Além destes, foram identificados também fotógrafos integralistas autônomos, como “Mauro Photos”, de São Paulo, e “Photo Milton”, do Rio de Janeiro, por meio de anúncios de seus trabalhos nas páginas de *Anauê!*. Ao contrário dos fotógrafos contratados, localizei duas fotografias assinadas por “Photo Milton” na revista. Por meio de um aviso, publicado no jornal *A Offensiva*, na sessão “Movimento Integralista”, informando aos Doutorandos de 1936 que procurassem o fotógrafo Milton para tirarem seu retrato para o “Quadro dos Doutorandos do Sigma”, ficamos sabendo de outras atividades realizadas por este fotógrafo no interior do movimento.³⁸

A produção destes suportes materiais de memória, as fotografias, era tarefa não só de profissionais contratados pela revista, mas também de fotógrafos amadores entre os militantes. No editorial do primeiro número da revista, fica claro que os militantes poderiam e deveriam dar sua “colaboração substancial, mas não indigesta” enviando notícias e fotografias. Embora toda e qualquer informação publicada nos periódicos integralistas fosse objeto de censura

³⁶ CHAUI, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In: CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Silvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp.46 e 47.

³⁷ LENHARO, *Sacralização da política*, op. cit., p.16.

³⁸ *A Offensiva*, 15/11/1936, ano III, p.11.

prévia pela Secretaria Nacional de Propaganda, e a partir de 1936 pela Secretaria Nacional de Imprensa, a AIB permitia aos militantes enviar fotografias do seu cotidiano integralista, não somente nos núcleos, mas também em suas residências. Isso era possível porque a produção fotográfica desde a década de 20 não era mais monopólio de fotógrafos profissionais. Após a difusão de máquinas portáteis e do filme flexível com maior sensibilidade, a fotografia tornava-se mais acessível àqueles que tivessem recursos financeiros suficientes para comprar sua máquina.³⁹

Na leitura de um trecho do apelo da revista, em outubro de 1935, aos seus militantes, fotógrafos e Secretários de Propaganda, nota-se o entendimento da revista como espaço importante na construção de visibilidade e de memória para o movimento, pois os militantes são convidados “a enviar à redação a sua colaboração fotográfica, que virá de encontro aos desejos do Chefe Nacional, que insiste em que ‘Anauê!’ seja um museu portátil do Integralismo”.⁴⁰

É importante ressaltar que ao afirmar que a AIB atribuiu “tarefas fotográficas” aos seus militantes, transmitindo assim a idéia de que a construção da memória e identidade do movimento estava aberta a todos os militantes, não importando a hierarquia, não se quis acusar, simplesmente, o movimento de manipular ou dominar as mentes de seus militantes, mas sim, mostrar que mesmo no âmbito de um movimento autoritário, pôde existir a participação, ainda que restrita, dos receptores da mensagem integralista na construção desta mensagem. Se pensássemos a investigação histórica em termos da manipulação e dominação pela AIB por meio de imagens, simplificaria demais a análise e interpretação dos materiais utilizados.

Anauê! também incentivou seus militantes através de concursos a produzir fotografias e desenhos para a propaganda do movimento. Em setembro de 1936, por exemplo, a revista organizou o “Concurso Mensal de Desenhos” que, segundo o regulamento, abarcava “silhuetas, alegorias, gráficos, caricaturas e tudo o mais que se relacione a pessoas, coisas e lugares integralistas”. Os prêmios seriam em dinheiro ou assinaturas de periódicos integralistas.

Outro concurso de fotografias organizado pela revista, aconteceu em maio de 1937⁴¹, fixando prêmios em dinheiro para todos os classificados, além de publicar as fotografias dos

³⁹ MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Niterói, Tese de Doutorado em História, UFF, 1990, p.13.

⁴⁰ *Anauê!*, nº 11, ano II, jul/1936, p. 34.

⁴¹ *Anauê!*, nº 15, ano III, maio de 1937, p.08.

concorrentes na revista. Em setembro de 1937, duas fotografias de um dos finalistas são um exemplo de como estas imagens foram utilizadas pela revista.



Anauê!, nº 19, set/1937, pp.52 e 53

Na primeira, um homem integralista uniformizado segura uma pipa com o sigma desenhado sobre o fundo claro e várias crianças em volta observam; na segunda o integralista, com a pipa no céu, brincava com as crianças. Legendas criadas pela revista afirmam: “O Entusiasmo infantil pelo integralismo. As crianças também querem fazer propaganda” e “O ‘Papagaio-Sigma’ feito mensageiro dos ideais da infância do Brasil”. Observa-se aí a exaltação, pela revista, da participação dos militantes na propaganda do movimento, além disso o incentivo à participação dos militantes, como já foi afirmado, estreitava os laços de identificação com a doutrina e a AIB.

Até o número 13, de março de 1937, as seções da revista não eram fixas e nem seus nomes, mas algumas partes apareciam constantemente na revista: uma ou duas páginas com fotografias de crianças uniformizadas ou não, que vinha intitulada, algumas vezes, de “Plinianos”, “O amanhã da Pátria” ou “O Brasil de amanhã”; um espaço para anúncios de publicações integralistas ou empresas e profissionais autônomos a eles vinculados; uma ou duas páginas com fotografias relacionadas a eventos ou pessoas do contexto internacional (por exemplo, de Igrejas destruídas pelos comunistas na Espanha, ou de Hitler discursando); um espaço intitulado “Sociais”, onde se divulgavam batizados, casamentos, aniversários, mortes e

quaisquer datas comemorativas de integralistas; páginas com pequenos contos escritos pelos dirigentes que incluíam aspectos como folclore brasileiro, heróis nacionais, acontecimentos de viagens suas, entre outros, em linguagem bem simples e muitas páginas com eventos e reuniões de integralistas realizados no Brasil inteiro. *Anauê!* inicia suas atividades com 64 páginas e a partir do nº 04, de outubro de 1935, as páginas são reduzidas para 38, provavelmente por motivos financeiros. Uma nota neste número intitulada “Alteração de preços”, é um indício de possíveis dificuldades financeiras e a revista tenta convencer o leitor que o aumento do seu preço se deve “a enormes despesas a que fomos forçados para que a revista do Integralismo seja de fato uma grande revista”.⁴²

O que chama a atenção na observação destas seções é o investimento da revista em construir por meio de fotografias o cotidiano do movimento e de seus militantes, não só em espaços públicos, mas também em espaços privados e apresentá-los aos leitores como o movimento e os militantes integralistas. O investimento pelos intelectuais em pequenos artigos e histórias com aspectos da história brasileira oficial, elementos do folclore brasileiro e descrição de ações da militância nacionalmente a favor do movimento, nos indica mais uma vez que esta revista era voltada a um público que deveria ser “educado” e que ela investia em forma de textos e imagens na criação de identificação da militância com o movimento. Uma seção direcionada somente para tornar visível a infância integralista, com fotografias das crianças integralistas, os “plinianos”, de variadas idades, aponta o interesse em explicitar o papel da nova geração na construção da pátria; não é a toa que algumas vezes esta seção vinha intitulada “O amanhã da Pátria”.

De março de 1937, em diante, *Anauê!* sofre alterações. Além de a direção ser exercida por Manoel Hasslocher, as ilustrações são produzidas, não somente por Thompson, mas também por “conhecidos e admirados artistas”, como afirma anúncio da revista no jornal *A Offensiva*.⁴³ Ela volta a ter 64 páginas, as partes com anúncios, crianças integralistas, datas comemorativas dos militantes, anúncios, pequenos contos de dirigentes e fotos de eventos integralistas se mantêm, mas seu raio de ação se torna mais abrangente com o aparecimento de seções direcionadas a vários públicos: seção “Senhora” assinada pela integralista Nilza Perez, com artigos voltados para as militantes e fotografias de eventos organizados por elas; seção “Curupira”,⁴⁴ contendo historinhas infantis ilustradas com desenhos e pequenos artigos

⁴² *Anauê!*, nº 04, out/1935, contracapa.

⁴³ *A Offensiva*, 16/02/1937, p.03.

⁴⁴ O jornal *A Offensiva* também publicou uma seção dedicada ao público infantil com este nome a partir de maio de 1935, mas teve tempo de vida curtíssimo de algumas semanas.

sobre a criança integralista; Seção “A vida das sombras”, com artigos, a programação sobre cinema e fotos de atores integralistas ou não; as seções “Teatro” e “Sintonizando” com críticas e a programação de peças e programas de Rádio, e fotografias de artistas integralistas ou não; Seção “Palavras Cruzadas” construída com a contribuição de militantes e ilustradas com desenhos do Sigma, Seção “Mens sana in corpore sano” com fotografias de integralistas fazendo exercícios e a Seção “Síntese das atividades integralistas”, com um pequeno resumo das atividades integralistas mais significativas no Brasil inteiro.

Estas mudanças na revista, inclusive a ampliação das suas áreas de interesse, podem ser explicadas pela maior mobilização integralista para participar da eleição presidencial que se realizaria em 1938. Apesar do candidato da AIB neste momento ainda não ter sido escolhido, sua mobilização em torno do alistamento de todos os integralistas em idade para votar e na propaganda para conquista de mais adeptos é cada vez maior. Desde dezembro de 1936 o movimento já se mobiliza nessa direção e a organização da “Campanha D’Ouro” a fim de arrecadar, recursos financeiros para “alistamento eleitoral”, “propaganda doutrinária e política” e “todo e qualquer serviço eventual, que se torne necessário à prosperidade do movimento integralista, seu êxito no combate ao comunismo, sua vitória nas próximas eleições presidenciais da República e renovação das Câmaras Federal e Estaduais”, é um exemplo dos seus objetivos desde então.⁴⁵

A partir deste momento a revista se torna mais leve e menos doutrinária e investe em seções de crítica dos valores culturais das classes alta e média brasileiras, tais como assistir filmes, peças teatrais e escutar programas de rádio; também investe em entretenimento, como é o caso das palavras cruzadas com desenhos alusivos ao movimento. Este investimento já era visível no início de 1936, por exemplo, com a presença esporádica de alguns desenhos cômicos,⁴⁶ e de uma seção com dicas de moda feminina, mas este se torna mais incisivo nesta conjuntura de mudanças da revista.

As páginas de *Anauê!* em seus números iniciais traziam poucas fotomontagens e em seus clichês alguns desenhos e letras manuscritas feitos por Thompson. Provavelmente fosse mais barata a impressão de fotos no seu formato natural, uma ao lado da outra ou uma abaixo da outra, e a montagem de clichês manuscritos. Pelo número de desenhos em volta das fotos,

⁴⁵ “Regulamento da ‘Campanha D’Ouro’ ”, de 30 de dezembro de 1936. Documento 01, Pasta 22. APERJ, Fundo DESPS, Série Integralismo.

⁴⁶ Por exemplo, em um desenho o ladrão assaltando o homem diz: "Pelo amor de Deus! Minha mulher ficará furiosa se eu não lhe levar dinheiro" e o ladrão responde: "A minha também, patrão". *Anauê!*, nº 15, ano III, maio de 1937, p.37.

possivelmente o número de fotografias disponíveis fosse um pouco menor para o grande número de páginas (64 páginas), o que vai ser resolvido de certa forma com a diminuição do número de páginas (38 páginas) e o pedido de envio de mais fotos e de boa qualidade pelos militantes no número 04, de outubro de 1935, intitulado “Apelo aos amigos de ‘Anauê!’”⁴⁷. Aparentemente, neste período inicial os editores da revista além de terem poucos recursos financeiros, estão aprendendo a produzir uma revista ilustrada. A página a seguir, sobre a visita do chefe nacional à Blumenau, RS, e o desfile dos militantes em sua homenagem, exemplifica esta forma ainda inicial de publicar reportagens ilustradas nesta revista⁴⁸.



Anauê!, nº 04, out/1935, p.52

Observa-se nesta página a composição de duas fotografias publicadas no seu formato natural, sem qualquer montagem, a não ser o uso de recursos gráficos como a moldura e o desenho de um pinheiro, árvore típica da cidade, o título e a legenda das imagens em letras manuscritas e em volta das fotografias.

Ao longo da sua existência a revista vai se aproximando da estrutura e recursos gráficos das demais revistas ilustradas da época, como a *Fon-fon*, por exemplo. O número de fotografias cresce bastante e as fotomontagens se tornam algo comum em suas páginas. O uso de desenhos e letras manuscritas que preenchiam as páginas com poucas fotografias dão lugar a

⁴⁷ *Anauê!*, nº 04, ano I, out/1935, p.64.

⁴⁸ *Anauê!*, nº 04, out/1935, p.52

uma página onde a fotografia predomina e os textos são elaborados com letras de imprensa. Esta evolução gráfica pode ser explicada pelo crescimento do movimento, que incorpora em seu quadro de militantes vários jornalistas, inclusive alguns que trabalham com revistas ilustradas, como Sérgio Silva, proprietário da revista *Fon-fon*. Outro ponto favorável a esta evolução da revista é o crescimento da renda do movimento, com a incorporação de novas formas de arrecadação, tais como campanhas financeiras e a contribuição de militantes, inclusive de militantes de grandes posses e prestígio político, como o dono dos Laboratórios Raul Leite e Marcos de Souza Dantas, ligado à esfera econômico-financeira do governo, foi presidente do Banco do Brasil em 1934. A reprodução abaixo, de uma página de setembro de 1937, mostra o grande número de fotografias, em diferentes formatos superpostas, em uma fotomontagem, e o pequeno texto próximo a ela com letras de imprensa que apenas ordena a seqüência da leitura das fotografias e identifica as situações retratadas. Toda a composição da narrativa e a informação são elaboradas por meio das fotografias.



Anauê!, nº 19, set/1937, p.31

Algo que também despertou nossa atenção na observação das revistas *Anauê!*, à semelhança com o periódico *A Offensiva*, é a presença maciça de militantes nas suas páginas e fotografias. Sem dúvida o foco principal destas é construir uma visibilidade para significativa

presença de pessoas no movimento para despertar o “entusiasmo” na militância. Embora, a revista dê mais atenção aos camisas e blusas verdes no seu dia a dia, até mesmo em suas residências, nas fotografias publicadas nos dois periódicos é claramente visível o interesse em mostrar a militância ‘participando’ do movimento: batendo tambores, marchando, saudando o chefe e dirigentes, cumprir tarefas definidas, entre outras práticas consideradas participativas pela AIB.

2.3 – Comparando usos de imagens em *A Offensiva* e *Anauê!*

- **A onipresença do Chefe Nacional**

A divulgação recorrente da figura de Plínio Salgado, nas páginas de *Anauê!*, seja da sua presença em eventos integralistas, seja por meio de sua fotografia sempre fixada nas paredes dos núcleos integralistas, é um recurso amplamente explorado na difusão da imagem do chefe nacional⁴⁹ e produz como efeito a onipresença do líder integralista na vida cotidiana dos militantes. Segundo Bertonha, nas grandes solenidades, os militantes são agrupados ao redor do Chefe, “ele é apanhado como ponto central para o qual tudo converge e sua presença, real ou representada, confere à cerimônia a sua própria razão de ser, já que ele é a encarnação viva da unidade a que todos devem reiterar sua subordinação”.⁵⁰

Tanto no jornal *A Offensiva* quanto na revista *Anauê!* Plínio Salgado é o protagonista dos grandes eventos integralistas e aparece sempre nas fotografias destes eventos divulgadas em suas páginas. Ele está presente também nas paredes dos núcleos e em fotografias onde “é aclamado”, “recebido entusiasmamente” pelos militantes, como afirmam as legendas das fotografias tiradas por ocasião de sua visita aos núcleos integralistas, de suas conferências doutrinárias, entre outros eventos. Em *Anauê!* Salgado aparece somente através de fotografias, estando presente em todos os números analisados. Já no jornal o chefe nacional aparece

⁴⁹ Segundo o regulamento integralista denominado *Protocolos e Rituais*, publicado no *Monitor Integralista* em abril de 1937, que reformula os estatutos da AIB de 1934 e regulamenta todo o cotidiano da AIB, o chefe nacional teria caráter perpétuo e plenos poderes deliberativos, além de ser “(...) a síntese dos anseios de todos os integralistas, o intérprete e o defensor supremo da Doutrina do Sigma; mais que uma pessoa é uma idéia”. “Protocolos e Rituais”. Publicado em *Monitor Integralista*, ano V, nº 18, abril de 1937. Folheto 11, DESPS. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁰ BERTONHA, “A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30”, *op. cit.*, p.94.

também em desenhos (diversas vezes assinados por Garibaldi-RJ⁵¹), individuais, de meio corpo, até a cintura, em matérias, por exemplo, anunciando alguma decisão importante para o movimento.

Na revista *Anauê!*, em seu primeiro número, uma fotografia de Plínio Salgado foi anexada à ela e na leitura de um trecho do editorial, encontra-se o incentivo aos militantes para que destacassem esta fotografia e mantivessem a imagem do chefe até no seu espaço privado, o lar, alargando ainda mais o sentido de onipresença da figura do líder em sua vida diária: “(...) o Integralismo é a Revolução da Família. Por isso não pode faltar nos lares brasileiros o retrato do Chefe Nacional. Aí o tem os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e colocado num quadro que deverá honrar a sala de visita de todo integralista. Afinal, o Chefe não é uma pessoa e sim, a Idéia. Além disso, não é justo que só os núcleos possuam a fotografia do Chefe, às famílias, como verdadeiros subnúcleos, assiste igual direito”.⁵² O artifício da publicação de uma fotografia do Chefe Nacional nesta revista para ser idolatrada ou “adorada”, tal como são os santos cristãos, nos lares dos militantes é inteligível quando se atenta ao fato de que na *Anauê!* muitas vezes são divulgadas fotografias dos militantes uniformizados posando em suas residências, ou em alguma festa familiar onde o Integralismo infiltrou seus rituais e símbolos, por exemplo, nos casamentos. Nesta revista a valorização do contato mais próximo da militância com a doutrina e os dirigentes é muito forte, característica esta que a difere muito do jornal *A Offensiva*, cujo caráter de seriedade e combatividade política não permitem este contato com a militância.

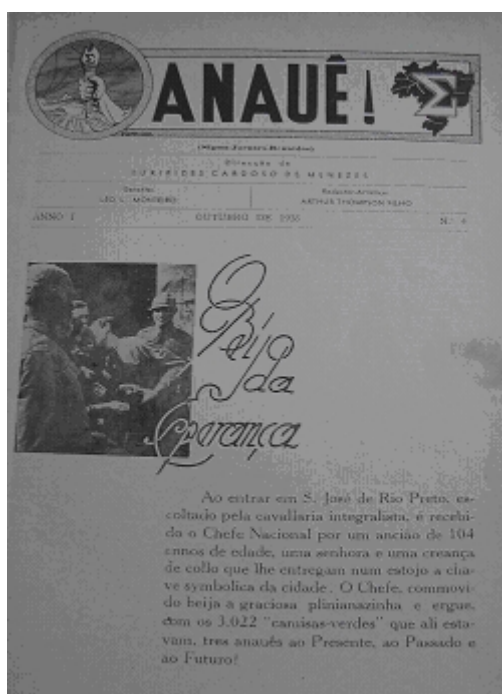
Fotografias de Plínio Salgado estão presentes, não só como o Chefe, o doutrinador, mas também como uma pessoa que ia visitar amigos e passar o dia com eles, tanto em *Anauê!*, como *A Offensiva*. Mostrado cumprimentando pessoas e beijando crianças, como uma pessoa simples e acessível, os periódicos vão estabelecendo laços entre ele e os militantes. Na primeira página do número de outubro de 1935 da revista, por exemplo, Plínio Salgado aparece beijando “comovido” uma criança no colo de uma senhora integralista que, junto a um senhor de 104 anos, entrega-lhe a “chave simbólica” da cidade de S. José do Rio Preto, São Paulo, quando estava em visita.⁵³ Esta fotografia ocupa o centro da página e o texto que descreve a cena fotografada é intitulado “O Beijo da Esperança”. A revista explorou nesta fotografia não somente a figura humana e carismática de Salgado, mas também o apoio das antigas e novas

⁵¹ Não foram encontradas informações sobre este desenhista durante a pesquisa, mas provavelmente deveria ter vínculos fortes com o movimento, pois vários desenhos seus foram encontrados no jornal.

⁵² *Anauê!*, nº 01, ano I, 1935.

⁵³ *Anauê!*, nº 04, out/1935, p.03.

gerações de paulistas ao movimento (o texto afirma que estavam presentes 3022 “camisas-verdes”). Na página, que pode ser vista abaixo, observa-se o grande espaço destinado a esta foto e a sobrevalorização deste ato “comovido”, deste contato com a militância, em detrimento da descrição de sua visita à cidade ou das atividades realizadas na mesma.



Anauê!, nº 04, out/1935, p.03

No jornal *A Offensiva*, Salgado, embora tenha sua autoridade e poder afirmados a todo instante, também é apresentado como uma pessoa acessível, e em várias fotografias ele aparece no meio dos militantes. A divulgação do I Congresso Universitário Integralista acontecido em São João Del Rei é um exemplo da diversidade de situações e formas pelas quais a figura do líder é elaborada pelo jornal: ele posou entre quatro velhinhos negros, identificados pela legenda como “Caboclos mineiros”, que “fizeram uma longa viagem a pé para conhecerem pessoalmente o chefe da AIB” e foi fotografado “cercado por camisas-verdes e admiradores de São João Del Rei. A seguir, vemos estas duas fotografias, que juntamente com outras quatro fotografias fora publicada lado a lado com o título “Flagrantes do Congresso Integralista de São João Del Rei”. Diferente da revista *Anauê!* que investiu na sobrevalorização de um aspecto “emocionante” desse evento, o jornal divulga vários outros aspectos do acontecimento, como a mesa que presidiu a sessão preparatória do Congresso e os militantes uniformizados assistindo a uma missa na cidade. Mas, de forma semelhante à revista, investiu

na divulgação da presença no movimento de “caboclos”, pessoas geralmente pouco letradas ou analfabetas, trabalhadores do campo ou proletários. Este investimento da propaganda integralista na publicação deste tipo de imagem possivelmente visa estabelecer relações, criar afinidades e produzir sentimentos de identificação do leitor com as pessoas e eventos retratados. Sugere, assim, um forte meio de atração das pessoas mais humildes para a causa integralista.



A Offensiva, 16/02/1936, p.01

Esta preocupação em apresentar o líder como uma figura humana e carismática, também fez parte, por exemplo, do rol de preocupações do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do Estado Novo. Várias são as fotos de Getúlio Vargas conversando ou cumprimentando pessoas comuns nas ruas, senhoras, crianças e até deficientes físicos, encontradas no acervo de fotografias do DIP mantidas pelo Arquivo Nacional.⁵⁴

⁵⁴ Uma análise interessante sobre estas fotografias se encontra no artigo de Sabrina E. Medeiros: “O Estado Novo: o mito do pai dos pobres”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *História e imagem*. PPGHIS / CAPES, Rio de Janeiro, 1998, pp.349-355.

- **“Plinianos”, “Blusas verdes” e “Camisas-Verdes” de todas as gerações e estados: a família integralista e seu cotidiano**

Influências cristãs, eugênicas, patriarcais e autoritárias fazem parte do discurso integralista em relação à importância da família em seu projeto de Nação. Geraldo mostra que os integralistas compartilhavam a concepção eugênica de família como “peça-chave da saúde da Nação e da constituição de uma ‘raça’ forte” e que estes fundamentaram um programa que visava submeter a vida privada à construção do “Estado Integral”⁵⁵. Segundo Marilena Chauí o movimento se baseia nas idéias “de sociabilidade natural e sagrada trazida pela família” e de hierarquia, apresentada como natural e moral, fundamentando a autoridade “de tal forma que o pai é a autoridade natural sobre a família, o Estado é a autoridade natural e moral sobre a sociedade e Deus é a autoridade necessária sobre tudo”.⁵⁶ O discurso integralista toma a família ainda como “metáfora da ordem social” e do Estado Integral, buscando associar a figura do Chefe Nacional ao pai, à pátria, à imagem de mãe e os brasileiros como seus filhos. E desta “família” metafórica espera-se disciplina e obediência à autoridade, submissão irrestrita ao pai e devoção à mãe.⁵⁷

Nas páginas da revista *Anauê!* e do jornal *A Offensiva* estas concepções sobre a família integralista são modeladas de diferentes formas. No primeiro editorial de *Anauê!*, por exemplo, este tipo de discurso aparece quando o texto se refere à própria revista como a “(...) netinha do chefe: - pequenina, humilde, mas com vontade de crescer (...)” e que cumpriria aos seus “(...) ‘padrinhos’, que são todos os camisas-verdes da Pátria, amparar a ‘afilhadinha’, vesti-la com as melhores fotografias (...)”. A revista integralista investe em demasia na publicação de fotografias das famílias de seus militantes e aos poucos vai elaborando uma imagem da família integralista. Em seu nº 04 encontramos um exemplo típico de uma das formas do periódico evidenciar a família integralista - enfocando uma das famílias, uma em específico, com muitos ou poucos componentes uniformizados reunidos; é a fotografia da família do integralista Ângelo Maximo Gallinari, provavelmente enviada por ele à revista, onde estão ele, sua esposa e os

⁵⁵ GERALDO, Endrika. *Entre a raça e a Nação: A família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação Brasileira nas décadas de 1920 e 1930*. Campinas, Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, 2001, p.11.

⁵⁶ CHAUI, Marilena. “Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado”. In: MORAIS, Reginaldo (et. al.) (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.40.

⁵⁷ GERALDO, E., *Entre a raça e a Nação, op. cit.*, p.20.

filhos de várias idades, uniformizados, entre eles uma menina segura a fotografia de Plínio Salgado emoldurada. Embaixo da fotografia um pequeno texto exalta a família integralista:

“Que lindo! Uma família integralmente integralista! O papai, a mamãe, os irmãos mais velhos, as meninas, os gurizinhos, a plinianzinha que ostenta sorridente a fotografia do Chefe Nacional e até o pimpolho que nasceu ainda outro dia mesmo – tudo de camisa-verde! O ‘batalhão’ do companheiro Ângelo Maximo Gallinari devia até ser proclamado ‘núcleo familiar’”⁵⁸



Anauê!, nº 04, out/1935, p.48

Nesta página, a foto da família em tamanho significativo tem ao seu lado um texto do Secretário de Organização Política do Paraná Orlando Ribeiro de Castro, intitulado “Elogio ao Paraná”. Neste texto ele afirma ter ajudado a organizar o movimento nesta “província”, elogia o esforço dos militantes no crescimento da AIB e na luta contra o comunismo, além de exaltar a grande vitória eleitoral integralista, que elegeu vários vereadores no estado. É interessante notar que não é informada a nacionalidade da família retratada. Neste sentido, esta foto, junto

⁵⁸ Anauê!, nº 04, ano I, out/1935, p.48.

ao texto citado, representaria as famílias integralistas brasileiras, que, tal como as famílias paraenses, estão construindo o movimento com “imenso entusiasmo”.

Não existia uma seção específica na revista para a publicação das fotografias de famílias integralistas, mas, mesmo espalhadas pela revista elas constroem a imagem da família integralista, com seus hábitos, em seu cotidiano de militante. Ao contrário de *A Offensiva* as fotografias de famílias individuais – a família do militante tal – são mais comuns nas páginas de *Anauê!*, o que evidencia o interesse da revista de mostrar “o militante” ou a família “do militante”, aproximando o leitor daquelas “pessoas comuns”, “iguais” ao leitor.

No jornal *A Offensiva*, fotografias de famílias integralistas aparecem principalmente nas seções “Na sociedade” e “Integralismo nas províncias”, contendo várias famílias juntas, seus componentes uniformizados e espalhados, retratados em algum evento integralista. A ênfase dos textos ligados a elas é no evento onde as aquelas famílias foram fotografadas. A fotografia abaixo, tirada na inauguração do núcleo de “Saco de São Francisco”, em Niterói, mostra componentes de várias famílias reunidos na porta do núcleo e o título da pequena matéria enfatiza o evento e o crescimento do integralismo: “Cada vez mais o Integralismo cresce. Mais um núcleo do Sigma em Niterói”.



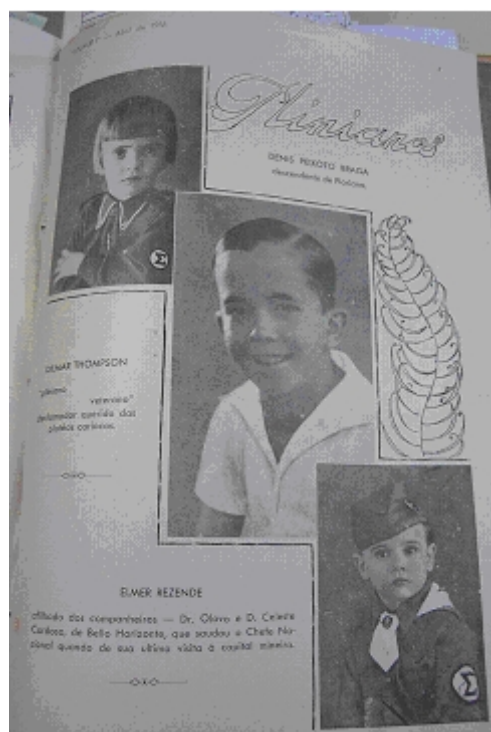
A Offensiva, 05/06/1937, p.03

Não só famílias reunidas eram objeto desse investimento por parte destes periódicos, mas também plinianos – denominação dada às crianças integralistas até a idade de 15 anos -, as blusas-verdes – mulheres integrantes do movimento e os velhinhos integralistas. Na revista *Anauê!* fotografias de crianças uniformizadas apareciam sozinhas ou reunidas principalmente na seção que podia vir intitulada de “Plinianos”, “O amanhã da Pátria” ou “O Brasil de amanhã”. Abaixo duas formas como as crianças ganhavam visibilidade nas páginas da revista. À esquerda na seção “Brasil de amanhã”, a composição da página traz uma fotomontagem

com oito fotografias com várias crianças, a maioria uniformizada, portando-se como militantes adultos: fazendo a saudação integralista ou posando de braços cruzados, com feições sérias. Geralmente nesta seção estão reunidas fotografias de vários núcleos integralistas e regiões brasileiras e exalta-se a participação destes pequenos militantes no movimento, como se fossem adultos, e sua importância para o futuro da nação, além de sempre evidenciar os nomes dos seus pais ou tios integralistas.



Anauê!, nº 12, set/1936, p.11



Anauê!, nº 09, abril/1936, p.07

Já a seção “Plinianos” quase sempre dá maior destaque às fotografias, em menor número e tamanho maior, divulgando crianças parentes de dirigentes graduados no movimento ou de personalidades e famílias brasileiras ilustres. Portanto, mesmo mostrando ‘crianças integralistas’ a hierarquia social está presente e se expressa na fotografia e nas páginas da revista.

Além desta seção, a revista destinou, a partir de 1936, uma seção inteira somente para as crianças integralistas intitulada “Curupira”. Por meio desta o pliniano aprendia valores como a obediência e respeito aos pais e ao Chefe Nacional, a importância dos heróis nacionais, datas cívicas e da religião, através de pequenas histórias ilustradas com desenhos de seus

personagens e, muitas vezes, citavam exemplos de crianças integralistas. No exemplo abaixo vemos a composição gráfica comum a esta sessão: no título desenhos de crianças brincando e um desenho da menina ou menino protagonista da pequena história, que a revista denomina “conto para crianças”.



Anauê!, nº 16, jun/1937, p.54

O jornal *A Offensiva* também publica fotografias de crianças nas suas páginas, mas geralmente atribui importância maior aos acontecimentos onde os pequenos militantes estão presentes, diferentemente do foco da revista integralista. Encontram-se fotografias de crianças integralistas uniformizadas fazendo exercícios em suas aulas de Educação Física⁵⁹; entre militantes adultos em desfiles integralistas; na sala de aula de uma escola integralista; entre outros momentos do seu cotidiano.

⁵⁹ O integralista Hollanda Loyola, que escreve a seção do jornal intitulada “Educação Física”, em matéria sua sobre os exercícios adequados as crianças, argumenta que um dos mais importantes exercícios a serem aplicados é o exercício de coesão, pois “(...) destina-se a impor disciplina, a adquirir um domínio completo sobre a escola, a automatizar o senso de obediência, a dar coesão à massa. Esses exercícios são constituídos de movimentos de ordem unida enérgicos, corretos, variados e precisos (...)”. *A Offensiva*, 03/08/1935, p.06.



A *Offensiva* 03/01/1937, primeira página.

Esta fotografia, claramente posada, com crianças e suas professoras distribuindo leite e sanduíches na escola integralista de Uberaba, MG, foi utilizada pelo jornal para divulgar a “Campanha do Sigma pela alfabetização” durante a campanha eleitoral para a presidência da República. A fotografia da inauguração de “mais uma escola integralista”, é utilizada para manter o assunto em evidência.

Outro exemplo do uso destas fotografias com crianças pelo movimento é uma em que crianças do núcleo da Gávea posam reunidas fazendo saudação, rodeadas por militantes adultos, uniformizadas, acompanhada de um texto, intitulado “Festa Pliniana”, informando que a Secretaria de Organização Política determinou que tal festa fosse realizada no núcleo do Andaraí, e que esta seria “(...) mais uma festa onde tomarão parte cerca de 2.000 crianças integralistas, e que merece a atenção de todos, pois evidencia como o integralismo cuida da educação e do desenvolvimento da criança, antes mesmo de ser governo.”⁶⁰ Tal como o exemplo acima, a fotografia é explorada para a campanha eleitoral do movimento para a presidência da república e não se destaca a identidade dos pequenos militantes, mas sim a festa que seria organizada para eles pelo movimento e sua preocupação com a infância “antes mesmo de ser governo”.

Esta fotografia foi publicada em um pequeno espaço, à direita, na última página do periódico e não está ligada aos demais textos da mesma. Estes, aliás, discutem aspectos da economia brasileira, como a necessidade de auto-suficiência do Brasil em relação à extração de prata e chumbo. A pequena notícia sobre a festa pliniana não tem um espaço privilegiado reservado e nem está em uma seção voltada para as crianças integralistas, mas por meio dela não só há a divulgação do evento como se pretende comprovar a “preocupação” do movimento com “a educação e o desenvolvimento da criança”. E A fotografia com os plinianos fazendo a saudação integralista, em destaque a seguir, junto aos adultos sustenta a idéia da assistência, do cuidado integralista às crianças defendido no texto.

⁶⁰ A *Offensiva*. 03/08/1935, p.12.



A Offensiva. 03/08/1935, p.12



Matéria sobre “Festa Pliniana” em destaque

Buscou-se também consolidar a idéia de que o integralismo era apoiado por novas e antigas gerações de brasileiros por meio de fotografias nas páginas de *Anauê!* e *A Offensiva*. Na página 80 desta dissertação, encontra-se um exemplo desta estratégia pela revista

integralista, quando se exaltou a presença de uma criança na fotografia, que está sendo beijada por Salgado, e de um senhor de 104 anos, que o entrega a “chave da cidade” de São José do Rio Preto, SP. A primeira página inteira da revista é dedicada a esta cena, onde as novas e antigas gerações de integralistas, segundo o texto, “erguiam anauês ao Passado, ao Presente e ao Futuro”.⁶¹

Em *A Offensiva* a construção do apoio de diferentes gerações ao movimento está presente tanto em textos como nas legendas de fotografias, embora não exista o interesse em dedicar uma página inteira a isto. Um exemplo desta estratégia foi publicado por ocasião do Congresso acontecido em Blumenau no segundo semestre de 1935. No topo da primeira página, em uma fotomontagem, uma fotografia grande mostra a multidão de integralistas nas ruas de Blumenau e três fotografias sobrepostas a esta, uma ao lado da outra: à direita, um menino, uniformizado, provavelmente com 3 ou 4 anos de idade, fazendo saudação integralista; no centro, Plínio Salgado, caminhando no meio da multidão e, à esquerda, um casal de velhinhos, uniformizados, também fazendo saudação. Embaixo delas um texto afirma: “OS MENINOS, OS JOVENS E OS VELHOS vestem a camisa verde e, intrépidos, pelejam pela vitória do Sigma. É a nação inteira que se ergue como um só homem para construir a verdadeira democracia – O ESTADO INTEGRAL”.

Esta fotomontagem ocupa um espaço considerável da página do jornal e chama ainda mais atenção, pois o uso deste tipo de montagem com fotos é raro neste período em que o jornal ainda é semanal. Uma olhada no restante da página mostra vários textos com ataques ao comunismo, como o grande artigo acusando a prefeitura de estar “bolchevizando” as escolas do Dist. Federal. Críticas à liberal-democracia inglesa e à “burguesia brasileira” também estão presentes, na caricatura do redator da revista, Madeira de Freitas, no centro da página, que representa a Inglaterra como um gordo homem vestido de fraque e cartola, representação típica de um burguês, segurando um chicote nomeado “civilização”, fumando um cachimbo donde sai uma fumaça com os dizeres “liberal-democracia”, sentado em um trono de ouro localizado acima de um monte de pessoas acorrentadas, nomeadas, cada uma, com o nome de uma colônia inglesa. Reunidos em uma mesma página estas críticas e ataques nos indicam o momento de tensão em que se encontra o movimento ao ter que se defender desta forma na sua imprensa. Torna-se inteligível assim, a presença da fotomontagem manifestando o apoio de novas e

⁶¹ *Anauê!*, nº 04, ano II, out/1935, p.03.

antigas gerações de brasileiros ao movimento neste momento em que este se dizia vítima de perseguições e acusações de extremismo.



A Offensiva, 26/10/1935, p.01

A militante integralista (chamada de “blusa verde”) também foi objeto de intenso investimento nas páginas de *Anauê!* e *A Offensiva*. Por meio de fotografias sua atuação no interior do movimento é elaborada: nas concentrações, com crianças e homens a sua volta, distribuindo mantimentos e roupas com suas companheiras no Natal, nas escolas integralistas junto aos seus alunos, posando com suas companheiras do Departamento Feminino em frente ao seu núcleo, participando de Congressos Femininos, cuidando de bebês no Lactário de algum núcleo integralista, discursando em comício pela candidatura de Plínio Salgado à presidência, ou casando com algum militante, em uma cerimônia cheia de símbolos e rituais integralistas.

Sua conduta moral e sexual nestes momentos são delineadas e delimitadas através de fotografias e pequenos textos – os papéis de mãe e educadora são sempre reafirmados.⁶²

O discurso integralista, tanto o masculino quanto o feminino, apontam para o que Cavalari chamou de “naturalização das diferenças de gênero”.⁶³ Sendo assim a conduta feminina é delimitada, utilizando argumentos dos discursos médicos eugênicos e de inspiração católica, pelo “evangelho” e pelas diferenças de “temperamento”, de “natureza” entre homens e mulheres. Além disso, a preocupação integralista em delimitar a conduta feminina – ao mesmo tempo em que delimita como não deve ser essa conduta – pode ser entendida se nos remetermos ao movimento feminista no Brasil da década de 30, quando mulheres estavam lutando pela igualdade de direitos com os homens e suas atitudes “mais agressivas e independentes estavam causando um mal-estar generalizado à intelectualidade conservadora”.⁶⁴

Na revista *Anauê!* este discurso sobre a mulher se constitui por meio de textos e fotografias onde divulgava-se as mulheres em aspectos de seu cotidiano integralista. Pode-se afirmar que o investimento em dar visibilidade à sua participação no movimento e seu papel na sociedade está presente desde o primeiro número. Um exemplo deste discurso e de um tipo de fotografia com a presença feminina publicada nas suas páginas estão no número de agosto de 1935, onde a página, mostrada abaixo, divulga a foto grande dos noivos Nays Ferreira e Theodore G. Renneberg, do núcleo de Joinvile, uniformizados, que são saudados em frente à Igreja por seus convidados integralistas, também de uniforme. Esta construção da imagem do “casamento integralista” é comum nos dois periódicos, como pode ser observado a seguir com o exemplo deste tipo de fotografia em *A Offensiva: o noivo uniformizado e a noiva de vestido branco ou uniformizada*, sendo saudados pelos seus companheiros de movimento, em frente a uma igreja. Nesta representação temos lado a lado símbolos integralistas e religiosos, o que

⁶² A ação feminina na AIB, nos setores educacionais e de assistência social, está intimamente ligada à organização setorial do movimento e aos papéis sociais elaborados para a mulher integralista. Desde fevereiro de 1934, no I Congresso Integralista, a ação feminina no movimento foi delimitada pela *Secção Feminina*, pertencente ao *Departamento Nacional de Organização Política*. Em dezembro, é criado um departamento exclusivo para as mulheres e juventude em geral denominado *Departamento Feminino e da Juventude*. Com a reformulação nos estatutos, em 1936, este departamento teve suas atribuições ampliadas e passou a chamar-se *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos*. A criação de um Departamento e depois de uma Secretaria, órgãos específicos para as mulheres, aponta para as separações entre os sexos e o destaque das diferenças entre eles pela A.I.B. GERALDO, E., *op. cit.*, p.125.

⁶³ CAVALARI, Rosa M. *op. cit.*, pp.59 e 60.

⁶⁴ SILVA, Cleusa Gomes. *Modernizando o casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Dissertação de Mestrado em História, Campinas, Unicamp, 2001, p.26.

indica a valorização da interseção entre movimento e religião pela sua imprensa. Na composição da página a fotografia ocupa a metade da página e na parte inferior um texto intitulado “Decálogo da boa esposa” apresenta quais seriam as dez regras de conduta da esposa integralista. Entre elas: “1 – Ama o teu marido acima de todas as coisas, ama a teu próximo o melhor que puderes, mas lembra-te que a tua casa pertence a teu marido e não a teu próximo (...) 10 – Se teu marido se afasta, espera-o. Mesmo se ele te abandonar, espera-o. Porque não és somente a sua mulher, tu és a honra de seu nome. E um dia ele voltará abençoando-te”.



Anauê!, ago/1935,nº 03, p.22



A Offensiva, 01/06/1935, p.11

No jornal *A Offensiva* as mulheres também estão presentes, tanto nos artigos escritos por dirigentes de ambos os sexos quanto em fotografias. Ao contrário da revista integralista, o investimento na divulgação da participação feminina não é constante em suas páginas, sendo iniciado a partir de 1935, quando a AIB se transforma em partido político e intensifica a

preocupação do movimento em mobilizar as “blusas verdes” para alistarem-se e alfabetizarem os integralistas analfabetos. Quando o jornal resolve publicar uma seção doutrinária voltada somente ao público feminino, intitulada “Página da Blusa Verde”, em setembro de 1936, a estréia é marcada por um pequeno texto de Irene de Freitas Henriques, Secretária Nacional de Arregimentação Feminina e Juventude, onde ela afirma que esta seção foi criada com o intuito “de melhor orientar as Blusas verdes do Brasil sobre o papel da mulher no movimento, e a sua posição no advento do Estado Integral”.⁶⁵ Fotografias de eventos organizados por elas, como congressos femininos e o “Natal dos pobres”, realizado no final do ano, ou daqueles que apenas contassem com sua participação são divulgadas nesta seção junto a artigos e notícias sobre a ação feminina no movimento.



A Offensiva, 13/07/1937, página 03

O jornal explorou esta fotografia não pelo que ela mostra - a mulher participando ativamente da campanha eleitoral - , mas sim, para destacar seus papéis de “mãe e trabalhadora”. Isto fica evidente na legenda desta fotografia: “: “Num comício integralista na província de Guanabara, em Catumbi, dona Morgan Brandão dirige a sua palavra de mãe e de trabalhadora ao povo, pela candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República”.



A Offensiva, 10/01/1937, p.15

Na seção “Página da blusa Verde”, fotografias como esta eram exploradas para mostrar o empenho das militantes e seu cotidiano no movimento. Esta, mostra uma sessão do congresso feminino organizado pelo núcleo de Campos, RJ.

⁶⁵ *A Offensiva*, 13/09/1936, p.14.

A revista *Anauê!* e o jornal *A Offensiva* controem, através da fotografia, todo um cotidiano da AIB no Brasil inteiro. Reportagens fotográficas sobre eventos, tais como, Congressos; fundação de núcleos e escolas integralistas; comemoração de datas cívicas; aniversário de dirigentes e núcleos; homenagem a vultos históricos brasileiros, como Tiradentes e Carlos Gomes; reuniões e conferências doutrinárias; eventos organizados para comemorar acontecimentos da história do movimento e, principalmente, concentrações e desfiles de militantes eram amplamente ilustradas e interligadas a textos que exaltavam a presença de uma multidão e o apoio de “camisas-verdes” que compareciam a essas atividades. Em alguns casos, principalmente no jornal integralista, pequenos textos ou trechos dos livros de Plínio Salgado, exaltando o Integralismo, reafirmando sua autoridade de Chefe e indicando a conduta que o integralista deve ter, acompanhavam estas fotografias.

Na revista o foco nestes eventos é constante, sendo que o fato dela ser totalmente ilustrada e de circular nacionalmente determina uma quantidade maior de registros fotográficos de eventos integralistas no Brasil inteiro em suas páginas. Alguns números dedicaram a maioria de suas páginas a algum evento de grande importância, por exemplo, a revista de nº 05, nomeada de “número das multidões”, que publicou diversas fotografias da militância nas reuniões e concentrações do Congresso de Blumenau, ocorrido em outubro de 1935. Dois exemplos da divulgação de eventos nesta revista podem ser vistos na análise empreendida aqui anteriormente, da estrutura desta revista, nas páginas 24 e 25. Na 24, por exemplo, vemos a reprodução de uma página do número 04 da revista, onde foram divulgadas fotografias de militantes desfilando em homenagem a visita de Plínio Salgado a cidade de Blumenau, RS. Nesta página temos dois exemplos de fotografias bastante exploradas pela revista a respeito destes eventos: fotografias onde estão concentrados ou desfilando um número muito grande de militantes, uma “multidão”. Outro aspecto bastante comum na divulgação de fotografias de eventos é a exaltação nos textos ou legendas ao grande apoio da militância e isto pode ser visto nesta página, quando a cidade de Blumenau é denominada “cidade integralista”, aclamada de “baluarte” do movimento.⁶⁶

Algo que nos chamou a atenção na observação destas fotografias do cotidiano integralista na revista *Anauê!* e *A Offensiva* é que a repetição de fotografias de eventos semelhantes

⁶⁶ No dicionário Houaiss “baluarte” significa “sustentáculo, alicerce, base”.

organizados em todo o país e a grande freqüência em que estas são publicadas em suas páginas procuram criar a imagem de freqüência, repetição, de algo familiar e cotidiano na vida da militância. Portanto, um cotidiano é “inventado” por meio de textos e fotografias, levando o leitor a compreender o dia a dia integralista assim: uma seqüência frenética de eventos, grandiosos ou restritos aos núcleos, sempre ligados ao movimento. Esta é a realidade criada por estes periódicos, o que não significa que o seu cotidiano fosse assim.

Como já foi exposto, grandes eventos eram divulgados principalmente na primeira página de *A Offensiva*, na forma de texto e fotografias, ou na forma de fotomontagens com pequenas legendas, com menos freqüência, a partir do final de 1935, e seus títulos com letras grandes e em caixa alta, exaltavam a importância e a ampla adesão a eles, pois os números de militantes que compareciam eram freqüentemente divulgados.⁶⁷ A partir de 1936, quando o jornal passa a ser diário e ter mais páginas, a divulgação de pequenos eventos ou notícias nesta página se torna mais comum. Estes pequenos eventos, geralmente, eram relatados na sessão “Integralismo nas províncias”, onde se encontravam fotografias de alguns deles, possivelmente, mandadas por militantes ao jornal. Nota-se nesta seleção dos espaços onde as fotografias seriam publicadas uma clara hierarquização, delegando uma ordem de importância aos eventos organizados pela AIB.

Um exemplo deste tipo de página foi publicado em 1935 divulgando o dia da Pátria. Na página, abaixo, vemos várias fotografias grandes com militantes integralistas de vários estados brasileiros, uniformizados, desfilando ou perfilados, alguns seguram bandeiras integralistas e do Brasil. O editorial de Plínio Salgado, intitulado “Essa lei é boa”, tece vários elogios aos sertanejos de Pernambuco e sua sabedoria ao afirmar que a doutrina integralista era “lei” e que era “boa”, além de contar a história do filho de um militante adoentado, cuja casa Salgado foi visitar, que o fez sentir “o Brasil de amanhã”. Neste texto, assim como em outros desta página,

⁶⁷ Alguns estudiosos comentam que os números publicados na imprensa integralista eram bastante exagerados. Stanley Hilton, por exemplo, afirma que no desfile de 1º de novembro de 1937, quando os integralistas foram até ao Palácio do Catete “levar apoio” ao Presidente Vargas, Plínio Salgado afirmou terem participado 50.000 militantes, mas somente estiveram presentes 17.000 integralistas, contando mulheres e crianças, segundo informação dada por agentes de Getúlio Vargas que estavam nas ruas para contar o número de desfilantes. HILTON, Stanley. “A Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938”, *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945 (cinco estudos)*. São Paulo: Nova Fronteira, 1983, p.55.

o apoio da militância, de todas as gerações e nacionalidades é explicitado. Textos e fotografias nesta página se complementam e transmitem mensagens de apoio e espontaneidade da militância em nível nacional. As legendas exaltam o patriotismo dos militantes e a aclamação da “massa popular”. No topo da página um texto, em caixa alta e letras grandes, acompanhado de uma fotografia dos militantes que desfilaram no Dia da Pátria no Espírito Santo, relacionado à matéria, afirmava:

“Em todas as regiões do país, onde os direitos constitucionais são assegurados pelas autoridades, realizam-se concentrações e desfiles dos ‘Camisas-verdes’ no dia da pátria. Tendo-se mobilizado, em mais de duzentas cidades, massas integralistas que atingiram a mais de 150.000 jovens, pedimos o testemunho honesto das autoridades de todos esses lugares, para que digam, de público, se se registrou o mínimo incidente de perturbação da ordem nessas grandiosas demonstrações. Estribados nessa força moral, dirigimo-nos diretamente ao Sr. presidente da Republica, para que faça cessar em certos estados as prisões e vexames que estão sofrendo os ‘camisas-verdes’ pelo crime de amar o Brasil”.



A Offensiva, 21/09/1935, p.01

Esta estratégia do jornal de utilizar textos e frases de efeito no topo da página, relacionados à matéria ilustrada, como já foi exposto, buscava chamar a atenção e tentar

convencer seus leitores da legitimidade do movimento e da sua força, principalmente em momentos que elas estão sendo contestadas e o movimento ameaçado. No exemplo acima, entende-se o motivo da publicação deste texto de efeito e da utilização de fotos com militantes de várias partes do país: a Lei de Segurança Nacional havia sido editada e em abril de 1935 foi aprovada pelo presidente Vargas, para conter os ânimos dos “extremistas” (expressão em voga na época).⁶⁸ Em alguns estados brasileiros, como na Bahia, os integralistas estavam sendo perseguidos e acusados de serem extremistas.⁶⁹

A capacidade da imprensa de selecionar e ordenar fotografias e textos, produzindo assim a sua versão da realidade, pode ser observada nesta página que analisamos acima, onde buscou-se provar aos leitores que a realidade não é aquela que os militantes viam e viviam – de perseguições, prisões, fechamento de núcleos – mas sim a do apoio incondicional, dos desfiles e concentrações populares e “espontâneas”, imagens construídas em suas páginas.

As fotografias na revista *Anauê!*, como já foi explicado, focalizavam o integralista não somente em eventos organizados pelo movimento, como seus núcleos ou ao ar livre, mas também a casa dele, seu espaço privado, ou seus momentos de lazer, eram reproduzidos em suas páginas. Eventos que seriam particulares às famílias de militantes: casamentos, batizados e falecimentos, também foram apropriados pelo movimento com a inserção de seus rituais e símbolos e a publicação de fotografias enfocando sua presença neles. No jornal integralista esta “invasão” do espaço privado do integralista é menos exibida que na revista integralista. A página a seguir é um modo freqüente da revista mostrar que o espaço privado da militância também está imerso no movimento. Sob o título “Nos lares integralistas”, a fotografia que ocupa a metade superior da página registra a festa de aniversário do pliniano Milton de Souza Carvalho, onde ele e seus amiguinhos, adornados com chapeuzinhos com o Sigma, estão próximos a uma mesa grande fazendo saudação com o braço estendido.

⁶⁸ O jornal *A Offensiva*, no início de 1935, fez uma enquete com vários magistrados para saber se o Integralismo se encaixava na denominação “extremismo” definida pela Lei de Segurança Nacional. Obviamente todos os entrevistados afirmaram que não, que esta denominação se aplicava apenas aos comunistas.

⁶⁹ MOTTA, Rodrigo P. S., *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002, pp.179-181.



Anauê!, out/1937, n° 20, p.09



A Offensiva, 21/04/1937, p.03

No jornal, fotografias como esta registrando o sepultamento do integralista Francisco Cardoso Coelho, no Rio de Janeiro são freqüentes porém, nos textos que as acompanham, os destaques são para a realização do “ritual integralista” e da presença do “Chefe Nacional” na cerimônia. A observação da fotografia indica que o fotógrafo quis registrar o momento exato no qual os militantes estão fazendo a saudação integralista.

Ela evidencia esta invasão do espaço privado infantil pelos símbolos integralistas, pois na mesa vários enfeites do aniversário remetem ao integralismo: bonequinhos de papel com o uniforme do sigma, em várias fileiras, simetricamente separados, estão de frente para os bonequinhos uniformizados como os dirigentes.⁷⁰ Na fotografia da parte inferior da página estão vários militantes reunidos na sala de visitas de um integralista de Niterói, no dia da “inauguração” da foto do Chefe Nacional, emoldurada, encima de uma mesa enfeitada com símbolos integralistas e a bandeira do Brasil. A transposição do núcleo integralista para o lar do militante fica muito clara nesta fotografia.

Pelo caráter vertical hierárquico da organização, a AIB exclui o escalão inferior, a maioria dos militantes, das decisões tomadas, sendo assim estes são levados a uma ilusão de participação política dentro do partido através de rituais e cerimônias. Fotografias também serviam para glorificar a força e o poder do movimento e transmitem a impressão de união e

⁷⁰ *Anauê!*, out/1937, n° 20, p.09.

unanimidade dos militantes em torno do Integralismo.⁷¹ A propaganda destes eventos, nos quais a multidão é o ator principal, procura teatralizar a política, convencer o público através de imagens, tais como a unidade dos militantes e do movimento, da coesão dos militantes em torno do Chefe Nacional⁷². George Balandier, na sua análise desta teatralização do poder elaborada nos mínimos detalhes pelos regimes autoritários, mostra que a produção do imaginário da unidade mascara, ou tenta mascarar, as divisões e conflitos presentes na sociedade.⁷³ A idéia de “unanimidade” estava presente nas fotografias com grupos ou grandes concentrações de integralistas e também nas legendas com as quais eram publicadas, muitas vezes reunindo integralistas de vários gêneros e idades, como no dia da instalação do núcleo na cidade de Rodeio, Espírito Santo: “O aspecto acima dá-nos um atestado significativo da maneira pela qual o brasileiro do interior recebe o Integralismo (...) O flagrante que publicamos é de uma beleza estranha e revela o caráter de unanimidade com que o Integralismo se desenvolve por todas as cidades do Brasil”.⁷⁴ A idéia de “flagrante” na legenda, potencializa as idéias de espontaneidade e de unanimidade, pois transmite a impressão de que os militantes estavam ali naturalmente e que não havia outra intenção tanto do fotógrafo como dos integralistas que não fosse a de participar daquele evento. O ato do registro fotográfico perde sua essência de intencionalidade.

- **Imagens constroem os inimigos do Sigma**

Na revista *Anauê!* e no jornal *A Offensiva* as fotografias e desenhos foram utilizadas como fortes armas políticas dos integralistas contra os seus inimigos. Por meio de fotografias e desenhos a imprensa integralista constrói e divulga quais são seus adversários de várias formas: qualificam seus adversários – extremistas, perigosos, diabólicos, covardes que

⁷¹ BERTONHA, A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30”, *op. cit.*, p.88.

⁷² Domenach, na sua análise da propaganda política dos regimes fascistas e comunista russo, contemporâneos ao Integralismo, afirma que “para atrair o assentimento, para criar a impressão de unanimidade, recorrem freqüentemente os partidos a manifestações e desfiles de massa”. DOMENACH, Jean-Marie, *A propaganda política op. cit.*

⁷³ BALANDIER, George. *O poder em cena*. Brasília, UnB, 1980, pp.23-25.

⁷⁴ *Anauê!*, nº 13, mar/1937, ano III, p.18.

assassinam pelas costas e tentam generaliza-los como “inimigos da pátria”, “inimigos da igreja” e não como seus adversários políticos.

Exemplos de caricaturas vinculados nestes dois meios de propaganda integralistas mostram como a “liberal-democracia”, o comunismo, brasileiro ou estrangeiro e os “judeus-comunistas”, eram depreciados em suas páginas. No jornal *A Offensiva*, bem mais do que na revista *Anauê!*, seu caráter combativo e fortemente político conduz o leitor a páginas e mais páginas de ataques contínuos aos inimigos da AIB. Provavelmente a tentativa de expor um cotidiano “harmonioso” da militância na revista integralista não comportava o investimento maior em ataques aos inimigos do movimento, pois isso evidenciaria aspectos de realidade que *Anauê!* precisava silenciar.

No jornal integralista um exemplo bem claro deste tipo de caricatura foi encontrado na primeira página de junho de 1935, que pode ser vista a seguir. Na caricatura intitulada “A panela do Diabo (Aliança Nacional Libertadora)”⁷⁵, com uma assinatura ilegível, a figura do diabo empurra para baixo a tampa de um caldeirão de onde saem rolos de fumaça identificados como “comunismo”, “liberal-democracia” e “anarquismo”. Embaixo desta a legenda faz um ataque incisivo: “Essa panela infernal é posta a ferver, não mais pelo Mefisto clássico das tendas, mas pelo satanás medíocre, burguês, que se esconde nas organizações secretas, decidindo a sorte dos povos. É um demônio de palitot sacco (paletó-saco), membro de partidos liberais...”. Levando-se em conta que esta organização, fundada em 1935, tinha como presidente de honra o comunista Luís Carlos Prestes e que seus militantes entraram em confronto com integralistas em diversas ocasiões, não surpreende esta desqualificação através da imagem, inclusive utilizando representações cristãs do mal que certamente apelam e mobilizam sentimentos e valores de seus militantes e demais leitores católicos que se interessassem pela leitura deste jornal.

Embora os artigos e fotografias que compõem a primeira página, em volta desta caricatura, não façam menção ao comunismo, o pequeno texto, em letras grandes e em caixa alta, no topo desta página, dá destaque ao ataque aos comunistas e liberal-democratas, além

⁷⁵ Devido ao péssimo estado da página onde esta caricatura foi publicada somente será reproduzida esta imagem e não a página inteira. Para tentar sanar este empecilho à análise serão descritas características desta página que complementam a mensagem transmitida por esta.

de disseminar imagens cristãs do mal (“espírito das trevas”) e do bem (“Deus”), posicionando o integralismo ao lado deste último:⁷⁶

"Nós bem sabemos, oh comunistas, quem vos insufla, quem vos protege, quem vos ampara, quem vos instiga contra nós, quem paga vossas despesas, quem sorri satisfeito no fundo dos palácios ou nas macias poltronas dos clubes, quando nos ataca! Por detrás dos partidos liberais-democráticos, por detrás dos balcões dos negociastas internacionais, existe o véu dos tubernáculos. No fundo, escondido entre sinais cabalísticos, está o inimigo da Nação. É contra ele, e não contra vós, a nossa batalha. E esta batalha não terá tréguas; ela é áspera, renhida e cruel, porque é a batalha de Deus contra a do espírito das trevas".



A Offensiva, 15/06/1935, p.01

A caricatura do dirigente Madeira de Freitas, analisada na página 90 desta dissertação, que critica a Inglaterra, identificando-a como liberal democrata e imperialista, publicada em um momento de ataques contínuos ao integralismo, também é outro exemplo do tipo de ataque a “liberal-democracia” em *A Offensiva* através da caricatura. O integralismo se dizia completamente descrente da democracia liberal, pois esta seria “destruidora da alma nacional” e em última instância favorecia a entrada daquele que seria o inimigo maior da pátria: o comunismo.⁷⁷ O ataque aos judeus, em alguns momentos apresentados como comunistas, era comum no jornal integralista, entretanto, este aparece muito mais em textos do que em caricaturas. Segundo Cruz, as lideranças do movimento davam uma ênfase diferenciada a

⁷⁶ Motta analisa o imaginário anticomunista brasileiro da década de 1930 e mostra que o seu discurso associava o comunismo no Brasil ao demônio, à encarnação do mal; à pragas, doenças ou outros agentes patológicos, à destruição da moral e dos costumes cristãos; ao comunismo russo e à qualquer tipo de desordem. Sendo assim, vemos que a associação do comunismo ao diabo não está restrita ao discurso integralista. MOTTA, Rodrigo. P. S., *op. cit.* pp.56-62

⁷⁷ SALGADO, Plínio. O que é integralismo? Rio de Janeiro: Star, 1933, pp.48-49.

questão judaica, e que esta, no seu discurso, pode ser resumida em dois problemas: “a não-assimilação dos judeus à cultura nacional, enfatizando o perigo judaico para a identidade nacional e a teoria da conspiração mundial judaica”.⁷⁸ Provavelmente este pequeno investimento em imagens depreciativas dos judeus se deve a polêmica em torno de um possível caráter anti-semita do movimento.⁷⁹ O adversário mais visado pelo integralismo nas páginas de seus periódicos, tanto em caricaturas como fotografias, sem dúvida, é o comunismo.

As fotografias também serviram a este intuito de depreciar o comunismo e em alguns momentos assustar os leitores quanto aos perigos de se deixar levar por ele. Um exemplo disto no jornal integralista é um quadro, dividido ao meio, com fotografias e textos, preenchendo metade da página, não por acaso próximo às seções “Proletariado” e “Universitários”, intitulado “Comunismo a nu. Mães brasileiras! Pais brasileiros! Que destino vos espera?”. Ocupando a metade superior da página, o jornal reproduz da “Revista de Propaganda Soviética Oficial no Exterior” a “realidade”, mostrada em tom dramático, das mães russas. No lado esquerdo do quadro, o texto inicia-se com um aviso:

“Vós, que tendes um lar, vós que amais vossos filhos; Vós que prezais a honra de vossas esposas, de vossas irmãs, de vossas filhas; Vós que prezai a vossa liberdade e a vossa dignidade. Meditai um pouco! E se ainda vos restar dignidade humana, se ainda tiverdes sangue nas veias, combatei o comunismo que ilude os operários para os escravizar!”.

Continuando, tenta-se convencer o leitor de que as crianças russas são separadas dos pais depois que nascem e que a mãe, além de ser uma “máquina de fabricar escravos para o Soviet”, tinha que ir aos “Postos de Ordenhação” para dar seu leite a crianças desconhecidas. Articuladas ao texto, onde argumenta-se que “nesses Estábulos todas as mães são degradadas torpemente”, as fotografias de mulheres, supostamente russas registradas na situação descrita

⁷⁸ CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial. A intolerância como princípio*. Tese de Doutorado em História. Niterói, UFF, 2004, p.263.

⁷⁹ Tal polêmica devia ser tão presente que Salgado publicou uma carta-aberta na revista *Panorama* combatendo publicamente um possível anti-semitismo no movimento. Em um trecho desta ele afirmou: “(...) Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos (...) A guerra que se fez a essa raça na Alemanha foi, nos seus exageros, inspirada pelo paganismo e pelo preconceito de raça. O problema do mundo é ético e não étnico”. *Panorama*, 01 (04-05), abril-maio, 36: .3 -5.

pelo jornal, aparecem com aventais e toucas extraindo o leite do seio e outras engarrafando o próprio leite.



A Offensiva, 15/06/1935, p.05

A montagem procura estabelecer uma comparação entre comunismo e o integralismo, iniciando o texto com as frases: “Como será no Integralismo. As mães respeitadas como santas! As crianças: tesouros dos pais! Enquanto o comunismo é o aviltamento da criatura humana e o martírio do operário, o Integralismo é a dignidade e a liberdade!”. Continua-se o texto relatando como é diferente no Fascismo italiano, pois “nos países corporativistas, os pais são donos das crianças. O governo fascista ajuda as mães, vela pelas criancinhas”. Perto do texto, fotografias

que segundo o jornal são de mulheres fascistas, sorridentes, com aventais e touca, dando o seio para bebês mamarem e do rosto de um bebê mamando. O texto termina com o aviso:

“O Operário brasileiro tem família, tem Pátria e tem Deus! Só não amam a Família, a Pátria e Deus: - O burguês gozador que explora o operário; - O capitalista desumano; - O literato comunista degenerado e burguezote;- O agente de Moscou que recebe dinheiro para levar boa vida à custa dos operários; - Os desfibrados de toda a espécie. Operários! O comunismo está vos passando o conto da 'santa-casa', o conto da 'guitarra'~ CUIDADO!”.

Os artigos da seção “Proletariado” e “Universitários”, “O 11 de junho no núcleo Espírito Santo da Província da Guanabara” e “Atividades Integralistas nas Faculdades”, respectivamente, reforçam o ataque anticomunista nesta página. No primeiro, um discurso atribuído a um proletário integralista é transcrito e nele estão presentes várias acusações aos comunistas e a tentativa de convencer o leitor de que ser operário não quer dizer ser comunista. O segundo artigo reproduz o conteúdo de um boletim da AIB distribuído na Faculdade de Direito do Distrito Federal, onde são feitas acusações severas à Aliança Nacional Libertadora.

É interessante chamar a atenção para a estratégia de argumentação e convencimento através do diálogo entre textos e imagens feito nesta página. Trechos do texto pedem para que o leitor, principalmente o proletário, “veja” como são as mães e as crianças no Fascismo italiano (e como será no Integralismo) e como elas são tratadas na Rússia comunista e medite sobre textos e fotografias afirmando, desde o início, que a história contada é baseada em uma revista oficial de propaganda russa. Portanto, ao lado da veracidade que se busca construir com as fotografias, a identificação da suposta fonte de informação de onde elas teriam sido reproduzidas juntamente com os textos servem para referendar a “realidade” que testemunham. As legendas e comentários constroem uma história sobre o aleitamento na Rússia como algo degradante e guiam o olhar do leitor para que observe as fotografias a partir desse entendimento. O uso que o jornal fez destas fotografias foi o caso mais completo, localizada na pesquisa, de simulação e falsificação de conteúdos por meio de legendas e textos. A influência cristã nesta argumentação de defesa da família e da moral brasileiras é clara, opondo o comunismo à família e aos sentimentos de patriotismo e religiosidade.

Outras vezes fotografias interligadas a textos nestes dois periódicos foram usadas para acusar os comunistas de arruaceiros e assassinos, ao mesmo tempo em que glorificavam os integralistas mortos em confrontos, os “mártires” integralistas. Estes confrontos, principalmente em eventos públicos integralistas, eram divulgados maciçamente nas páginas dos periódicos analisados e a responsabilidade por eles é sempre atribuída aos comunistas. Nestas páginas são silenciados os casos de arruaça e assassinatos de comunistas por integralistas. Em 11 de junho de 1935, por exemplo, operários têxteis do Rio de Janeiro realizaram uma greve geral de protesto contra o assassinato de um trabalhador em Petrópolis por um integralista.⁸⁰

Em *A Offensiva* fotografias destes mártires, ensangüentados eram publicadas em reportagens, muitas vezes, de forma chocante e sensacionalista. Em *Anauê!*, alguns desenhos, possivelmente feitos por Arthur Thompson, remetem à morte desses militantes e se apóiam sobre todo um imaginário cristão, como pode ser visto abaixo, no desenho de uma mulher, representando a morte, fazendo a saudação integralista, e ao fundo a inscrição dos sobrenomes de mártires integralistas que foram “para a Milícia do Além”,⁸¹ como Luiz Schroeder e Nicola Rosica.



Anauê!, ano II, jan/1936, p.01

Nas páginas de *A Offensiva*, os comunistas são identificados como adversários e inimigos da pátria desde 1934, mas as estratégias mudam a partir de 1936, quando seus “rostos” são

⁸⁰ Cronologia. *Enciclopédia Nosso Século*. São Paulo, Abril S.A. Cultural, 1985, p.08.

⁸¹ Segundo os escritos integralistas, os militantes quando morriam iam para a Milícia do Além. A luta, portanto, não teria fim, apenas mudariam as armas e o cenário.

revelados e exibidos em várias matérias sobre prisões ou acusações a supostos comunistas, sendo seus retratos publicados e identificados pelos nomes. O comunista mais visado, sem sombra de dúvida, é o líder do PCB Carlos Prestes. Ele e o partido comunista também são acusados com frequência de assassinato neste jornal, por exemplo, da morte de Elvira Copello Calonio, de 16 anos, pseudônimo “A Garota”, que a reportagem dizia ser comunista e ter revelado às autoridades o esconderijo de vários integrantes do partido. Na matéria intitulada “Prestes mandou matar vítima aos 16 anos”, publicada vários dias seguidos na primeira página, as fotos de Elvira e de Prestes foram publicadas com legendas que diziam muito mais do que a identificação da pessoa. Na de Elvira afirmava-se: “A indefesa vítima dos comunistas - Elvira Copello Calonio, ou Elza Fernandez, ou a Garota, com 16 anos de idade!”, e a de Prestes: “Luiz Carlos Prestes, o chefe comunista que exigia a eliminação de Elvira, a Garota”.

Outra estratégia de construção de uma imagem pública depreciativa do comunismo foi elaborada em torno dos comunistas da Frente Popular, da Espanha, que são apresentados nos dois periódicos como assassinos e profanadores de Igrejas, em oposição aos “heróis” “nacionalistas” do fascismo espanhol. No jornal *A Offensiva* os fascistas espanhóis são exaltados como heróis e na seção do jornal voltada para acontecimentos internacionais a guerra civil que acontecia na Espanha era relatada com frequência e os comunistas são acusados freqüentemente de assassinatos e destruição de Igrejas. Fotografias de Igrejas espanholas destruídas e santos em pedaços, com legendas em tom dramático, foram encontradas na revista *Anauê!*.



A Offensiva, 02/09/1936, p.1.

O jornal publicou esta fotografia produzida na sua sede quando militantes da Falange Espanhola foram visitar seus redatores, por exemplo. Nesta página vários textos elogiam os fascistas espanhóis e os identificam positivamente à oposição ao comunismo espanhol, como o subtítulo da matéria: “A visita dos bravos nacionalistas à redação de ‘A Offensiva’ “ e o texto em letras grandes no topo da página: “Os comunistas espanhóis serão esmagados pelas tropas nacionalistas”.



Anauê!, p.05, nº 11, julho/1936.

Na revista, por exemplo, duas fotografias em conjunto com textos acusam os comunistas espanhóis de destruírem a Igreja dos Jesuítas, cuja explosão foi reproduzida na fotografia da parte superior da página, e os santos de outra igreja, que são reproduzidos em pedaços na outra fotografia. Em um dos textos a revista aproveita estes acontecimentos para atacar o comunismo brasileiro e posicionar o movimento na defesa do “Brasil”: “monstruosidades como as que se cometeram na Espanha não as verá o Brasil porque estão vigilantes os camisas verdes em defesa do patrimônio espiritual da religião cristã, da integridade do território pátrio e da intangibilidade da Honra da família patrícia”.

A propaganda anticomunista nestes dois periódicos integralistas aproveitou o acontecimento que ficou conhecido como “Intentona Comunista” para construir e divulgar através de sua imprensa uma memória dos comunistas como autores de “barbaridades” e exemplificar o que o perigo vermelho representava. Além disso, o movimento explorou politicamente este momento em que conflitos e disputas políticas se acentuam para expressar sua solidariedade ao governo e sua oposição ao comunismo. Em 1936, a AIB decretou que o 27 de novembro fosse oficializado como o dia para homenagear em todos os núcleos brasileiros os militares que “tombaram na luta contra Moscou”. Na página da revista *Anauê!*, por exemplo, a AIB se apresenta como solidária aos militares e ao governo, com fotografias mostra a visita aos túmulos dos militares mortos, em setembro de 1937.

Fotos do presidente, do Comandante da Vila Militar do Rio de Janeiro e integrante da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo⁸² General integralista Newton Cavalcanti e do ministro Francisco Campos, em moldura redonda, no centro da página, explicitam não só o apoio da AIB ao governo, mas a sua presença no interior deste. Na foto maior, no pé da página, se vê um arranjo de flores com um sigma enorme trazido pelos integralistas para a cerimônia, e

⁸² A Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo foi criada em janeiro de 1936, como resposta da Cúpula militar ao levante comunista em 1935. Esta Comissão visava coordenar o movimento anticomunista, na tentativa de reprimir a atuação não só de participantes ou simpatizantes do levante, mas também de todos os setores de esquerda. Verbete CAVALCANTI, Newton. ABREU, Alzira Alves de (et.al.) (coordenação). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001, p.1281.

a legenda reforça que o Integralismo é solidário ao governo e age em conformidade com a luta deste contra o comunismo: “O presidente Getúlio Vargas, o Dr. Francisco Campos e o General Newton Cavalcanti quando oravam à beira do túmulo dos militares sacrificados à sanha de Stalin. A enorme coroa de quatro metros de altura colocada pelo integralistas no túmulo dos heróis de 1935.



Anauê!, nº 20, out/1937, p.53

Em *A Offensiva* o investimento na divulgação de fotografias sobre o levante de 1935 também foi muito grande e entre 1936 e 1937 serviram para consolidar uma memória sobre este evento, onde a presença integralista é destacada nas homenagens aos “que morreram pela pátria”. Recorrentemente estes são lembrados enquanto que os militantes comunistas mortos ou presos são silenciados ou sua imagem pública desqualificada como autores de uma tentativa tresloucada – uma intentona como a imprensa anticomunista da época registrou e parte da historiografia reproduziu – contra o governo e a sociedade brasileiros.

- **A luta do Integralismo pelo poder: as eleições**

Com a constitucionalização do país, foram realizadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte em 1933. A campanha eleitoral neste momento revelou um impulso na participação popular e na organização partidária, sendo esta visível no surgimento de muitos

partidos regionais das mais diferentes tendências.⁸³ A partir deste momento as forças políticas se conscientizaram de que o investimento em propaganda buscando o convencimento dos eleitores para as próximas campanhas eleitorais deveria ser pesado.

A Ação Integralista Brasileira utilizou maciçamente os meios de comunicação, entre eles estes dois periódicos, para a propaganda de seus candidatos a prefeitos e deputados e de seu candidato às eleições presidenciais que se realizariam em 1938. A sua opção pela participação no “jogo democrático”, concorrendo como partido às eleições⁸⁴, foi explicada e afirmada várias vezes nas páginas de seus periódicos, além de dirigentes se manifestarem favoravelmente à democracia em artigos, quando a AIB é acusada de “fascista”, “anti-democrática” ou “extremista”. Esta visão sobre a AIB se intensifica, como já foi dito, após a promulgação da Lei de Segurança Nacional pelo governo em abril de 1935, quando a AIB é obrigada a abolir sua milícia armada e, em muitos locais, enfrenta o fechamento de núcleos e a proibição de atividades públicas.

Nas páginas da revista *Anauê!*, a partir de junho de 1937, tornam-se comuns frases incitando e intimando os integralistas a se alistarem para as eleições presidenciais, tais como: "Camisa-verde! O voto é a arma do Integralismo. Se não és eleitor, alista-te imediatamente. Se já és, alista tua mulher, teus filhos, teus parentes e teus amigos"⁸⁵; "O integralista que não é eleitor está desobedecendo ao Chefe Nacional" e "O integralismo precisa de um milhão de eleitores"⁸⁶. O jornal *A Offensiva* fez uma verdadeira “ofensiva” contra seus opositores na disputa eleitoral e sua importância para a propaganda pró-integralismo é tamanha que, em novembro de 1936, o jornal anuncia uma “Campanha de Propaganda”, organizada pela Secretaria Provincial de Propaganda do Distrito Federal, para fazer uma grande distribuição do jornal, mediante uma contribuição de duzentos réis por parte de todos os camisas-verdes da província.⁸⁷ Apesar do integralismo iniciar-se nas campanhas eleitorais, modestamente, elegendo em 1934 os deputados federal Jeovah Motta e paulista João Carlos Fairbanks, o jornal exalta esta estréia no jogo político e afirma que a “liberal-democracia” ficou “incomodada” com sua vitória.

⁸³ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 2000, p.351.

⁸⁴ A sua intenção em participar deste “jogo” não se deu logo de início, pois a AIB apresentou-se como um movimento nacional acima dos partidos políticos e contrário a estes. Afirmava que seu objetivo principal não era a participação em eleições, mas sim a criação de um novo “espírito nacional”. TRINDADE, Hégio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., pp.228 – 230.

⁸⁵ *Anauê!*, nº 18, ago/1937, ano III, contracapa.

⁸⁶ *Anauê!*, nº 16, jun/1937, ano III, p.04.

⁸⁷ *A Offensiva*, 14/11/1936, p.03.

Uma das estratégias usadas pela AIB nestes dois periódicos para mostrar que defendia a democracia e afastar as acusações de ser anti-democrática, assim atraindo mais eleitores para o seu possível candidato à presidência, foi a divulgação do plebiscito organizado em maio de 1937, em nível nacional, para a escolha de seu candidato entre os militantes. Os dirigentes que se candidataram ao plebiscito foram: Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Tanto o jornal *A Offensiva* quanto a revista *Anauê!* publicaram várias fotografias mostrando homens e mulheres de todas as idades, negros e brancos, ricos e pobres das Províncias da Guanabara e do Rio de Janeiro, votando no plebiscito. As legendas destas fotografias buscam explicitar a “manifestação livre de escolha do seu candidato” pela militância de todas as classes sociais, etnias e estados.



A Offensiva, 23/05/1937, p.01

Na matéria principal da primeira página do jornal, onde se concentrava o maior número de fotografias sobre o plebiscito, os textos mais uma vez dialogavam com as imagens, e no topo da página estava escrito, em letras grandes e caixa alta, um trecho do artigo do chefe nacional: “Quero-lhes dizer que a minha alegria hoje é imensa, porque estou sentindo essa coisa que nenhum político do meu país pode sentir: - eu comando homens livres!” - Do artigo do Chefe Nacional”. A matéria destaca o entusiasmo da militância e a defesa da democracia pelo movimento é exaltada várias vezes, por exemplo, em trecho do subtítulo: “(...) O entusiasmo em todos os Núcleos. (...) O discurso do Chefe Nacional, pela Radio Sociedade Fluminense, está sendo ansiosamente esperado. A nossa reportagem esteve em Niterói, registrando vários episódios. Autoridades judiciárias presentes a vários núcleos assistem como observadores à grande prova de democracia”.

Na revista integralista as fotografias de militantes votando no plebiscito publicadas em *A Offensiva* são divulgadas em uma fotomontagem ocupando grande parte da página do número de outubro de 1937 e os pequenos textos deixam explícito, tal como no jornal, o entusiasmo dos militantes de “todas as categorias sociais, de todas as origens étnicas e de todas as províncias” que “sufragaram alegremente”.⁸⁸



Anauê!, nº 20, out/1937, p.12

⁸⁸ *Anauê!*, ano III, nº 20, p.12.

Nesta fotomontagem destaca-se os militantes no momento do voto, que segundo a matéria de *A Offensiva*, deveria ser feito, após a assinatura do livro de presença, em voz alta e fazendo a saudação integralista, como prova de seu “livre arbítrio” na escolha. E uma frase no lado inferior esquerdo da página exalta também a defesa da democracia: “Instaurando no Brasil a verdadeira democracia”. Sendo assim, os dois periódicos se aproximaram na divulgação deste evento em relação à valorização de aspectos favoráveis a propaganda eleitoral do movimento, embora a revista dê maior destaque às imagens do que ao texto.

Depois do anúncio da candidatura de Plínio Salgado, escolhido no plebiscito por 846.554 votos contra 1397 de Barroso e 164 de Reale, as notícias sobre a campanha integralista para as eleições presidenciais se intensificam nas páginas de *A Offensiva*. A partir de 17 de junho de 1937, uma página inteira do jornal é reservada para divulgar notícias sobre a campanha eleitoral em todo o Brasil, intitulada: "A candidatura de Plínio Salgado", ou "A candidatura integralista à presidência da República", entre outros títulos, que agrupa notícias, por exemplo, de comícios integralistas pelo Brasil inteiro, com fotos de homens e mulheres integralistas discursando para um grupo de pessoas na rua ou para os militantes dentro do núcleo.

O anticomunismo foi uma das armas utilizadas pelo movimento nas páginas de *Anauê!* e *A Offensiva* na campanha eleitoral. A divulgação de “atentados comunistas” a núcleos e desfiles integralistas se intensificou neste período e o atentado ao Chefe Nacional em 18 de julho de 1937, num desfile integralista em São Paulo, foi amplamente explorado nestes periódicos. Fotografias de dirigentes e militantes prestando solidariedade foram publicadas nos dois periódicos analisados. No jornal *A Offensiva*, por exemplo, a página que divulgava a mobilização do movimento em torno da campanha presidencial divulgou uma matéria intitulada “A empolgante parada proletária de ontem”. Nesta, que pode ser vista adiante, duas fotografias mostram a multidão com cartazes preenchendo a rua próxima à sede do jornal, que a matéria afirma ter a presença de proletários e estudantes prestando solidariedade à Salgado em repúdio ao “atentado comunista” a ele.



: A Offensiva, 23/07/1937, p.03

É interessante chamar a atenção para o ângulo em que estas fotografias foram tiradas: o fotógrafo posicionou-se de cima de algum prédio e, deste modo, deixou bem evidente a “multidão” que preenchia a manifestação e prestava apoio ao movimento. O texto da matéria, complementando as imagens, explicita que mesmo debaixo de chuva muitos operários e militantes participaram da “grandiosa manifestação” e que tiveram mais “coragem e patriotismo” que os participantes do comício eleitoral pró José Américo que não aconteceu por causa da chuva que caía no Rio de Janeiro naquele dia. As outras matérias desta página reforçam as idéias de apoio ao movimento e de grande mobilização de seus militantes nacionalmente – inclusive pelo rádio - em prol da campanha eleitoral.

Novamente a revista *Anauê!* se aproxima em alguns momentos do jornal integralista em relação à ênfase em aspectos semelhantes para abordar a propaganda eleitoral da AIB. As mesmas fotografias publicadas em *A Offensiva* sobre a manifestação em solidariedade ao Chefe Nacional foram divulgadas em *Anauê!*, junto a outras duas fotografias que destacam momentos e pessoas nesta manifestação mais de perto, em uma grande fotomontagem.



Anauê!, nº 19, set/1937, p.30

Nestas imagens, que novamente são mais enfatizadas e destacadas que no jornal integralista, a empolgação dos militantes é visível (aspecto também ressaltado em *A Offensiva*). O pequeno texto próximo às imagens intitulado “Protestando contra o covarde atentado de São Paulo”, intensifica de forma bastante emocional, característica que a difere muitas vezes do jornal integralista, a mensagem elaborada pela reunião de fotografias de uma multidão de integralistas presente, vibrante, portando faixas em firme apoio ao movimento:

“(…) milhares de operários nacionalistas, que o vírus de Moscou não conseguiu contaminar, no mesmo dia em que a chuva impedia a realização dum comício de uma candidatura liberal-democratica, desfilam do histórico Campo de Santana até a sede de ‘A Offensiva’, em meio de grande vibração cívica, clamando cadenciadamente: “Nós queremos Plínio Salgado! Nós queremos Plínio Salgado!”.

3 – Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca

As Secretarias Nacionais de Propaganda e de Imprensa da AIB eram responsáveis tanto pela elaboração de textos, fotografias e notícias que visavam dar visibilidade ao movimento quanto pela distribuição destes para jornais não integralistas. Deste modo, tentavam diversificar os espaços de difusão de informações destinadas a dar forma e visibilidade aos princípios doutrinários, conquistar aliados para o movimento ou reforçar laços e relações de identidade com simpatizantes ou militantes.

Ao longo da pesquisa alguns periódicos não integralistas cariocas, como *Fon-fon*, *A Noite Ilustrada* e *Diário de Notícias*, assumiram importância para esta análise em função de serem identificados com frequência pelo jornal *A Offensiva* como órgãos que noticiavam eventos integralistas. A consulta a estes periódicos evidenciou a circulação de um grande número de fotografias integralistas em suas páginas, sempre acompanhadas de comentários favoráveis ao movimento, além da reprodução de artigos de autoria de dirigentes integralistas.

A partir dessas evidências, busquei reconstituir possíveis redes de apoio entre o integralismo e a imprensa carioca para observar em que medida o movimento conseguiu conquistar a simpatia de jornalistas e redatores, construir outras tribunas para divulgar artigos doutrinários e fotografias e, por meio dessas páginas, ampliar sua propaganda e conseguir mais adeptos. Com essas intenções, analisei três veículos de imprensa não-integralistas – *Fon-fon*, *A Noite Ilustrada* e *Diário de Notícias*, buscando pistas desse entrelaçamento de interesses, tais como a presença em suas redações de jornalistas simpáticos ou filiados ao movimento; identificar as posições e as opções desses órgãos em termos de projetos políticos e editoriais localizando suas aproximações com os integralistas como, por exemplo, a pregação anticomunista; além de mapear detidamente a publicação de algumas fotografias e textos elaboradas e distribuídas como notícias por setores da AIB.

Considerando que a fotografia constitui apenas um fragmento da realidade, sua ação moral, política e emocional depende “de como e onde é inserida”¹, um dos objetivos desta

¹ SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*, op. cit., p.102.

investigação, foi comparar as formas como as fotografias integralistas foram publicadas nos seus periódicos *A Offensiva* e *Anauê!* e nos três periódicos não-integralistas analisados, afim de observar como se deu a construção das notícias sobre o integralismo e a AIB nas páginas do jornal e revistas selecionadas. Observei, particularmente, se estes meios de comunicação apenas reproduziam textos e imagens integralistas tal qual circulavam em sua imprensa ou se elas foram apropriadas e editadas criando novos significados e sentidos. Neste caso, quais intenções orientaram essas escolhas e o que pretendiam as novas composições? Em que medida esses novos usos reorientaram a imprensa integralista na utilização de fotografias?

Segundo Raimundo Guimarães Jr., jornalista que participou da fundação do *Diário de Notícias* e trabalhou em jornais cariocas de peso, em entrevista recente à *Folha de São Paulo*: “no Rio eles (os integralistas) encontraram muita resistência da maior parte dos jornais”.² Isto pode ser verdade, se levarmos em conta apenas as informações sobre os estados de São Paulo e Minas Gerais, onde se concentrou o maior número de núcleos e jornais integralistas.³ Mas, ao contrário, a análise dos periódicos cariocas selecionados e sua comparação com os periódicos integralistas *Anauê!* e *A Offensiva* indica uma ampla receptividade às notícias, artigos e fotografias produzidos por integralistas ou favoráveis a eles. Além disso, o conteúdo das matérias relativas ao Integralismo não se restringe a acontecimentos cujo interesse era mais abrangente, como as notícias de confrontos com comunistas que, muitas vezes, feriam pedestres sem envolvimento com o conflito. Ao contrário, encontramos, também, com muita frequência notícias sobre reuniões realizadas nos núcleos integralistas, identificação precisa de lugares e pessoas fotografados, informações completas sobre circunstâncias e significados de atividades integralistas, entre outras indicações de um conhecimento muito próximo de acontecimentos cuja natureza e detalhes exigiam a mediação com e entre interlocutores dentro do movimento.

² “Jornalistas contam a História – 2. Os ensinamentos dos anos 30”. Depoimento do jornalista Raimundo Magalhães Jr. ao jornalista da Folha de S.P. Gilberto Negreiros. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_3.htm. Acesso em 13/11/2006.

³ Ver: “Relação das Províncias integralistas com o nº de municípios”. Pasta 18, folhas 03-38, APERJ e “Relação dos jornais integralistas com as suas localidades”, *Monitor Integralista*, nº 22, 07/10/1937, p.07.

3.1 – A AIB tece redes de apoio com a imprensa carioca

A revista ilustrada carioca semanal *Fon-fon*, fundada em 1907, tinha como diretor e redator-chefe, na década de 1930, respectivamente, dois dirigentes integralistas de peso: Sérgio Silva, jornalista e diretor das empresas *Fon-fon* e *Selecta* Sociedades Anônimas, membro da Câmara dos Quarenta, órgão integralista criado em janeiro de 1936, e Gustavo Barroso, jornalista e escritor membro da Academia Brasileira de Letras, criador e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional e dirigente que ocupou vários cargos integralistas. Chefe do Departamento de Doutrina da Província da Guanabara, Secretário Nacional de Milícia, até a extinção da mesma em 1935, depois desta data Barroso foi o Secretário Nacional de Educação (moral, cívica e física) e, em 1936, membro do Supremo Conselho Integralista.

O dirigente Gustavo Barroso tinha grande influência tanto no meio integralista como no meio intelectual brasileiro. Já foi tema de trabalhos acadêmicos, onde seu perfil militante foi avaliado⁴: personalidade controvertida, postura militar e opiniões que o aproximavam do nazismo alemão. Carneiro indica que Barroso organizava “uma rede internacional que ligava por afinidades integralismo e nazismo e mantinha contatos com a Aliança Fascista Européia com a qual queria conclamar a unidade internacional do fascismo contra o que denominava o perigo judaico”.⁵ Sua simpatia por Hitler e pelo Nazismo é clara em muitos de seus artigos na revista *Fon-fon*, como em de 27 de junho de 1936, no número temático em homenagem às olimpíadas de Berlim e à Alemanha, por exemplo. O editorial, assinado por ele, exalta este país que saiu da Primeira Guerra com seu “território dilacerado” e “orgulho humilhado”, mas se reergueu graças “ao milagre dum Homem (Hitler) que soube tocar com sua palavra e simbolismo as mais secretas regiões da alma de seu grande povo”. Grande parte de sua produção bibliográfica⁶ na época do Integralismo contém ataques violentos aos judeus, aos maçons e aos comunistas. Suas posições anti-semitas eram expostas ao público não somente

⁴ Alguns exemplos destes trabalhos: CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial. A intolerância como princípio*. Niterói, Tese de Doutorado em História, UFF, 2004; MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky – O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991 e *Discurso do Sr. Antônio Silva Mello*. In: *Discursos Acadêmicos 1960-1962 – Vol.XVII*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1971, p.31.

⁵ CARNEIRO, Márcia R. da S. Ramos. *Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde*. Artigo apresentado no X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ, na UERJ, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2002/Indice2002.htm> Acesso em 23/07/2006.

⁶ Os livros mais representativos desta tendência são: *Brasil colônia de banqueiros*, *Sinagoga paulista*, *Reflexões de um bode*, *Judaísmo*, *maçonaria e comunismo*, *A maçonaria, seita judaica* e uma edição de *Os protocolos dos sábios de Sion*.

através de seus livros, mas também em seção do jornal *A Offensiva* intitulada “Judaísmo Internacional”.

Observando as fotografias integralistas publicadas na revista *Fon-fon* é significativo o destaque à Gustavo Barroso, que aparece discursando, ao lado de militantes dos vários lugares brasileiros visitados por ele durante as “bandeiras doutrinárias” que liderou, ao lado do Chefe Nacional e de outros dirigentes da alta cúpula integralista. Isto pode parecer óbvio quando se atenta ao fato de que ele era redator-chefe da revista, mas uma outra hipótese também é possível. Alguns estudiosos do integralismo chamam a atenção para as disputas de poder que existiam entre os seus dirigentes, principalmente entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, embora o movimento tente esconder a existência de discordâncias e conflitos na sua imprensa. É possível que Barroso tenha utilizado a revista para divulgar o movimento e, principalmente, reforçar sua importância e as realizações que concretizou no interior dele.

Maio argumenta que a questão do anti-semitismo na AIB “por um lado foi um dos instrumentos de coesão ideológica das milícias integralistas, por outro, um móvel de competição política entre Gustavo Barroso e Plínio Salgado”. Segundo ele, em abril de 1934, Salgado teria respondido aos ataques extremistas de Barroso ao afirmar que “o problema do Brasil é ético e não étnico” e chegou a suspender por, apenas, seis meses a publicação da coluna “Judaísmo Internacional”,⁷ tornando público este boicote em artigo publicado na *Fon-fon* de 24 de abril de 1934.⁸ Jornais da época divulgavam notícias sobre conspirações e ataques de Barroso e seus seguidores a Plínio Salgado, como por exemplo, no *Diário da Noite*, que publicou artigo sobre uma tentativa fracassada de Barroso de afastar Salgado da AIB sob acusação de “que esta além de não cumprir as suas promessas era muito condescendente com os judeus”.⁹

Já Natália Cruz não concorda com a hipótese de ser a questão do anti-semitismo o motivo do conflito entre Salgado e Barroso e sim a forma encontrada por Plínio para se impor, para atacar, seu possível adversário na AIB. Segundo ela, apesar de Salgado não compartilhar do

⁷ MAIO, Marcos C. “Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30”. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p.238.

⁸ Verbete “Gustavo Barroso”. ABREU, Alzira A. (et.al.) (coordenação), *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001, p.574.

⁹ Verbete “Gustavo Barroso”. ABREU, Alzira A. (et.al.) (coordenação), *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, op. cit., p.575.

extremismo anti-semita de Barroso, “não defendendo a teoria da conspiração judaica”, manifesta abertamente o anti-semitismo em várias passagens de suas obras.¹⁰

Casos de disputa de poder no interior do movimento integralista, como este entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, mostram que, tal qual todas as organizações políticas, ela também abrigava confrontos e conflitos, apesar do esforço da censura no interior da imprensa integralista para divulgar uma imagem de harmonia e ausência de conflitos. Uma carta de um dirigente mineiro, identificado apenas como Maurício, enviada a Santiago Dantas em abril de 1935, no entanto, expõe vários conflitos entre dirigentes, e Gustavo Barroso é citado entre eles. Maurício relata que os dirigentes mineiros Osolino Tavares e Samuel T. Magalhães estavam se confrontando tanto verbal como fisicamente e pensando em formas de afastar o outro do movimento. Segundo ele, Gustavo Barroso e o chefe do Departamento Nacional de Organização Política Everaldo Leite, estavam tomando partido, cada um dando seu apoio “a determinado litigante”.¹¹ O dirigente mineiro comenta também que achava lamentável o dissídio entre Gustavo Barroso, Madeira de Freitas, Everaldo Leite e o chefe do Departamento Nacional de Finanças, Belmiro Valverde.

O integralismo, através de seu jornal *A Offensiva*, publicou anúncios sobre a revista *Fonfon*, divulgando não só elogios ao periódico – “a mais variada e interessante reportagem fotográfica dos fatos sociais decorridos nesta semana” – mas também, chamando a atenção do público para o fato que entre suas páginas “encontramos, como de costume, uma página dedicada ao Integralismo”.¹² Este anúncio chama a atenção do público leitor para o apoio da revista ao movimento, que com frequência dedica suas páginas à divulgação de textos e imagens sobre o integralismo, e além disso, faz propaganda da própria revista.

Durante a pesquisa não foram identificados funcionários dos jornais *A Noite Ilustrada* e *Diário de Notícias* filiados ou simpatizantes ao integralismo, embora não fosse impossível a existência de integralistas nestes jornais ou, ainda, que integralistas fossem colaboradores destes periódicos. Apesar disso, é significativo que Vasco Lima, gerente da revista *A Noite Ilustrada*, tenha visitado a redação de *A Offensiva* para parabenizar o movimento pelo

¹⁰ CRUZ, Natália R., *O Integralismo e a Questão Racial*, op. cit., p.206.

¹¹ Carta de Maurício a Santiago Dantas, de 30/04/1935, 11 páginas. Fundo/Coleção: Santiago Dantas (1838-1991). Notação: Documento 191, fundo AP047, caixa 24, pacote 01. Arquivo Nacional.

¹² *A Offensiva*, 26/10/1935, p.03.

aniversário do jornal, em 17 de maio de 1937,¹³ o que nos indica a simpatia do jornalista pelo Integralismo.

Outra evidência de que não havia uma unanimidade na ‘resistência’ ao integralismo nas redações cariocas, como informou Raimundo Guimarães Jr, é a divulgação da presença de jornalistas de diferentes periódicos em eventos e atividades da AIB. Durante o Congresso Universitário Integralista em S. João Del Rei (MG), em fevereiro de 1936, reportagem de *A Offensiva* noticiou a presença de jornalistas da revista *Fon-fon* e *A Noite*. A matéria não oferece os nomes dos jornalistas, mas relaciona muitos outros jornais representados no Congresso por seus jornalistas: *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *O Globo*; *Diário de S.Paulo*, *Diário da Noite*, *Folha da Manhã*, *Panorama*, de S.P; *O Imparcial*, da Bahia; *A cidade*, de Recife; *A Província* de Maceió; *Diário de Minas*, de Belo Horizonte e *Agência Brasileira*.¹⁴ Mesmo que estes jornais e jornalistas não fossem simpáticos ao movimento e estivessem apenas “correndo atrás” de notícias, é interessante notar que *A Offensiva* faz uso desta presença de homens da imprensa para tecer e afirmar o apoio desses órgãos de comunicação ao integralismo.

A revista ilustrada carioca semanal *A Noite Ilustrada* foi lançada em setembro de 1930, propriedade da Empresa *A Noite S.A.*, a qual já publicava o jornal diário *A Noite*. Seu proprietário e presidente era o engenheiro e jornalista Geraldo Rocha. A criação da revista se deu em um momento de prosperidade, quando foi inaugurada nova sede na praça Mauá, para onde foi transferida a redação, além da renovação de máquinas e linotipos. *A Noite Ilustrada* era impressa em rotogravura, tipo de impressão que garante uma grande tiragem em pouco tempo e uma ótima qualidade de impressão de fotografias.¹⁵

Após a tomada do poder pela Aliança Liberal, o jornal sofreu fortes retaliações e seu período de prosperidade foi extinto. A postura de Geraldo Rocha, marcada por irrestrito apoio às oligarquias dominantes, algumas delas derrotadas em 1930, lançou o jornal *A Noite* em uma campanha contra o candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas e após a tomada do poder pelos “revolucionários”, os ataques continuaram. Esta campanha despertou o ódio dos vitoriosos em 1930, levando ao empastelamento do jornal e à prisão de Rocha. Posteriormente a este incidente, o jornal defrontou-se com inúmeras dificuldades financeiras e Geraldo Rocha,

¹³ *A Offensiva*, 19/05/1937, p.01.

¹⁴ *A Offensiva*, 12/02/1936, p.03.

¹⁵ Mais informações sobre o processo de rotogravura ver: CAPARROZ, Fernando. *Rotogravura*. Disponível em: <http://www.fernandocaparroz.hpg.ig.com.br/rotogravura/rotogravura.htm>. Acesso em 20/10/2006.

também portador de dívidas com a Brasil Railway, devido a irregularidades na construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, onde tinha trabalhado, teve que empenhar todos os seus bens.

Não conseguindo saldar suas dívidas, Geraldo Rocha abdicou, em 1931, de todas as ações de *A Noite* em nome da Empresa São Paulo - Rio Grande que assumiu o comando do jornal *A Noite* e da revista *A Noite Ilustrada*, que viveram uma fase de recuperação e expansão, que perdurou por toda a década de 1930. Neste momento, estes periódicos adotaram uma linha política comedida e as críticas aos novos governantes são extintas. A direção da revista ilustrada é entregue ao jornalista Gil Pereira e a gerência ao jornalista e desenhista Vasco Lima.¹⁶

Tal como em *Fon-fon*, a revista *A Noite Ilustrada* divulgava uma variedade de fotografias que nos indicam os valores defendidos por elas e os comportamentos que buscavam divulgar. Observa-se isto ao longo das duas revistas, que publicam fotografias de festas de fim de ano e de carnaval em Clubes Esportivos e Cassinos, espaços voltados à elite carioca; fotografias de festividades católicas e visitas de organizações católicas ao cardeal do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme; fotografias de esportistas do automobilismo, de regatas e do futebol em ação; visitas de autoridades internacionais, como reis e presidentes ao Brasil; eventos em homenagem a Vargas e demais eventos com sua participação.

Por outro lado fotografias de eventos na Itália Fascista ou de aspectos da sua organização, como a “educação exemplar” dos “balillas” (nome dado às crianças italianas)¹⁷ em matéria de *A Noite Ilustrada*, por exemplo; de solenidades na Alemanha Nazista, como, por exemplo, a matéria de *Fon-fon* sobre a comemoração do 1º de maio no Estádio Olímpico de Berlim, onde estiveram presentes “150.000 jovens alemães”,¹⁸ e também de festividades organizadas pelo Franquismo em Portugal, indicam a simpatia destas revistas por estes regimes e sua mobilização em apoio a esses regimes. O anticomunismo também está presente nas páginas destas revistas, como se pode perceber, por exemplo, na matéria de *A Noite Ilustrada* intitulada “Exaltando os bravos de 1935”, sobre as homenagens do governo aos militares mortos em 1935 no embate com os comunistas¹⁹ ou na matéria de *Fon-fon* intitulada

¹⁶ Verbete “A Noite”. ABREU, Alzira A. (et.al.) (coordenação), *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, op. cit., p.4106.

¹⁷ *A Noite Ilustrada*, 06/10/1934, p.03.

¹⁸ *Fon-fon*, 19/06/1937, pp.20 e 21.

¹⁹ *A Noite Ilustrada*, 28/09/37, pp.04 e 05.

“Aspectos da impressionante tragédia espanhola”, onde se vêem fotografias das Igrejas destruídas e de cadáveres nas ruas, frutos das “barbaridades” cometidas pelos comunistas espanhóis.²⁰

Estes elementos para os quais chamamos a atenção acima: os valores e comportamentos divulgados, o apoio aos fascismos na Europa e o anticomunismo brasileiro e internacional, são também explicativos da abertura destes periódicos às fotografias integralistas. Se levarmos em conta que características ideológicas ou organizativas destes fascismos, como a exaltação da disciplina, do militarismo, o nacionalismo, a utilização de símbolos e realização de eventos que puguem a unidade em torno dos governantes, entre outros, estão presentes na AIB e eram admirados e defendidos por muitos integrantes da elite intelectual brasileira, não é muito difícil entender a receptividade de periódicos da chamada imprensa liberal às fotografias, textos e princípios integralistas.

O matutino carioca *Diário de Notícias* foi fundado em 12 de junho de 1930 pelo jornalista Orlando Ribeiro Dantas, que exerceu o cargo de diretor do periódico até 1953. Com a vitória do candidato situacionista Júlio Prestes e derrota do candidato da Aliança Liberal, a posição liberal e oposicionista de Orlando Dantas foi definida claramente desde o início e o jornal afirmava ser contrário à estrutura oligárquica da Primeira República e defendia a transformação da sociedade brasileira. Defensor das reivindicações da Aliança Liberal – voto secreto e reestruturação da justiça, o *Diário de Notícias* manifestou-se também favorável às mudanças no plano econômico e social: como a extinção de tarifas aduaneiras, que impediriam o Brasil de “ganhar mercados”, e da monocultura, impedindo a diversificação da produção, e a elaboração de uma legislação que melhorasse a situação dos operários, evitando deste modo que eles abraçassem o comunismo, combatido violentamente pelo jornal.

Apesar do apoio aos “revolucionários” de 1930, o jornal declarou-se comprometido com “princípios democráticos e liberais” e logo organizou campanhas contra Getúlio Vargas, como o incentivo à convocação da Assembléia Nacional Constituinte e o combate à candidatura de Vargas em 1934, com objetivo de evitar seu “continuismo”. Alguns desses textos que cobravam de Vargas o compromisso com ideais e práticas democráticos, principalmente os editoriais escritos por Orlando Dantas, foram censurados e só puderam ser publicados devido ao apelo do jornal para que algum deputado de oposição fizesse a leitura dos mesmos na Assembléia

²⁰ *Fon-fon*, 01/05/1937, p.24.

Constituinte.²¹ A proximidade das eleições de 1938 acirrou a oposição do jornal que declarou seu apoio ao candidato oposicionista Armando Sales Oliveira. Mas, com a instituição do Estado ditatorial, em novembro de 1937, sua postura oposicionista custou uma ordem de prisão a Orlando Dantas a título de advertência.²²

Diferentemente das revistas ilustradas *Fon-fon* e *A Noite Ilustrada* que se caracterizam pela primazia de fotografias em relação aos textos, sendo estes pequenos, no *Diário de Notícias*, dominam os artigos e as longas matérias escritas. Ao longo da pesquisa foram encontrados diversos textos, no período de 1933 a 1935, a maioria não assinados, que mostram simpatia pelo movimento e o espaço freqüente nas páginas do *Diário* para divulgar ações e ideologia integralistas. Essa aproximação entre jornais sem vínculos aparentes com partidos e organizações políticas e sua transformação em instrumento de divulgação do ideário integralista foi apontado também em trabalho organizado por vários historiadores da UFRJ, entre eles Maria da Conceição de Góes, onde foram analisados vários textos alusivos ao fascismo no Brasil e no mundo, no ano de 1933, publicados pelos jornais e revistas ilustradas: *Diário de Notícias* (RJ), *Jornal do Comércio* (PE), *Correio do Povo* (RS), *Diário de Pernambuco* (PE), *O Estado de São Paulo* (SP), *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *Careta* (RJ) e *O Cruzeiro* (RJ)²³.

Dirigentes integralistas, principalmente Plínio Salgado, utilizaram recorrentemente as páginas do *Diário de Notícias* em prol da propaganda da ideologia e organização do movimento. A entrevista de Salgado publicada pelo *Diário* em maio de 1933, criou ocasião para que ele amplificasse a perspectiva de que “O Integralismo em São Paulo (...) é um movimento em marcha para a vitória” e listasse as medidas que seriam tomadas pela AIB caso a Constituição, em elaboração pela Assembléia Constituinte neste momento, não saísse “a contento”, entre elas: “(...) 2) Ininterrupta organização da milícia dos camisas-verdes; 3) Disciplina cada vez maior e espera tranqüila e tenaz, viril e paciente do dia em que uma palavra de ordem anunciar,

²¹ O jornalista Barreto Leite Filho, que trabalhou em jornais cariocas como *A Notícia* e o *Diário da Noite*, em entrevista à *Folha de São Paulo*, comenta que esta era uma forma de driblar a censura do governo Vargas, porque todo texto lido por um deputado na tribuna da Câmara não sofria censura. “Jornalistas contam a História – 1. Na década de 20, a agonia do regime”. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_3.htm. Acesso em 13/11/2006.

²² Verbete “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. ABREU, Alzira A. (et.al.) (coordenação), *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, op. cit., p.1848-50.

²³ GÓES, Maria da C. P. de (et. al.). 1933. *A imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. Rio de Janeiro: Inst. Goethe, 1983.

automaticamente sem choques, a mudança definitiva de um regime e o triunfo glorioso de uma nova mentalidade”.²⁴

A pesquisa ao *Diário* trouxe indícios de que informações sobre eventos e ações integralistas eram obtidas pelo jornal através da Secretaria Nacional de Propaganda, como afirma claramente um trecho da matéria sobre o Congresso de Blumenau: “(...) Segundo informações que nos foram prestadas na SNP, à travessa do Ouvidor 28, prosseguem com intensa atividade, os preparativos para este Congresso (...)”.²⁵

Jornalistas também escreviam artigos para o *Diário de Notícias* elogiando a iniciativa do integralismo de pensar sobre o Brasil durante os seus Congressos. O artigo do jornalista F. Luiz Wist, cuja vinculação ao movimento não foi identificada²⁶, por exemplo, elogia a iniciativa de organizar o II Congresso Nacional Integralista, em Petrópolis, onde seriam “ventiladas e debatidas em público as questões mais vitais do país, sejam assuntos que digam respeito mais particularmente ao Norte, Centro ou Sul do país, mas todos eles sob o ponto de vista nacional”. Segundo ele, este Congresso teria “o indiscutível mérito de reunir delegações de todos os estados da união, irmanados no desejo sincero de combinar ações e medidas para o bem estar futuro de todo o país”. Fechando seu texto, identifica o Integralismo como “uma idéia em marcha vitoriosa”.²⁷ Outro jornalista, Ary Kerner Veiga de Castro, em artigo intitulado “Plínio Salgado e o Integralismo”, elogia Salgado e o movimento por reunir intelectuais para resolver os problemas brasileiros:

(...) Plínio Salgado é um forte! E sua força reside justamente nas energias acumuladas no seu cérebro privilegiado, na docilidade do seu trato, na simplicidade de suas maneiras, na sua admirável modéstia, no poder indomável de sua inteligência culta!

O integralismo é o cérebro em marcha! Os cruzados da Idade Média, na impossibilidade de cuidar da existência terrena, batiam-se pela conquista da felicidade transcendental e pela redenção de culpas e pecados... Séculos são passados e os cruzados continuam sua marcha. Tal como outrora organizam-se exércitos de leigos, sem ideal determinado, cuja bandeira não poderá realizar a felicidade humana no mundo.

²⁴ *Diário de Notícias*, 09/05/1933, p.08.

²⁵ *Diário de Notícias*, 29/09/1935, p.03.

²⁶ Seu nome não foi localizado na lista de dirigentes integralistas provinciais e nem nacionais publicada no livro de Hélgio Trindade: *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*, SP: Difel, 1979. Também não foi identificado na “Lista de Governadores e respectivas regiões da Província da Guanabara”. Pasta 02, folha 61, e nem na Lista com nomes da Chefia da Província da Guanabara, Pasta 02, folhas 70, 71 e 72, ambas encontradas no APERJ.

²⁷ *Diário de Notícias*, 10/03/1935, p.04.

Outrora, quando os cruzados partiam para Terra Santa, a fim de enfrentar os adeptos do Corão, a cultura ficava na retaguarda, lendo e meditando.

Mas para a felicidade do Brasil surgiu o integralismo! O integralismo é a inteligência e a cultura que investem contra os cruzados de agora! Possuindo o verdadeiro senso da realidade social dos povos, o integralismo é o cérebro que age, é a maior das revoluções! É a revolução do pensamento contra as fórmulas falhas e aleijadas que nada resolvem. (...) ²⁸

O exemplo de Ary Kerner é interessante para pensar o perfil dos intelectuais brasileiros que escrevem para os jornais da década de 1930, quando eles ainda não se dedicavam a uma profissão somente. Além de jornalista, ele era compositor, instrumentista, poeta, dramaturgo, pianista, teatrólogo, foi funcionário público, tendo sido inspetor do ensino comercial e funcionário da Secretaria do Senado Federal. Como jornalista escreveu nas revistas *O Malho*, *Fon-Fon*, *O Cruzeiro*, além dos jornais *O Correio da Manhã*, *O Globo*, *Diário de Notícias*, entre outros, e publicou vários livros de poesia. ²⁹

Hivana Matos, em sua análise da revista ilustrada paulista *A Cigarra*, durante o período de 1914 a 1934, aponta alguns motivos que explicam porque os intelectuais procuravam a carreira jornalística. Entre eles, a busca pelo reconhecimento como literatos, ou uma possível abertura na vida política e social do seu estado, já que alguns jornais e revistas eram mantidos por partidos políticos ou associações de classe, ou até mesmo, como uma forma de complementar o salário. ³⁰

A admiração de Kerner pelo Integralismo pode ser explicada em parte pela sua postura de oposição ao governo Vargas, razão pela qual chegou a ser preso. Esta postura é clara em uma rápida observação pela sua obra musical: em 1932, ele compôs a canção "Na serra da Mantiqueira", inspirada na Revolução Constitucionalista e na mesma época, compôs em parceria com José Maria de Abreu a canção patriótica "Vencer ou morrer", em homenagem ao interventor paulista Pedro de Toledo.

Essa empolgação de muitos jornalistas e intelectuais brasileiros com o Integralismo pode ser explicada também pela chegada de Hitler ao poder na Alemanha, em janeiro de 1933,

²⁸ *Diário de Notícias*, 18/06/1933, p.24.

²⁹ Verbete "Ari Kerner". *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Ari+Kerner . Acesso em 20/11/2006.

³⁰ MATOS, Hivana M. Z. de. "A Revista A Cigarra: São Paulo – 1914-1934". Assis, Dissertação de Mestrado em História, UNESP, 2003, pp.43-45.

prometendo levar o país ao apogeu do seu desenvolvimento econômico e social. Na Itália, dizia-se que o fascismo de Mussolini operava milagres. Estado forte, regimes autoritários eram apontados como soluções para a crise do Estado liberal e essas concepções e práticas da direita nazista e fascista conquistaram adeptos rapidamente não só entre as classes dominantes e os altos escalões militares como entre setores das camadas médias urbanas. Este crescente movimento de ascensão de idéias e práticas políticas autoritárias no Brasil pode ser mensurado se levarmos em conta que a AIB em 1935 tinha 1343 núcleos instalados pelo Brasil e 50.000 eleitores, sendo que em 1937 o número de núcleos sobe para 3600 e o movimento contabiliza 1500.000 militantes.³¹

O jornal integralista *A Offensiva*, assim como fez com a revista *Fon-fon*, publicou anúncio elogioso sobre o jornal *Diário de Notícias*, incentivando o público leitor a fazer “uma assinatura do Diário de Notícias. O grande e independente matutino carioca de ampla e criteriosa informação local, nacional e estrangeira, com abundante serviço telegráfico, ótima colaboração e magníficas sessões diárias (...) Façam do 'Diário de Notícias' o seu jornal.”³² Em troca dessa divulgação o Diário publicava anúncios incentivando a leitura do jornal integralista: “Leiam hoje e todas as quintas-feiras ‘A Offensiva’, órgão da Ação Integralista Brasileira”.³³ Nota-se então que a identificação e contatos entre o movimento e o *Diário* eram tais que permitiam a associação de interesses relativos à divulgação de seus periódicos para os leitores de ambos.

A presença de artigos elogiosos ao integralismo, transcrição de comunicados da Secretaria Nacional de Propaganda e fotografias integralistas nas páginas do *Diário de Notícias*, em princípio, soam estranhamente, se levarmos em conta que o posicionamento do jornal é claramente liberal e pró-democracia. Mas, alguns elementos explicam a abertura ao movimento proporcionada pelo jornal no período de 1933 a 1935. A oposição cerrada ao governo Vargas e às oligarquias é um fator que aproxima o jornal da AIB que, em seus textos, ataca violentamente as oligarquias e o fracasso de sua forma de conduzir a política brasileira. Outro aspecto, não menos importante, é o uso da Oficina Impressora do jornal *Diário de Notícias* pela AIB para imprimir seu jornal *A Offensiva*, desde a sua fundação até o final de 1935.³⁴

³¹ *Monitor Integralista*, 07/10/1937, nº 22, p.07.

³² *Diário de Notícias*, 30/08/1934, p.05.

³³ *Diário de Notícias*, 24/05/1934, p.03.

³⁴ Esta informação consta da matrícula do jornal *A Offensiva*, no livro de registros de “Matriculas de Oficinas Impressoras, Jornais e outros periódicos”, Livro 01, nº de ordem 61, 25/04, p.44. 01º Ofício de Registros de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, série: Matrícula de Oficinas e Jornais – 29/01/34 a 15/03/38, seção SDJ, código 66, Arquivo Nacional.

Algo que também deve ser levado em conta nesta análise é o fato de que o integralismo nos seus anos iniciais parecia não oferecer nenhuma ameaça ao jogo político brasileiro, pois se afirmava contrário ao regime democrático e às eleições da forma que estavam sendo feitas pelas oligarquias. Mas, com o crescimento vertiginoso do número de adeptos do movimento e sua iniciativa de tornar-se um partido político em junho de 1935 para disputar as eleições para a presidência no final de 1937, as avaliações sobre a AIB e o integralismo se alteram, inclusive por parte do *Diário de Notícias*.

A partir do final do segundo semestre de 1935 surgem nas páginas dos jornais diversas notícias a respeito da crescente oposição a AIB, que é acusada de ser contrária ao regime republicano. Na Câmara Federal, a maioria dos deputados chega a votar no requerimento a favor do fechamento de todos os núcleos do movimento, que seria levado ao Presidente Vargas.³⁵ O deputado Barbosa Lima Sobrinho, líder da bancada de Pernambuco na Câmara, divulgou no *Diário de Notícias* o telegrama enviado a ele por seus conterrâneos deputados da Assembléia Legislativa, a fim de congratulá-lo pela atitude de votar a favor do fechamento da AIB, uma atitude que “traduz os anseios democráticos do povo brasileiro rebelde a todas as tiranias, o inimigo de todos os despotismos dos Estados totalitários”.³⁶

Após o levante comunista em novembro de 1935, Orlando Dantas, que já afirmara ser o integralismo “o fascismo brasileiro”, se pronuncia em editorial, pela primeira vez, contrário ao movimento. Intitulado “Comunistas e integralistas”, neste editorial Dantas afirma que “como todas as organizações sectárias extremistas, o integralismo é inexoravelmente intolerante” e afirma a postura do jornal a partir deste momento:

“(…) Se doutrinariamente não acreditamos no Integralismo, muito menos poderíamos apoiar a execução política da sua ideologia, dado que isso ocorresse pela razão fundamental de que só acreditamos no Brasil e para o Brasil numa ordem política fundada nas franquias democráticas e portanto não poderíamos, nem quereríamos apoiar uma organização cujo fim precípua é destruir aquela ordem, da qual, se necessário, esperamos ser o último defensor na última trincheira.”³⁷

³⁵ *Diário de Notícias*, 21/11/1935, pp.01 e 02.

³⁶ *Diário de Notícias*, 23/11/1935, p.04. Nesta página também se encontra uma notícia que mostra a forte oposição de trabalhadores pernambucanos ao movimento. Nela relata-se que a Federação dos Sindicatos Trabalhistas, em protesto contra o Congresso Integralista que iria se realizar na cidade de Pesqueira, resolveu “paralisar toda a atividade do proletariado, pelo espaço de 15 minutos, no dia do desembarque do Chefe dessa facção partidária”.

³⁷ *Diário de Notícias*, 22/12/1935, p.01.

3.2 – Fotografias integralistas nas páginas da imprensa carioca

Tal como os artigos e textos favoráveis ao Integralismo encontrados nos periódicos não integralistas analisados acima, as fotografias integralistas também foram divulgadas nestes periódicos e, em conjunto com os textos que as acompanhavam (legendas, título e matéria) compuseram uma imagem pró movimento.

Foram selecionados para esta análise alguns acontecimentos que se tornaram notícia nos periódicos citados acima e cujas páginas reproduziram fotografias integralistas divulgadas nos periódicos mantidos pela AIB.

Em 07 de outubro de 1934 a AIB organizou um desfile e um comício na Praça da Sé, em São Paulo, para comemorar o 2º aniversário da sua fundação. De acordo com a memória integralista, no meio do desfile comunistas teriam atirado contra os manifestantes, de cima de alguns prédios, tendo os mesmos apenas revidado os tiros junto com os policiais que estavam na Praça. Várias pessoas, integralistas ou não, ficaram feridas e um militante, Jaime Guimarães, morreu. Dias antes em um desfile na cidade paulista de Bauru, ocorrera outro embate com comunistas e o militante Nicola Rosica, morto no tiroteio, se tornara o primeiro mártir do movimento. A estes acontecimentos o jornal *A Offensiva*³⁸ dedicou quatro páginas, todas compostas com fotografias. O jornal *Diário de Notícias* e a revista *A Noite Ilustrada* também publicaram matérias sobre o ocorrido, utilizando fotografias divulgadas pelo jornal integralista.

Na primeira página do jornal integralista foram divulgadas duas fotografias, uma com militantes formados, segurando bandeiras integralistas e do Brasil, e a outra com militantes desfilando em São Paulo. Analisando esta página nota-se que os argumentos textuais prevalecem sobre as informações visuais. Nela, os redatores elaboram sua argumentação no sentido de mostrar aos militantes que os dois integralistas que morreram, um em Bauru e o outro na Praça da Sé, se sacrificaram pela causa, “deram seu sangue por idéias”, e que este sacrifício é “motivo de glória e não de luto”. Os dois textos de Plínio Salgado, Chefe do movimento, ocupam boa parte da página. A frase, no topo da página em letras grandes e sublinhadas, reproduz seu apelo aos militantes: “Escutai a voz de vosso chefe nessa hora

³⁸ *A Offensiva*, 11/10/1934.

trágica (...)", e estabelece também o diálogo com eles, ao citar trechos do "juramento de fidelidade ao Chefe Nacional". Neste juramento, os militantes respondem com três saudações, o "anauê", em "fidelidade ao chefe nacional, diante da vida e diante da morte".³⁹



A Offensiva, 11/10/1934, p.01

Do lado esquerdo da primeira página está o editorial, intitulado "A carta lutuosa", também assinado por Salgado. Neste ele deixa bem claro que a AIB está em guerra e que os conflitos ocorridos em São Paulo evidenciaram o quanto o comunismo está preparado e os perigos que correm "a Pátria, a Religião e a Família". Finalizando o editorial, ele associa a figura do comunista ao judeu, demonstrando o anti-semitismo em sua argumentação: "Junto ao corpo de Jaime, declarei solenemente, a guerra contra o judaísmo organizado. É o judeu o autor de

³⁹ Artigo 127 do Regulamento integralista "Protocolos e Rituais" (regulamento publicado no *Monitor Integralista*, ano V, nº 18, 10/04/1937), folheto 11, p.37.

tudo”. Na parte inferior da primeira página, um pequeno texto assinado pelo chefe do Departamento Nacional de Propaganda, Madeira de Freitas, vem em destaque em um boxe intitulado “Duas Vanguardas”, também reforçando a idéia da guerra com o comunismo, um inimigo “traíçoeiro” e que nega a sua Pátria, ao contrário dos integralistas.

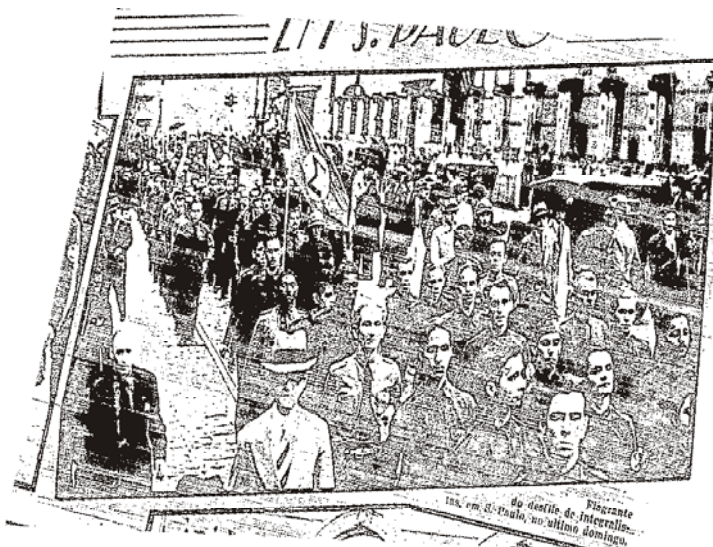
A argumentação textual prevalece nesta página, de modo a convencer os militantes que o sacrifício integralista em prol da pátria, da família e da religião é bom, é honrado e que o inimigo da Nação, o judeu/comunista deve ser combatido. As duas fotografias, no centro da página, lado a lado, não menos importantes, reforçam a idéia da perseverança do integralista, de que este deve marchar pelo sucesso da sua causa. Não é à toa que a manchete acima das fotografias é “A grande demonstração integralista de São Paulo”. A escolha das duas fotografias, onde se vêem militantes desfilando, marchando e em formação, reforçam a disciplina exigida do militante e sua perseverança diante das adversidades. Nota-se também na fotografia à direita a presença de homens de terno e gravata, marchando ao lado dos integralistas, e muitos curiosos observando o desfile, sugerindo a participação de pessoas de fora do movimento e do seu apoio à causa integralista. No texto, esta idéia de apoio externo é reforçada, pois se encontram afirmações de que várias pessoas resolveram aderir ao movimento depois do combate aos comunistas. A matéria, que se inicia nesta página, exalta a todo o momento a coragem dos militantes e descreve, de forma bem dramática, seus atos de “bravura”.

A fotografia da direita foi publicada também na revista *A Noite Ilustrada* em uma fotomontagem com mais quatro fotografias. A montagem transmite a impressão de grandiosidade e força do evento, mostrando vários acontecimentos sucessivos através de fotografias sobrepostas. Telma de Carvalho ao analisar fotografias sobre a cidade de São Paulo publicadas em revista ilustradas paulistas na década de 1930, afirma que este recurso era muito utilizado por elas, pois “proporcionava, de acordo com o interesse de publicação, resultados gigantescos e grandiosos da imagem final”.⁴⁰

⁴⁰ CARVALHO, Telma Campanha de. *Fotografia e cidade: São Paulo na década de 1930*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, PUC/SP, 1999, p.61.



A Offensiva, 11/10/1934, p.01



A Noite Illustrada, 10/10/1934, p.32

O pequeno texto próximo às fotografias, no topo da página, também não cita em nenhum momento a participação de civis ou a adesão de novos militantes após o acontecido, se detém a narrar os acontecimentos de forma sucinta: o desfile, o embate entre comunistas e integralistas, o “testemunho” dos acontecimentos trazido pelos militantes e o grande número de feridos em consequência do conflito.

Na página três, do mesmo número de *A Offensiva*, foram publicadas três fotografias alusivas ao embate com comunistas na cidade de Bauru: duas pequenas mostrando o cortejo no enterro do militante Nicola Rosica e a fotografia em tamanho maior, onde ele está em seu caixão mortuário, que foi também publicada no jornal *Diário de Notícias*.



A fotografia do integralista morto no desfile em Bauru foi publicada sem cortes nos dois periódicos, mas a ênfase dada por cada jornal foi diferente. No jornal integralista a fotografia ganhou dimensão maior que as quatro outras fotografias na página, o que permite visualizar bem os símbolos católicos próximos que cercam seu caixão: o Cristo crucificado, próximo à cabeça do morto e a vela acesa, próxima ao rosto do militante; além das bandeiras integralista e nacional que cobrem o caixão e parte do seu corpo. A legenda exalta a bravura do militante: “O primeiro morto da Revolução integralista. O bravo companheiro Nicola Rosica, no caixão mortuário em que foi enterrado em Bauru”.

É interessante notar o uso que o movimento faz da fotografia, em conjunto com a legenda, para sensibilizar o leitor. O texto da matéria, associado às fotografias, intensifica o tom dramático da notícia. Nesta, o apoio da população aos integralistas é ressaltado em várias passagens, em cores nacionalistas, por exemplo: “A população daqui está revoltada contra este covarde atentado dos internacionalistas, que atiram de tocaia, contra brasileiros e contra nossa própria bandeira”. Nas duas pequenas fotografias no centro da página, em destaque abaixo, pessoas seguem o cortejo fúnebre em uma e, na outra, uma multidão reunida no enterro do militante. A presença de muitas pessoas sem uniformes nas fotografias reforça a informação textual de que a população local solidarizou-se com os integralistas e reagiu contra o “ataque comunista”.



Analisando o conjunto da página de *A Offensiva* onde foi publicada a matéria encontramos a seção “A Semana internacional”, cujas notícias selecionadas criticam o comunismo no mundo e defendem o fascismo, por exemplo, a notícia intitulada “A anarquia na República Espanhola”. Nesta, o movimento comunista na Espanha é acusado de constituir

“mais uma demonstração do poder dissolvente e anarquizante das esquerdas que atualmente agitam o mundo” e que o “Dia virá em que aquelas direitas hão de restaurar o prestígio da tradição castelhana”. Estas notícias reforçam o ataque ao comunismo feito na matéria sobre o conflito em Bauru.

Voltando à página de *A Noite Ilustrada*, percebe-se que embora o texto que narra os acontecimentos não faça nenhuma defesa ou explicita seu apoio ao Integralismo, há uma frase importante que revela a intenção dos editores ao selecionar e articular texto e fotografias: “(...) Esses integralistas (os cariocas que participaram do desfile) chegaram a esta capital na manhã de segunda-feira, trazendo o testemunho daqueles acontecimentos”. Observando as fotografias, pode-se perceber que elas apresentam o testemunho integralista, a sua versão dos acontecimentos. Isto se evidencia não só pela constatação de que estas fotografias foram produzidas por integralistas, mas também em função da seleção e organização dadas a elas: integralistas em desfile, a polícia em prontidão para repelir os comunistas, o integralista morto em outro evento, Nicola Rosica, a chegada dos militantes cariocas de trem e a recepção destes pelos militantes na estação da Central, no Rio de Janeiro.

A fotomontagem não reproduz a cronologia dos acontecimentos; ao contrário, ela destaca a “multidão” presente na Central do Brasil para receber os integralistas cariocas e fecha a seqüência narrativa com uma fotografia das forças policiais de prontidão na Praça da Sé, “antes dos acontecimentos”, como destaca a legenda correspondente. Montadas na seqüência inversa aos acontecimentos – iniciando com a solidariedade da multidão de integralistas cariocas e fechando com as forças policiais prontas a defender os militantes de “ataques comunistas” – esta composição constrói uma versão dos acontecimentos na qual os integralistas surgem como vítimas indefesas. O modo como a revista selecionou e ordenou as fotografias induz o leitor a apoiar o movimento e, pela ausência de fotografias alusivas aos comunistas, a reprová-las as ações dos mesmos.

A página oito desse número da *A Offensiva* finaliza a matéria sobre o embate com comunistas na Praça da Sé divulgando seis fotografias. Na parte superior, à direita, estão três fotografias de militantes feridos fazendo a saudação integralista e uma do lado esquerdo, com os integralistas cariocas saudando os militantes que estiveram em São Paulo e chegaram no trem. Na parte inferior, do lado direito, uma fotografia mostra os militantes cariocas com as bandeiras usadas durante o desfile e do lado esquerdo, uma fotografia exhibe algumas destas bandeiras marcadas por buracos de bala.



A Offensiva, 04/10/1934, p.08.

Esta página tem várias fotografias alusivas ao retorno dos militantes cariocas, feridos ou não, que participaram do desfile em São Paulo. A matéria dá continuidade àquela da primeira página e complementa a mensagem das fotografias ao relatar a chegada dos militantes. Nesta página, o texto é dedicado à suposta repercussão do acontecimento na imprensa carioca, destacando as “infâmias” que alguns jornais teriam publicado contra os integralistas – como “O Globo”, que teria divulgado a notícia de que os “camisas-verdes” levaram policiais cariocas uniformizados para protegê-los durante o desfile –, assim como elogios à “maioria dos jornais cariocas” que “noticiou os acontecimentos com relativa fidelidade, colocando-se ao lado dos integralistas”. Mais uma vez, A Offensiva busca reforçar sua versão dos acontecimentos ao associar a ‘relativa fidelidade’ de setores da imprensa carioca aos textos que se posicionaram a favor ou ‘ao lado’ do movimento. A matéria destaca, ainda, o apoio de operários da

Organização Sindical Nacionalista Portuguesa, que mandaram um telegrama em solidariedade e de um deputado católico do Ceará que manifestou seu apoio em sessão da Câmara. Novamente o jornal procura tornar visível o apoio da opinião pública e sua solidariedade ao Integralismo, assim como seu repúdio aos comunistas.



A Offensiva, 04/10/1934, p.08

As duas fotografias acima foram publicadas tanto pela *Offensiva* quanto pelo *Diário*; a da esquerda, registra a chegada dos militantes integralistas na estação de trem carioca e dá destaque aos homens que conduzem as bandeiras nacional e integralista e a da direita, mostra essas mesmas bandeiras perfuradas pelas rajadas de metralhadoras, informa a legenda. Elas funcionam como “provas” visuais do atentado comunista não só ao Integralismo, mas também à bandeira brasileira, tentando associar o ataque à Nação e ao povo brasileiro. Não é à toa que a legenda da fotografia à direita chama atenção do leitor para o sacrilégio da ação adversária: “A bandeira nacional da 1ª Legião de camisas-verdes do Distrito Federal perfurada por sacrílegas rajadas de metralhadoras”. Elas também são publicadas como “provas” da bravura dos militantes que “levantaram nossas bandeiras ensangüentadas e prosseguiram o combate”, como afirma o editorial na primeira página.

Esta “veracidade” atribuída à fotografia, o caráter de testemunho dos acontecimentos mostrados é reafirmado pelas legendas, como aponta Telma de Carvalho, foi muito bem trabalhada pelas empresas jornalísticas da década de 1930, que pretendiam dar mais realismo ao conteúdo de suas matérias, a fim de alcançarem um número crescente de leitores.⁴¹ Gisèle Freund chama a atenção para o fato de que poucas pessoas se dão conta de que a fotografia não é “a reprodução exata da vida” social, mas uma maneira de vê-la e mostrá-la, e que “se pode alterar completamente o seu sentido pela legenda que a acompanha ou pela justaposição com uma ou outra imagem”. A autora vai além ao afirmar que “a objetividade da imagem é apenas uma ilusão” e que poucas coisas são suficientes para dar às fotografias um sentido “diametralmente oposto à intenção do repórter” (ou seja, do fotógrafo). Entre essas pequenas coisas, ela comenta o uso de ‘subtítulos engenhosos’; a elaboração de legendas que comentam as fotografias e “podem alterar totalmente a sua significação” ou “apresentar versões perfeitamente contraditórias, mas, aparentemente, igualmente verdadeiras, dos mesmos acontecimentos”; a maneira de justapor fotografias que pode criar contrastes, dissimular falsificações ou simular autenticidade, ou, ainda, através de recortes aplicados às fotografias.⁴²



A Offensiva, 04/10/1934, p.08

As duas fotografias anteriores, mais a fotografia acima em que militantes cariocas saúdam seus companheiros que desfilaram em São Paulo, foram reunidas na matéria do *Diário de Notícias*, que elabora a cada parágrafo o seu apoio e solidariedade aos integralistas e sua repulsa aos comunistas, denominados pelo jornal de “extremistas”.

⁴¹ CARVALHO, Telma Campanha de. *Fotografia e cidade*, op. cit., p.63.

⁴² FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Tradução de Pedro Miguel Frade. Lisboa: Ed. Vega, 1995, 2ª edição, p.141 e pp. 154-160.

Diário de Notícias
SEMANA SECRETA Terça-feira, 9 de Outubro de 1934

O DEPOIMENTO DE UMA AUTORIDADE DA POLICIA PAULISTA
Os comunistas agiram com premeditação

A. BORGES, 2.ª C. 2.ª - O depoimento de um dos principais agentes da Polícia Paulista, que participou da operação de prisão dos comunistas em São Paulo, revela que estes agiram com premeditação e em conjunto com elementos da imprensa e da sociedade civil. O depoente afirma que os comunistas tinham um plano bem definido e que a operação foi executada com perfeita ordem e disciplina.

O grave conflito entre comunistas e integralistas em São Paulo
QUANDO REALIZAVAM O JURAMENTO A BANDA E OS "CAMISAS VERDES" FORAM ATACADOS PELOS EXTREMISTAS

A reação enérgica dos 4 milicianos do signo



Um crime misterioso em Anchieta

Um crime misterioso ocorreu em Anchieta, no Estado de São Paulo, envolvendo a morte de um indivíduo. As circunstâncias do crime são ainda desconhecidas e a polícia está realizando investigações para esclarecer os fatos.



Nem tudo que reluz é ouro!...

Estes Campos, o ex-prefeito de São Paulo, que sempre foi considerado um homem de bem, está sendo acusado de envolvimento em atividades suspeitas. A imprensa está investigando as alegações e o público espera uma explicação clara.



Mais um impressionante desastre na Central do Brasil

A locomotiva, desgovernada, chocou-se violentamente com os últimos vagões de um trem de suburbanos. O acidente resultou em um morto e três feridos. As autoridades estão investigando as causas do acidente para evitar futuros incidentes.



A situação política em São Paulo

As tensões entre os grupos políticos em São Paulo continuam a aumentar. Os integralistas estão se preparando para uma possível revolução, enquanto os comunistas e outros grupos se opõem a tais planos. A situação é tensa e imprevisível.

A situação política em São Paulo

Os integralistas estão realizando reuniões e manifestações em todo o Estado de São Paulo. Eles afirmam que estão lutando pela libertação do Brasil e pela implementação de uma nova ordem social e política.

A situação política em São Paulo

Os comunistas estão realizando reuniões e manifestações em todo o Estado de São Paulo. Eles afirmam que estão lutando pela libertação do Brasil e pela implementação de uma nova ordem social e política.

A situação política em São Paulo

Os integralistas estão realizando reuniões e manifestações em todo o Estado de São Paulo. Eles afirmam que estão lutando pela libertação do Brasil e pela implementação de uma nova ordem social e política.

Diário de Notícias, 09/10/1934, p.07

Logo no início do texto, o jornal chama a atenção para a importância que estes dois movimentos assumiam naquele momento nas “diretrizes da vida política nacional” e relata os ataques extremistas aos integralistas e o “heroísmo dos milicianos cariocas”. A descrição dos atos “heróicos” dos militantes, entre outros comentários, pelo jornal, estavam presentes também na matéria de *A Offensiva*, analisada anteriormente, o que demonstra o apoio e a confiança do jornal ao testemunho dos integralistas.

O *Diário de Notícias* “informa” ainda que o ambiente em São Paulo era “perfeitamente favorável” à parada dos integralistas e que a simpatia pelo movimento neste estado é explicada porque “é o único movimento nacional, não se comportando simplesmente entre as organizações regionais ou puramente partidárias”, e que a “repressão que os integralistas

souberam dar aos ataques dos comunistas atraiu muitas pessoas que quiseram aderir ao movimento. A exaltação do caráter nacional do Integralismo e do apoio da população à repressão aos comunistas indicam críticas indiretas do jornal às oligarquias no poder, que defendiam o regionalismo, e também um forte anticomunismo.

A divulgação das duas fotografias integralistas, uma com a bandeira nacional furada por balas e a outra com os militantes segurando as bandeiras do Sigma, tem a função de comprovar o heroísmo destes militantes. Um trecho da matéria reforça o argumento da fibra dos militantes ao narrar o ataque a um “porta flâmula da milícia” por um grupo de “extremistas” que o agrediram a “bengala e cacete” e mesmo assim não “conseguiram tomar-lhe a bandeira!”. Tal como no jornal integralista, que relata esta mesma cena, estas fotografias comprovam a existência real destes “heróis” e o seu sacrifício pela “Pátria”.

O modo como a revista ilustrada *Fon-fon* publicou esta última fotografia revela os cortes realizados pelos editores da *A Offensiva* e *Diário de Notícias* e as intenções que, provavelmente, orientaram essas intervenções na fotografia.



Fon-fon, 13/10/1934, p.44.



A Offensiva, 04/10/1934, p.08.

A fotografia na *Fon-fon* ocupa meia página em formato retangular e mostra o conjunto da tropa integralista parada na plataforma da Central do Brasil. O fato dos “sangrentos sucessos [terem sido] narrados pela imprensa” permite que apenas na legenda a revista chame a atenção de seus leitores para o “pavilhão nacional dilacerado pela metralha comunista”. Já os editores da *A Ofensiva* e *Diário de Notícias*, jornais diários e que noticiaram os acontecimentos em primeira mão, selecionaram somente a parte central da fotografia para evidenciar mais o militante que segurava “a bandeira nacional furada a bala pelos comunistas de São Paulo”, como esclarece a legenda do Diário.

A segunda fotografia nessa edição de *Fon-fon*, publicada também pela *A Ofensiva* e *Diário de Notícias* foi utilizada de forma diferente por estes periódicos, como indica a legenda que a acompanhou. No pequeno texto publicado entre as duas fotografias a revista chamou a atenção para o conjunto de militantes “em continência” perante a bandeira nacional. Os militantes todos reunidos teriam cantado o hino nacional e, possivelmente, a fotografia foi tirada no momento em que eles terminavam de cantá-lo. Nota-se, um conhecimento preciso do redator, possivelmente Gustavo Barroso, sobre o que ocorrera no momento da produção da fotografia.

A Offensiva destacou em sua legenda o companheirismo e solidariedade dos militantes cariocas que receberam “entusiasticamente” seus companheiros integralistas que chegaram de trem. No *Diário de Notícias* a legenda chama atenção para a multidão que “enchia” a estação de trem e repetiu a afirmação, incompleta, de que eles saudavam os militantes que foram a São Paulo prestar juramento à bandeira nacional. Isto demonstra, neste momento inicial da organização da AIB, o desconhecimento dos editores e jornalistas e, provavelmente, da opinião pública, a respeito dos rituais e símbolos do movimento. Na verdade, o juramento e o desfile faziam parte do evento de comemoração dos dois anos da criação da AIB.

A análise deste acontecimento, que mobilizou a imprensa carioca em peso, mostra a simpatia e apoio, explícita no caso do *Diário de Notícias* e *Fon-fon*, ou implícita nas imagens publicadas em *A Noite Ilustrada*, dos periódicos ao Integralismo e seu aberto anticomunismo. É importante destacar a rapidez com que as fotografias integralistas foram distribuídas pela Secretaria de Propaganda aos jornais não integralistas analisados aqui. O jornal *Diário de Notícias*, por exemplo, publicou a matéria com as fotografias dois dias depois do desfile em São Paulo. Outras atividades promovidas pelo movimento, ao ar livre ou dentro dos núcleos

integralistas, também foram divulgadas pelos periódicos analisados aqui, embora não tenha sido encontrada outra situação noticiada por todos os periódicos como foi o caso do conflito na praça da Sé.

A AIB, como foi explicitado anteriormente, difunde elementos significativos do imaginário social e político integralista através da manutenção de alguns meios de comunicação, em particular, de sua imprensa. O anticomunismo, os símbolos da pátria, a bandeira nacional, por exemplo, são elementos largamente difundidos em seus eventos e divulgados pela sua imprensa. Mas, o que estamos tentando mostrar é que esta difusão não se limitou à sua imprensa, pois as situações apontadas e as que virão a seguir mostram a sua atuação e persuasão cotidiana junto à imprensa não-integralista e a simpatia desta pelo movimento. Serão expostos e analisados a seguir os modos como outros acontecimentos integralistas foram divulgados, tentando observar o trânsito dessas fotografias entre a imprensa integralista e estes periódicos bem como os usos que fizeram delas e as narrativas que compuseram nos diferentes órgãos.

O I Congresso Integralista da Província da Guanabara iniciou seus trabalhos em 12 de julho de 1935. A “sessão de instalação do Congresso” e apresentação dos trabalhos se deu no salão nobre da sede provincial da Guanabara e a “sessão solene de encerramento” se deu no salão do núcleo do Andaraí. Uma fotografia tirada na sessão de instalação, focalizando os dirigentes provinciais à mesa e o público, que lotava o salão, sentado e em pé, foi publicada na primeira página de *A Offensiva*, e nos periódicos *Diário de Notícias* e *Fon-fon*.

Analisando a primeira página do jornal integralista, nota-se que este Congresso se realizou em um momento delicado para a AIB, quando o seu caráter extremista é alvo de intensos debates na imprensa carioca e a ameaça de extinção da organização em função da Lei de Segurança Nacional é combatida pela sua imprensa. Vários textos em torno da matéria sobre o Congresso Integralista discutem esta questão e tentam convencer o leitor de que a Lei de Segurança Nacional deveria ser aplicada aos comunistas e não aos integralistas.



A Offensiva, 20/07/1935, p.01.

No editorial intitulado “O integralismo não é extremismo”, por exemplo, Plínio Salgado argumentou que em dois anos de existência do movimento nunca se realizou, em nenhuma parte do Brasil, um ato de violência ou agressão, nem quando a milícia integralista existia, pelo contrário, a AIB teria impedido “todos que tenham pretendido preparar golpes de força”.

Na matéria do centro da página, uma reprodução do “Registro da AIB no Superior Tribunal de Justiça Eleitoral” tem a função, a todo o momento empregada pelo movimento, de comprovar que ele, desde o registro, se tornou partido político, sendo assim, “está inteiramente fora do alcance da Lei de Segurança e perfeitamente dentro do que outorga a Constituição de 16 de julho”. A matéria sobre o I Congresso Integralista mesmo ocupando uma pequena parte da página, mostra e tenta passar aos leitores que o movimento segue seu rumo, mesmo com as ameaças externas.

A fotografia, em destaque abaixo, parte da matéria sobre o Congresso, busca comprovar ao leitor várias afirmações contidas nesta. Segundo o texto, "a assistência, numerosíssima, enchia completamente o salão", o que se percebe observando o ângulo escolhido pelo fotógrafo para compor o registro: ele enquadrou não só a mesa dirigente, que ocupa o centro, mas principalmente, o público que assiste sentado e de pé o evento, ocupando a maior parte da fotografia.



A Offensiva, 20/07/1935, p.01.

Outro aspecto mostrado pela fotografia e comentado no texto é a decoração do salão onde ocorreu o evento. No centro da fotografia estão os Secretários Nacionais à mesa, atrás e acima deles um grande busto de Plínio Salgado, rodeado por bandeiras integralistas, ladeadas por bandeiras nacionais. Tal decoração foi feita pelo militante Arquimedes Memória, professor da Escola Nacional de Belas Artes e caracterizava, segundo o texto "a maravilha, o sentido do movimento". Presumimos que este "sentido do movimento" na decoração se encontre na associação deste ao nacionalismo, ao culto à Pátria e à sua figura central, ao seu mentor, o chefe nacional Plínio Salgado.

Esta fotografia também foi publicada com uma pequena matéria do jornal *Diário de Notícias*, na primeira página da segunda sessão. Chama a atenção o fato de que a matéria foi relegada à segunda sessão do jornal e que se encontra em um pequeno espaço da página, ao lado de outras notícias, sobre os mais variados assuntos, sem qualquer ligação com o Congresso Integralista. A matéria relata sucintamente como transcorreu a cerimônia de instalação do Congresso e dá ênfase à conferência do Chefe Nacional, que foi realizada, no dia seguinte, no Instituto Nacional de Música.



Diário de Notícias, 13/07/1935, p.01.

Embora a fotografia tenha sido publicada com alguns pequenos cortes nas laterais e com uma legenda que chama a atenção para a mesa dirigente, o texto reforça a existência de “uma grande assistência” presente na sessão de instalação além de comentar que a reunião transcorreu “sob a maior ordem e o grande entusiasmo dos camisas-verdes”. A composição da matéria lembra a diagramação da página da *A Ofensiva* e prioriza os mesmos aspectos que o órgão integralista: a grande presença de pessoas no evento, além de exaltar o entusiasmo destas e o caráter ordeiro da reunião. Ademais, a matéria serve muito bem à propaganda do Integralismo quando divulga a Conferência do Chefe Nacional no Instituto Nacional de Música e sua abertura ao público em geral, não somente aos militantes.

A revista *Fon-fon*, diferentemente destes dois periódicos, dá ênfase através de suas fotografias aos dirigentes integralistas presentes ao evento. Observa-se isto na análise da composição da página onde é divulgado todo o evento. Além da fotografia comum aos outros dois periódicos analisados, a fotomontagem traz mais três fotografias, onde predominam imagens da mesa que presidiu os trabalhos e dos dirigentes Plínio Salgado e Gustavo Barroso discursando ao público.



Fon-fon, 20/07/1935, página 33

A fotografia em destaque no centro da página, a mesma publicada também nos outros periódicos, foi editada com cortes grandes nas laterais e abaixo da mesa dirigente, precisamente onde se via o público presente na sessão de instalação do Congresso Integralista. No entanto, as margens e fundos das três outras fotografias deram ao leitor evidências visuais significativas do contingente de militantes presentes ao congresso. O pequeno texto, próximo às fotografias, se atém a descrever sumariamente que a AIB organizou um Congresso para tratar de assuntos ligados ao movimento, qual o período em que foi organizado e comentar que na sessão de encerramento os dirigentes Madeira de Freitas, Gustavo Barroso e Belmiro Valverde estavam ao lado de Plínio Salgado.

Embora o texto não faça comentários elogiosos ao evento, as outras fotografias selecionadas enfatizam a elite intelectual e dirigente do integralismo e, em particular, de Gustavo Barroso. Este aparece discursando, aplaudido ao lado de militantes dos vários lugares brasileiros por ele visitados nas “bandeiras doutrinárias” que liderou, ao lado do Chefe Nacional e outros dirigentes da alta cúpula integralista e ao lado de militantes de várias partes do Brasil. Isto se torna compreensível ao lembrarmos não só a presença de destaque de Barroso na AIB, mas, principalmente, sua posição na *Fon-fon* onde exercia a função de redator-chefe. Mas uma outra possibilidade de explicação, já apontada anteriormente, são as disputas de poder que existiam entre os seus dirigentes, principalmente entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, sendo provável que esta revista era um instrumento eficaz de propaganda do dirigente Gustavo Barroso, acirrando a disputa pela direção e tomada de decisões no movimento.

É interessante contrapor as composições feitas pelas revistas ilustradas *Fon-fon* e *Anauê!*. Tal como a primeira, a revista integralista tem a maior parte da página dedicada ao Congresso, preenchida por apenas duas fotografias.



Anauê!, ago/1935, nº 03, p.41.

O foco desta revista, por ser integralista, não é somente a elite dirigente e sim o ânimo da militância do movimento na “província da Guanabara”. No alto da página, observa-se um retrato ampliado do Chefe Provincial da Guanabara, neste momento, Madeira de Freitas, e abaixo dela, à primeira vista a mesma fotografia publicada nos outros periódicos. No entanto, observando-se bem é possível perceber que ela foi cortada logo abaixo da mesa dirigente, e outra fotografia – do público que lotava o salão – foi inserida abaixo dela. Apenas pela comparação é possível flagrar um detalhe que mostra a sofisticada operação em torno desta página: nas outras fotografias da mesa dirigente o público assiste ao ato de frente para os dirigentes, enquanto nesta o público surge de costas para a mesa. A escolha e montagem destas fotografias busca enfatizar tanto a participação e apoio dos militantes, dirigentes (os secretários nacionais, cérebros do movimento, por exemplo) e do público em geral, como a decoração feita pelo militante, professor da Escola de Belas Artes, que associa o Integralismo com a defesa da Pátria e com a liderança de Salgado. O pequeno texto da matéria sobre o evento, reforça essas associações com afirmações como: “Foram três dias de vibração cívica, de entusiásticas manifestações patrióticas, de insopitáveis aclamações integralistas” e “(foram ventilados) nas sessões de estudo assuntos de vital interesse para o movimento na Guanabara, e quiçá, no Brasil!”.

Embora os periódicos construam ênfases semelhantes na divulgação do Primeiro Congresso Integralista da Província da Guanabara – o *Diário de Notícias*, *A Offensiva* e *Anauê!* privilegiam em seus textos e fotografias o grande público presente e o caráter aberto e amplo do evento, e apenas *Fon-fon* privilegia a elite intelectual pensante do movimento –, as formas pelas quais cada um constrói a visibilidade do Congresso no Rio de Janeiro e o transforma em notícia são diferentes. A reprodução da mesma fotografia em dois periódicos não integralistas indica a capacidade de distribuição de textos e imagens pela Secretaria Nacional de Propaganda, pois cabia a ela enviar a fotografia que representaria o evento na Imprensa carioca: a mesa com os dirigentes nacionais, com uma decoração que evoca “o sentido do movimento”.

Outro evento estritamente integralista divulgado nos demais periódicos analisados aqui é a “Noite dos Tambores Silenciosos”, realizado em 07 de outubro de 1936, no qual homenageava-se o lançamento do manifesto de fundação da AIB, além de ser utilizado também para protestar contra a extinção da milícia integralista pela Lei de Segurança Nacional. Essa cerimônia aconteceu pela primeira vez em 1935, durante o I Congresso Meridional, em

Blumenau. Todo um ritual foi acionado neste evento, que incluíam juramentos ao Chefe Nacional, leitura de poesia integralista e instrumentistas tocando tambores. Seleccionamos algumas fotografias sobre o evento em 1936, que foram publicadas no jornal integralista *A Offensiva* e na revista *Fon-fon*.

Em *A Offensiva*, foram publicados artigos, notícias e fotografias sobre o evento nos dias 08 e 11 de outubro de 1936, além de telegramas enviados ao Chefe Nacional de todas as partes do país, elogiando o integralismo, comunicando a realização do evento e o número de participantes. Apesar de serem apresentados na imprensa integralista como fruto da espontaneidade popular e da mobilização dos seus militantes, o envio desses comunicados era obrigatório e seguia normas e diretrizes das secretarias e núcleos, e visavam construir uma imagem de unidade, controle e divulgação do movimento.⁴³



A Offensiva, 08/10/36, p.01.

⁴³ CAVALARI, Rosa M. F., *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*, op. cit., p.190. No livro de normas a serem seguidas pelos integralistas "Protocolos e Rituais" há a seguinte orientação: "Encerra-se a sessão. Imediatamente, será passado ao Chefe Nacional um telegrama comunicando o número dos presentes. Nesse telegrama será empregada obrigatoriamente a expressão 'tambores silenciosos' ". Folheto 11, Fundo DESPS, Série Integralismo, APERJ.

Dez fotografias sobre o evento compuseram a primeira página do jornal, arrumadas lado a lado, preenchendo toda a página. Uma legenda abaixo delas, no pé da página, inicia a descrição das imagens com a seguinte frase: “aspectos impressionantes da multidão que enchia literalmente o Teatro João Caetano e transbordava pela terrasse (o terraço) e em frente àquela casa de espetáculos”. Nesta passagem da legenda fica clara qual a ênfase dada na seleção das fotos que representariam o evento: a presença de uma multidão, “a massa” de pessoas que lotaram o Teatro João Caetano e o grupo que acabou ficando do lado de fora do Teatro.

O critério que orientou a produção e publicação dessas fotografias é sem dúvida constituir e tornar visível a presença da “multidão”, como reforça a legenda, de militantes e simpatizantes do movimento. Eles foram mostrados dentro do teatro em diferentes situações: assistindo a cerimônia, prestando juramento ao Chefe Nacional, os componentes da banda que tocou os tambores, fazendo saudações, além do grupo de pessoas que ficou do lado de fora fotografados bem de perto – ou com a câmera posicionada acima do grupo –, de modo a obter um registro em *plongé*, ou seja, que minimiza as pessoas e faz a ação predominar sobre os personagens e coisas.

A divulgação de fotografias da “multidão” de pessoas que assistia ao evento e a inexistência de fotografias da mesa dirigente indicam a intenção deste periódico de elaborar para seus leitores o apoio maciço ao movimento e a demonstração de sua força. O efeito causado no leitor quando se visualizam todas estas fotografias juntas, lado a lado, é a impressão de que realmente o apoio ao movimento é irrefutável, maciço, ao ponto de muitas pessoas ficarem de fora por falta de espaço.

Nas páginas seguintes do jornal, a matéria sobre o evento e o artigo de Plínio Salgado reforçam estas idéias de ampla participação popular no evento, dentro e fora do Teatro, oferecendo números como no artigo de Salgado intitulado “A voz dos três mil tambores”: “No Teatro João Caetano, apinham-se milhares de camisas-verdes. Frisas, camarotes, torrinhas, platéia, corredores, saguão repletos de uma grande multidão emocionada”.⁴⁴ A matéria descreve passo a passo o ritual da cerimônia, a homenagem aos “mártires” integralistas e os discursos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso. Um trecho desta expõe a presença de “curiosos” do lado de fora do Teatro e nele encontramos uma estratégia da propaganda integralista:

⁴⁴ *A Offensiva*, 08/10/1936, p.02.

“Em frente ao Teatro João Caetano (...) já havia uma grande aglomeração de curiosos que chegou a dificultar o tráfego de veículos. Essa multidão manteve-se sempre em frente ao Teatro até o fim da comemoração cívica.

Na ‘marquise’ do João Caetano, que estava cheia de gente, foi colocado um alto-falante que reproduzia todos os discursos que se pronunciavam dentro do teatro. De vez em quando a multidão que ali se aglomerava prorrompia em aplausos frenéticos às frases mais incisivas dos oradores”.⁴⁵

Cinco destas fotografias, foram publicadas em duas páginas inteiras pela revista *Fon-fon*, intercaladas por um pequeno texto com detalhes do evento.



Fon-fon, 17/10/1936, p.40 e 41

Na seleção de fotografias os militantes estão assistindo ou prestando juramento, de pé, dentro do Teatro João Caetano e no centro das duas páginas uma foto da banda de militantes que tocou os tambores. Nesta composição, assim como em *A Offensiva*, a mesa dirigente e as pessoas que ficaram do lado de fora do local estão ausentes, sendo privilegiada a multidão que lotava o Teatro. As quatro fotografias que mostram o público no evento estão em tamanho bem

⁴⁵ *A Offensiva*, 08/10/1936, p.03.

maior que no jornal integralista e sem os pequenos cortes nas laterais, abaixo e acima. Desta forma, a revista optou por número menor de fotografias para mostrar uma massa mais compacta, dando uma idéia exata de todos os cantos do Teatro ocupado pelo público e da existência de pessoas em pé por falta de lugares.

O texto da matéria, intitulada “O aniversário da Ação Integralista Brasileira”, associado às fotografias enfatiza a existência “de numerosa assistência que enchia literalmente o Teatro”. Apesar dos dirigentes não estarem retratados em suas páginas, o texto não deixa de dar destaque ao fato de que Plínio Salgado presidiu o evento e que falaram “nessa memorável cerimônia os srs. Plínio Salgado e Gustavo Barroso”. A referência ao discurso de Gustavo Barroso, algo comum nas páginas de *Fon-fon* e que nos lembra de sua atuação na redação da revista, explica a profunda compreensão dos significados dos rituais mostrados: no qual os “corações (dos ‘camisas-verdes’) batem, como um milhão de tambores que nenhuma força poderá fazer calar, porque eles pertencem a Deus e anseiam pela grandeza da posteridade nacional”.⁴⁶ O modo como a reportagem e as fotografias apresentaram em detalhes o conteúdo da “comemoração da maior expressão cívica” exaltando, em forma de oração, poesia e discursos, o cristianismo e a Pátria, sem dúvida expressaram o endosso da revista a esse movimento político.

Chama a atenção a semelhança dos aspectos selecionados pelos editores de ambos os periódicos, desde o amplo espaço a fotografias sobre este evento estritamente integralista, o conhecimento sobre os rituais realizados e o foco principal das fotografias publicadas: a “multidão”, a “massa” de pessoas que assiste à cerimônia, lotando o Teatro João Caetano.

O último acontecimento integralista selecionado para esta análise é o desfile realizado em 1º de novembro de 1937 na capital da República, noticiado pela imprensa carioca como o “desfile dos 50.000”. Neste momento, consciente da intenção iminente do governo Vargas de dar um golpe⁴⁷ e sentindo sua existência ameaçada, a AIB mobiliza sua tropa e organiza uma marcha sobre a cidade com destino ao palácio presidencial, visando demonstrar sua força política. Segundo suas estimativas, 50.000 militantes de várias partes do país atenderam à

⁴⁶ Trecho do discurso do presidente da sessão, reproduzido pela *Fon-fon*, cuja fala segue as normas definidas pelo “Protocolos e Rituais”, cap. XI, art. 167. *Op. cit.*, pp.51-53.

⁴⁷ Em carta enviada a Vargas, em 28 de janeiro de 1938, Salgado conta que foi procurado por Francisco Campos em setembro de 1937, para mostrar o projeto de uma nova constituição e informar sobre o desejo de Vargas de dar um golpe de Estado como solução à crise nacional. Salgado declara apoiar esta decisão. “Verbete Plínio Salgado”. ABREU, Alzira A. (*et.al.*) (coordenação), *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro op.cit.*, p.5203.

convocação e marcharam até o Catete, onde Vargas os passou em revista, da sacada do palácio. Este foi o último desfile da Ação Integralista Brasileira. Em discurso pronunciado na rádio Mayrink Veiga e retransmitido pela Rádio Sociedade Fluminense, no dia do desfile, posteriormente reproduzido no jornal *A Offensiva*, Plínio Salgado afirmou que este desfile tinha os objetivos de comemorar o centenário do nascimento do General e escritor José Vieira do Couto Magalhães, render homenagens aos militares, deixando coroas de flores nos bustos de Duque de Caxias e Almirante Barroso, e afirmar “sua solidariedade ao presidente da República e às Forças Armadas da Nação no combate ao comunismo e à anarquia liberal-democrática”.⁴⁸

Duas fotografias publicadas em *Anauê!* também o foram na revista *A Noite Ilustrada*. A comparação dos seus usos pelos dois periódicos indica uma certa confluência de visões de mundo, ou melhor dizendo, a simpatia da revista não integralista por aspectos exaltados no periódico do movimento.



A Noite Ilustrada, 09/11/1937, p.01.

⁴⁸ *A Offensiva*, 02/11/1937, p.02. Este jornal também dedicou muitas páginas para divulgação do desfile, mas a impossibilidade de conseguir uma cópia legível dos textos e imagens sobre o evento nos privou de compará-lo com os outros periódicos neste trabalho.

A Noite Ilustrada dedicou duas páginas ao evento integralista, as fotografias estavam espalhadas pelas páginas, com diversos tamanhos e formatos, sem legendas, em uma fotomontagem. O título da reportagem “Cincoenta mil ‘blusas verdes’ em desfile”, em letras grandes, ultrapassa as fotos de página a página. Acompanhando a seqüência da fotomontagem nota-se a divulgação de diferentes ângulos do desfile e, principalmente, da grande quantidade de desfilantes, o que busca comprovar a afirmação da legenda de que 50.000 integralistas desfilavam. A fotografia que está no centro da reportagem, a que tem maior destaque, ocupando as duas páginas, é uma das fotografias comuns às duas revistas. Nesta temos uma visão de cima do desfile, sendo esta talvez a fotografia que melhor explicita as extensas fileiras simétricas de integralistas marchando pela Avenida.

Embora esta imagem seja divulgada sem legenda na revista não integralista, ela está intimamente conectada ao texto da reportagem. Neste não se apresentam dúvidas sobre a veracidade do número de militantes afirmado por Salgado, cinqüenta mil, e elogia-se a disposição simétrica dos desfilantes, que segundo este “ostentam perfeita formatura”. Esta fotografia deveria comprovar, tal como foi utilizada na revista integralista, o grande número de militantes desfilando e o quão é “perfeita” sua “formatura”.

Na revista *Anauê!*, diferente da revista *A Noite Ilustrada*, ela ocupa uma página inteira, mostrando em grandes dimensões, detalhes das extensas fileiras de militantes que marcham disciplinados e no mesmo ritmo. A legenda no topo da página afirma: “os integralistas em colunas de nove, comandados por Gustavo Barroso, iniciam o grande desfile”. Este texto, além de descrever um detalhe da organização integralista, implicitamente, mostra que o entendimento dos militantes como uma milícia não morreu com a extinção dela em 1935. Não é por acaso que esta, no início do movimento, era conduzida pela mesma pessoa que “comanda” o desfile, Gustavo Barroso. A revista integralista se distingue de *A Noite Ilustrada* também na forma de divulgação das fotografias, enquanto a segunda preferiu mostrá-las em uma seqüência, com vários formatos e bem próximas umas das outras, enfatizando a quantidade e diversidade de pessoas, a primeira optou por mostrar fotos no mesmo formato retangular, em grandes dimensões, ocupando a página inteira ou dividindo a página com outra. Esta escolha provavelmente se deu em função do intuito de mostrar o mais fielmente possível os detalhes do desfile, principalmente, os desfilantes e as pessoas de fora do movimento que assistiam.

A revista integralista *Anauê!* dedicou 22 páginas para transformar esta marcha em um grande acontecimento e, todas elas, exceto a primeira, trazem fotografias grandes acompanhadas de pequenas legendas. O texto da página inicial, intitulado “A parada integralista”, dá indicações das intenções que orientaram a produção e seleção das fotografias que viriam nas páginas seguintes: a massa de militantes e a adesão de populares e militares ao longo do trajeto do desfile. Um trecho deste texto é significativo por evidenciar como a revista elabora a presença popular nesta marcha integralista como adesão à doutrina e ao movimento:

“Milhares de soldados do Exército e da Marinha se confraternizaram com essa poderosa massa civil se empolgando nos mesmos sentimentos. O povo percebeu naqueles homens que pisavam resolutos, naqueles passos que retumbavam como os próprios passos do destino brasileiro, que ali exprimiam seus anseios”.

Por meio destas fotografias os leitores foram informados de como a parada integralista aconteceu: os militantes chegando em caminhões, vindos de várias partes do Brasil, ou de diferentes bairros por meio de bondes para “participar” do desfile; militantes marchando em fileiras simétricas pela Avenida Rio Branco; militares do Exército e Marinha marchando junto com os integralistas e alguns civis desfilando junto a eles. As legendas associadas às fotografias ressaltam o apoio de civis e militares ao desfile: “(...) Até mesmo elementos não integralistas contagiados pelo entusiasmo dos ‘camisas-verdes’, se incorporam às Legiões do Sigma e aderem cantando a marcha ‘Avante!’ juntamente com os integralistas”.⁴⁹

Apesar de *Anauê!* também divulgar fotografias que mostraram Plínio Salgado e Getúlio Vargas assistindo ao desfile, não há dúvida que o foco principal são os desfilantes. As legendas exaltam o movimento e expõem claramente vários aspectos doutrinários, muito mais do que descrevem o que está sendo mostrado. Na página 26, reproduzida abaixo, a legenda entre duas fotografias grandes, exalta a presença de militantes de várias profissões e etnias, além de explicitar a presença do cristianismo na doutrina integralista: “Operários, médicos, advogados, engenheiros, estudantes – brasileiros de todas as profissões, de todas as categorias sociais, de todas as origens étnicas – se irmanam nessa incomparável Eucaristia da Pátria Total”.

⁴⁹ *Anauê!*, nº 22, dez/1937, p. 25. “Avante!” é o hino oficial do Integralismo e sua letra e música são atribuídos a Plínio Salgado. “Protocolos e Rituais”, cap. VI, art. 44. *Op. cit.*, p.15.



Anauê!, nº 22, dez/1937, página 26.

Essas legendas expõem nitidamente como a imprensa pode elaborar uma dada realidade com as fotografias e transmitir, através destas, valores, julgamentos e doutrinas, muito mais que identificar sua contextualização. Desta forma a ideologia e intencionalidade do órgão produtor ficam muito mais claras.

Considerando a forma como foram tiradas algumas fotografias, o registro dos desfilantes alterna ângulos em *plongé*, que os mostra de perto com rostos resolutos e firmes, com os enquadramentos das colunas simétricas e organizadas, que exibem longas faixas compactas de militantes que marcham na Avenida Rio Branco, oferecendo uma prova da magnitude do evento. A seleção destas fotografias atesta o grande número de pessoas que desfilaram, segundo o movimento seriam 50.000 pessoas, elaborando assim uma idéia de ampla adesão e apoio ao movimento. Não é à toa que a legenda na página 23 identifica precisamente a extensão do trajeto ocupado pelos militantes e mostrado pela fotografia: "Passa pela Cinelândia a vanguarda do exército verde enquanto a retaguarda vem ainda pela Avenida Rodrigues Alves,

a uma légua de distância”.⁵⁰ Além de reforçar o testemunho visual do número de pessoas que preenchiem todo esse espaço da cidade, a legenda dá dinamismo e constrói a imagem de um deslocamento simultâneo e contínuo, aspectos impossíveis de serem mostrados apenas pelas fotografias.



Anauê!, nº 22, dez/1937, p.22

Duas fotografias desse desfile publicadas pela *Anauê!* também o foram na revista *A Noite Ilustrada*. A comparação dos seus usos pelos dois periódicos indica uma certa confluência de visões de mundo, ou melhor dizendo, a simpatia da revista não integralista por aspectos exaltados no periódico do movimento.

A Noite Ilustrada dedicou duas páginas seguidas ao evento integralista, com uma fotomontagem que reuniu sete fotografias, superpostas com diversos tamanhos e formatos e sem legendas, acompanhadas de um pequeno texto, em meio a anúncios de diversos produtos. Acompanhando a seqüência da fotomontagem nota-se a divulgação de diferentes aspectos do

⁵⁰ *Anauê!*, nº 22, dez/1937, p.23.

desfile e, principalmente, da grande quantidade de desfilantes, o que busca comprovar a afirmação da legenda de que 50.000 integralistas desfilavam.

A fotografia em destaque no centro da reportagem, ocupando as duas páginas, é uma das fotografias publicadas na página 22 de *Anauê!*. Tal como foi utilizada na revista integralista, esta fotografia traz uma visão do desfile a partir de um ponto mais alto e permite visualizar melhor as extensas fileiras simétricas de integralistas marchando pela Avenida, testemunhando o ânimo dos militantes que ostentavam “perfeita formatura”.

O título da reportagem “CINCOENTA MIL ‘blusas verdes’ em desfile”, em letras grandes, abarcando as duas páginas ultrapassa a fotomontagem e deve ter ajudado a dar veracidade ao número de militantes afirmado por Salgado e divulgado em seus periódicos.

Na revista *Anauê!*, esta fotografia ocupa uma página inteira e sua dimensão aproxima as extensas fileiras de militantes que marcham disciplinados e no mesmo ritmo aos olhos dos leitores. A legenda no topo da página afirma: “os integralistas em colunas de nove, comandados por Gustavo Barroso, iniciam o grande desfile”. Este texto, além de descrever um detalhe a organização integralista, implicitamente, sugere que a milícia integralista não morreu com a sua extinção formal em 1935. Não é por acaso que no início do movimento, a milícia fosse conduzida por Gustavo Barroso, a mesma pessoa que “comanda” o desfile.

A revista integralista se distingue de *A Noite Ilustrada* na forma de divulgação das fotografias. Enquanto a segunda preferiu mostrá-las em uma seqüência, compondo a narrativa com fotografias de vários formatos e tamanhos, bem próximas umas das outras, enfatizando a quantidade e diversidade de pessoas, *Anauê!* optou por mostrar fotos no mesmo formato retangular, em grandes dimensões, ocupando a página inteira ou dividindo a página com outra fotografia. Esta escolha provavelmente se deu em função do intuito de mostrar o mais fielmente possível os detalhes do desfile, principalmente, os desfilantes e as pessoas de fora do movimento que assistiam a marcha ao logo de seu trajeto exibido em 22 páginas.

A outra fotografia comum a estes dois periódicos mostra dois militantes segurando uma coroa de flores que seria depositada no monumento em homenagem ao Almirante Barroso. A exaltação dos “heróis da Pátria”, representados por ‘grandes’ figuras das Forças Armadas brasileiras, era um aspecto recorrentemente defendido pela intelectualidade integralista. O intelectual integralista José Madeira de Freitas, redator-chefe do jornal *A Offensiva*, colaborador da revista *Anauê!* e chefe do Departamento Nacional de Propaganda até 1936, por exemplo, foi um dos que defendeu que o movimento estava “despertando as energias adormecidas da

nacionalidade” fazendo ressurgir o “culto dos grandes homens, pelas massas civis da população, as quais o Sigma quis e soube identificar com os bravos soldados de terra e mar”.⁵¹



Anauê!, dez/1937, nº 22, p.35

Na revista *Anauê!*, esta fotografia divide a página com outra, no mesmo tamanho, exibindo a juventude integralista e patriota. Os militantes, na faixa etária de 20 a 40 anos, uniformizados, em posição militar de sentido, seguram uma coroa de flores que seria depositada no monumento ao militar. A legenda contribui para enfatizar a idéia de uma juventude disciplinada e que defende a Pátria: “A homenagem do Integralismo a Barroso: uma coroa de flores depositada no seu monumento por uma juventude cheia de fé no Brasil”. Na outra fotografia que ocupa a página, militantes levam as bandeiras do Brasil e do Integralismo no desfile,

⁵¹ Este texto produzido em 1937 foi republicado por integrantes do Partido de Representação Popular (PRP) na *Enciclopédia do Integralismo* em 1959. Alguns integrantes da AIB reorganizaram-se e fundaram em 1945 o PRP. Para um estudo mais aprofundado sobre o PRP: CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no Pós-Guerra. A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

marchando e a legenda ressalta a força e coragem daqueles “braços dispostos sempre na defesa dos ideais brasileiros”.

Em *A Noite Ilustrada* a mesma fotografia é uma das que compõem a fotomontagem e expressa a admiração da revista pela iniciativa integralista de homenagear a esses militares. No pequeno texto da reportagem, é clara a simpatia por estes atos “cívicos” integralistas de homenagem ao “protótipo do marujo brasileiro” (Almirante Barroso), ao “soldado em suas mais altas virtudes” (D. Caxias) e à “figura exemplar pelo esplendor do préstimo individual e pela altura de sentimento cívico” (Couto de Magalhães).

Este nacionalismo que pregava a força das tradições e conquistas brasileiras e dos “grandes homens” que ajudaram a construí-las, não era característica exclusiva dos intelectuais integralistas. Não é por acaso que com a instituição da ditadura Vargas, conhecida como o ‘Estado Novo’, a educação pensada e propagada aos jovens secundaristas visava construir uma identidade nacional, através do conhecimento e exaltação das tradições e conquistas da Pátria. Reznik ao analisar livros didáticos de História do Brasil de 2º grau das décadas de 1930-40 mostra a contribuição destes para inculcar nos jovens os conteúdos tradicionalistas e patrióticos da orientação educacional autoritária do novo regime.⁵²

Outras características ideológicas ou organizativas dos fascismos europeus, como a exaltação da disciplina, da obediência ao líder, do militarismo, a utilização de símbolos e eventos que preguem o nacionalismo, entre outros, presentes na AIB, eram também admiradas e defendidas por integrantes da elite intelectual brasileira.

O uso de imagens dessas demonstrações de força, como desfiles e concentrações, foi comum aos diversos regimes autoritários. Exemplos no Nazismo e no Estado Novo foram dados nos capítulos anteriores e indicam que esta “militarização de corpos” está presente em alguns projetos, práticas e formas de vivenciar a política na década de 1930 e 40. Governos ou movimentos buscavam exaltar sua força, seu poder, além de buscarem transmitir impressão de união e unanimidade aos seus membros, por meio de cerimônias que reunissem a massa disciplinada e ordeira. A disposição dos militantes em linhas e colunas, “transmitindo a impressão de sólidos blocos humanos em movimento”,⁵³ em conjunto com a presença de uniformes, bandeiras, hinos, dava à multidão a noção de fazer parte de algo maior, coeso e que não comportava individualismos. A reprodução freqüente de fotografias dessa multidão – em

⁵² REZNIK, Luiz. *Tecendo o amanhã. A história do Brasil no ensino secundário: Programas e livros didáticos 1931 a 1945*. Niterói, Dissertação de Mestrado em História, UFF, 1992.

⁵³ BERTONHA, “A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30”, *op. cit.*, p.90.

marchas, cortejos, homenagens e outras cerimônias –, nas páginas de seus próprios periódicos mas, também, da imprensa liberal e burguesa carioca provavelmente serviam à construção de imagens de ordem, disciplina, respeito à hierarquia, tão caros à doutrina e ao projeto político integralista.

Bertonha ao analisar o uso de símbolos nessas demonstrações de força integralista, como as bandeiras e hinos, aponta a capacidade destes de “detonar emoções convenientes a este”. Por meio delas – e de sua exibição sistemática nas páginas da imprensa – procurava-se acionar respostas emotivas que significavam, politicamente, aceitação, contentamento e submissão ao chefe e dirigentes. Tentava-se a todo custo anular, pelo estímulo às reações passivas e acríicas, qualquer possibilidade de divergência dos militantes ao movimento.⁵⁴

Alcir Lenharo, analisando o discurso político brasileiro da década de 30, percebe que o corpo foi matéria de discussão por políticos, médicos, educadores, professores e instituições como o Exército e a Igreja. Idéias eugênicas e fascistas de melhoria da raça pela sua disciplinarização e docilização através do esporte e de defesa de uma militarização corporal e psicológica dos brasileiros – tornando-os “soldados da pátria” -, perpassam o discurso de vários membros da intelectualidade brasileira.⁵⁵ As fotografias veiculadas nas páginas dos periódicos analisados ao dar visibilidade pública às cerimônias e atos integralistas ajudaram a estimular sentimentos e a criar necessidades – de ordem, disciplina, organização, nacionalismo –, ajudando a conformar idéias, constituir e tornar real o apoio maciço ao movimento e, acima de tudo, desempenharam papel relevante na propaganda de projetos políticos assentados na ordem e na negação do conflito e de contradições sociais.

⁵⁴ BERTONHA, “A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30”, *op. cit.*, p.89.

⁵⁵ LENHARO, Alcir, *Sacralização da política*, *op. cit.*, p. 77 a 86.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações tecidas por mim ao final deste trabalho não têm a pretensão de serem definitivas. O encaminhamento da pesquisa mostrou o quanto ainda há para ser explorado pela historiografia sobre o tema da propaganda política no integralismo. Não me refiro somente à propaganda política através de imagens – cuja ênfase neste trabalho se restringiu às fotografias publicadas na imprensa –, que em si abarca diversos veículos de difusão da pedagogia e doutrina integralistas, como o cinema, as exposições, os folhetos e cartazes mas, também, o aproveitamento do rádio, por exemplo, que na década de 1930 teve um aumento significativo de sua audiência e número de estações transmissoras.

A mudança empreendida ao longo desta análise de uma História Cultural pensada como um campo de estudos que se preocupa com ‘as práticas e representações sociais’, sem atentar para o lugar social das mesmas, para uma leitura da história que não separa a realidade em níveis e se preocupa em investigar no social como se constituem as redes de práticas, costumes, significados, comportamentos e representações, para evidenciar as relações e conflitos entre os diferentes sujeitos sociais. Houve um deslocamento importante que ampliou e enriqueceu minha forma de olhar as fontes imagéticas inicialmente selecionadas para este trabalho: o conjunto de fotografias integralistas apreendidas pela polícia política na ditadura Vargas hoje mantidas pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Esta mudança no modo de conceber a história, a pesquisa e a interpretação, a partir de outro ponto de vista e abordagem, levou a uma reflexão sobre como trabalhar com a cultura no âmbito de uma história social sem pensá-la, conforme explica Fenelon, como um “elemento exterior a completar qualquer ordem social”¹ mas, sim, um elemento fundamental da sua constituição:

“Queremos compreender a cultura como a maneira, pela qual os homens desenvolvem suas práticas sociais, refletindo seus modos de viver, trabalhar, morar, lutar, morrer, divertir-se, etc.. Assim, a cultura é sempre tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes, além da promoção e o desenvolvimento de instituições e iniciativas do cotidiano, com todas as suas formas de expressão, organização e luta no social. (...) Considerar a **cultura** desta maneira significa também ultrapassar a forma de pensá-la como uma instância

¹ FENELON, Déa R. “Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa”. *Projeto História*, nº 10. São Paulo: Educ, 1993, p.86.

autônoma e em separado: superestrutura ou nível distinto do social. Ao invés disto, cultura é pensada como categoria no sentido que Raymond Williams (1977) atribui ao termo, ou seja, problema ou questão para orientar a pesquisa, categoria, portanto, sempre em construção e constitutiva do social: longe de se apresentar como solução ou explicação prévia, propõe-se como equação a ser decifrada.”²

Sendo assim, o objeto de estudo que em princípio era o feminino na propaganda política da AIB apreendido através da fotografia foi se modificando para a apreensão dos significados da intensa propaganda política desenvolvida pela AIB na qual as fotografias e a imprensa desempenharam papéis fundamentais. Esta mudança trouxe algumas dificuldades por ampliar bastante o universo de questões e de fontes a serem analisadas e de incorporar uma reflexão sobre a própria natureza das linguagens nessas fontes, bem como por tratar de um tema inexplorado pela historiografia. Mas, sobretudo, tínhamos em mente, que o processo de pesquisa não está “dado” e que ele se constrói a cada investigação de uma pista, a cada documento encontrado, a cada nova pergunta formulada. Além disso, o pesquisador que desiste do seu intento por receio de ter dificuldades ou não conseguir fazer falar os “silêncios” dos materiais que pesquisa, não deve nem começar a pesquisa.

Sendo assim, me deparei com alguns silêncios que, longe de inviabilizarem este trabalho, podem abrir “portas” para outras pesquisas e outros trabalhos sobre a imprensa e a produção imagética no e pelo integralismo. A identificação de fotógrafos, seus vínculos com os jornais e revistas e o aprofundamento das formas utilizadas pelos periódicos integralistas para lidar com a prestação destes serviços, é um destes silêncios, que mereceria uma investigação mais exaustiva e até a procura de ex-militantes que tiveram algum vínculo com estes periódicos e queiram dar o seu depoimento. Outros pontos que valem ainda ser investigados mais a fundo é a estruturação e manutenção do consórcio jornalístico *Sigma-Jornais Reunidos* que chegou a reunir, segundo a imprensa integralista, 88 periódicos, e a organização de sociedades anônimas para o financiamento de jornais e revistas do movimento, como a *Excelsior S.A.*, que financiava o jornal *A Offensiva*, para evidenciar a rede de acionistas e financiadores no interior da elite brasileira, filiada à AIB ou simpáticos ao movimento.

A pesquisa e análise da estrutura montada pela AIB para organizar sua produção de propaganda e sua imprensa, as Secretarias de Propaganda e Imprensa, indicaram a

² “Cultura, Trabalho e Cidade: muitas memórias, outras histórias”. Projeto para o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD/CAPES. São Paulo, PUC/SP, 2000, p. 15.

forma autoritária de pensar e produzir os meios de comunicação, estabelecendo uma forte censura a quase todas as etapas do processo de criação e exercendo controle sobre a coleta, tratamento e divulgação de informações. Mas, procurei levar em conta que este movimento de cunho autoritário não foi o único sujeito na sociedade brasileira a querer controlar o aparato técnico-administrativo produtor e difusor de comunicação na década de 1930.

Entre grande parcela dos intelectuais brasileiros atuantes nos anos 30, dominavam as convicções de que eles seriam os únicos capazes de levar aos “menos letrados” a cultura nacional, assim como, de controlar os meios de difusão desta “cultura”. A intelectualidade que participou da organização administrativa do Estado Novo e definiram e implementaram os rumos centralistas e autoritários dados à educação, à cultura e o controle das comunicações a partir do golpe do Estado Novo, atestam a existência de um pensamento autoritário muito nítido entre os pensadores brasileiros desta década. Esta constatação de que as práticas autoritárias integralistas não estão isoladas no seu tempo, não procura tirar a responsabilidade pelos seus atos mas, sim, tirar-lhes o estigma de serem os únicos a compartilhar concepções e práticas autoritárias e fascistas sobre os meios de comunicação de massa para obter o controle social.

A atuação de nomes importantes da cultura brasileira como colaboradores na militância integralista, como o acadêmico Alceu Amoroso Lima, que apesar de não ser filiado à AIB escreveu artigos para periódicos integralistas: o historiador e jornalista Hélio Viana; o jurista e escritor Thiers Martins Moreira; o etnógrafo e folclorista Luís da Câmara Cascudo, o advogado e escritor Santiago Dantas, entre outros, atraiu a atenção e o respeito da intelectualidade brasileira simpatizante por suas idéias autoritárias e conservadoras. Muitos destes intelectuais integralistas foram redatores ou colaboraram intensamente na imprensa do movimento. É interessante frisar que, após a extinção da AIB e a redemocratização do país nos anos 40, estes intelectuais continuaram gozando de prestígio social e político, ocuparam cargos públicos de grande visibilidade, mantiveram intensa atividade e produção intelectual, apesar de no passado recente terem militado em um movimento de inspiração fascista, que visava a centralização do poder, propunha a ditadura como forma de governo e propagava uma doutrina cujo cerne era a desmobilização da sociedade. Concordo com Isabel Ramos quando ela afirma que o vínculo de intelectuais, como Câmara Cascudo, objeto do seu estudo, com o integralismo “não deve ser visto como um demérito à sua trajetória, porém também não deve ser

ignorado”. Num país onde os intelectuais e a política sempre estiveram intimamente ligados, o pertencimento a qualquer organização política deve ser levado em conta se quisermos compreender melhor a obra de um autor e sua contribuição para a cultura nacional³.

Analisando os dois periódicos integralistas cariocas: a revista *Anauê!* e o jornal *A Offensiva*, observei duas formas diferentes de construir a imagem pública do movimento assim como modos distintos, mas complementares, de se posicionarem na luta política pelo poder. A revista ilustrada investiu mais na construção da visibilidade do integralismo por meio dos sujeitos das ações integralistas, produzindo elementos que pudessem aproximar e identificar o leitor com os militantes através de fotografias, e na exploração de textos e fotografias de forma a comover e sensibilizar o leitor com os exemplos de vida daqueles integralistas. O jornal empregou seus esforços na construção dos espaços de atuação da militância: seus congressos, desfiles, reuniões doutrinárias, entre outros, tentando tornar visíveis as realizações da AIB. Por isso, sua ênfase maior foi em mostrar muito mais o quê estava sendo feito do que quem fazia, além disso, assumiu mais freqüentemente o papel de ataque aos adversários do movimento buscando apresentá-los aos leitores como os inimigos da Pátria.

Em relação às suas semelhanças, chamou-me a atenção a utilização destes dois periódicos na campanha eleitoral da AIB para a presidência da república, quando a argumentação integralista muda completamente e o movimento procurou construir sua legitimidade para participar da democracia. Com esse objetivo, as fotografias foram utilizadas para comprovar o entusiasmo e apoio das “massas” a este movimento “pró-democracia” e que “comanda homens livres” – palavras do chefe nacional sobre o plebiscito organizado para a escolha do candidato integralista à presidência.

A repetição de fotografias de eventos semelhantes organizados em todo o país e a grande freqüência em que estas são publicadas nas páginas desses periódicos criam a sensação de algo já visto e conhecido, familiar e cotidiano para os leitores. Desse modo, um cotidiano é “inventado” por meio de textos e fotografias, levando o leitor a compreender o dia a dia integralista como uma seqüência frenética de eventos, grandiosos ou restritos aos núcleos, e de uma militância constantemente em movimento. Esta realidade construída pela repetição e freqüência de fotografias semelhantes foi

³ RAMOS, Isabel Tebyriçá. *Sertão Verde: as cores do Integralismo no Rio Grande do Norte*. Disponível em: <http://www.modernosdescobrimentos.inf.br/ desc/cascudo/cascudosertaoverde.htm> Acesso em 23. /11/2005

reforçada pela afirmação constante de que a fotografia era a “prova” desta realidade, era a “evidência esmagadora” dos seus atos, naturalizando uma determinada forma de ver e compreender o mundo.

A AIB difundiu elementos significativos do imaginário social da década de 1930, através da manutenção de alguns meios de comunicação, neste caso sua imprensa. Símbolos ligados à religião cristã, os símbolos nacionais como a bandeira, por exemplo, são elementos largamente divulgados pela sua imprensa e têm nas fotografias, desenhos e caricaturas fortes meios de difundir um imaginário favorável ao movimento e desfavorável aos seus inimigos, principalmente o comunismo. Ao longo da pesquisa constatei que esse tipo de pregação anticomunista não se limitou à imprensa integralista mas estava presente, também, naqueles periódicos simpáticos ao movimento.

A atuação das revistas *Fon-fon* e *A Noite Ilustrada* e do jornal *Diário de Notícias*, foi muito além da intenção de dar visibilidade às realizações do movimento, pois eles fizeram eco à exaltação de características construídas pela imprensa integralista enfatizadas por meio de fotografias: o caráter “ordeiro” e “disciplinado” das reuniões e desfiles, o “entusiasmo” e apoio de grande número de militantes, sua “luta” contra o comunismo e o papel de “vítimas” de seus ataques, a valorização de símbolos nacionalistas e dos “grandes heróis” brasileiros. Nota-se então uma proximidade com valores e aspectos da ideologia do integralismo, como o anticomunismo e o nacionalismo, além de uma confluência de visões de mundo, onde a disciplina e a ordem ocupam lugares centrais para a elite que controla estes periódicos cariocas. Deve ser levado em conta também que características ideológicas ou organizativas dos fascismos europeus, como a exaltação da disciplina, do militarismo, a utilização de símbolos e eventos que preguem o nacionalismo, entre outros, presentes na AIB, eram admiradas por integrantes da elite intelectual brasileira.

Ao analisar as imagens, principalmente as fotografias, no conjunto das páginas em que foram publicadas nos periódicos integralistas, atentando para os textos que as acompanhavam (legenda, título e subtítulo da matéria, entre outros), o tamanho e a disposição delas nas páginas, seu diálogo com outras imagens, constatamos como um movimento político, no embate com outras forças políticas da década de 1930, intentou construir sua imagem pública visando conquistar adeptos. Através do convencimento e da sedução pelos ‘argumentos fotográficos’ tentou mostrar que a escolha do integralismo era

a melhor solução para aquele momento de dúvidas e incertezas e a única força social capaz de implementar um novo regime político no Brasil.

Esta busca do convencimento, apelando muitas vezes para o emocional dos leitores, é evidenciada na construção dos argumentos integralistas na imprensa apoiados por um grande investimento em fotografias, onde o olhar do leitor é direcionado para a “multidão” de integralistas e pessoas de fora do movimento que dão seu apoio, para os militantes de todas as idades e gêneros que fizeram do seu cotidiano uma série de eventos dedicados ao integralismo, para a “juventude brasileira” que abraçou os ideais nacionalistas e ordeiros do integralismo. As legendas, cortes e montagens feitos nestas fotografias são evidências de como a imprensa pode elaborar uma dada realidade com as fotografias e transmitir, através destas, valores, julgamentos e doutrinas, muito mais que apenas informar sobre uma realidade. Desta forma, a ideologia e intencionalidade do órgão produtor ficam muito mais evidentes.

Ao longo da pesquisa tomei consciência de que precisaria ficar atenta à questão de que os ideais integralistas não podem ser vistos como “coisa do passado”, pois atualmente vários grupos adeptos da doutrina, chamados pelos historiadores de neo-integralistas, mantêm intensa propaganda política com objetivo de arregimentar forças e reorganizar o movimento. Eles denominam o atual movimento de “Frente Integralista Brasileira” e recuperam idéias, textos, imagens e concepções de mundo, da Ação Integralista Brasileira na década de 1930, relacionando-as com questões atuais. Embora sua organização esteja dispersa e nem constituam um partido político, eles utilizam uma arma de propaganda contemporânea forte: a *internet*. Artigos de antigos dirigentes, Gustavo Barroso e Miguel Reale, como também de Plínio Salgado, Chefe Nacional “eterno”, e dos novos dirigentes são divulgados *on-line*. Fotografias da AIB, muitas delas analisadas neste trabalho além de distintivos, cartazes, entre outras imagens da década de 1930 estão no *site* do movimento, sem nenhuma referência ao tempo e lugar em que foram produzidas. Essa forma de divulgar as imagens integralistas as torna a-históricas, como se elas falassem por si mesmas, mas, acima de tudo, indicam a força de permanência de uma memória sobre tempos áureos do integralismo e sua capacidade de incorporar novos sentidos e sustentar novas práticas políticas no presente.

Embora não tenha sido meu objetivo analisar esta propaganda política realizada pela nova geração de integralistas, a compreensão de que os guardiões da doutrina integralista, ex-integralistas ou ex-partidários do partido de representação popular (PRP) –

rearticulação política da AIB na década de 1940, que sobreviveu até 1965 – ainda mobilizam nos dias atuais muitos jovens para reorganizarem-se novamente sob o epíteto de integralistas. Se as suas estratégias de aproximação e doutrinação são outras – através da *internet* e de cartas a revistas de história para “esclarecer” a opinião pública sobre aspectos da doutrina “mal interpretados” pela historiografia –, não é possível ignorar que os textos e imagens analisados continuam produzindo sentidos e articulações. Estas questões guiaram a análise no sentido de investigar e problematizar os usos de imagens pela AIB na década de 1930, a fim de convencer e conquistar os leitores para sua “causa”, que hoje são reapropriadas pelos novos militantes para dar uma nova face à sua propaganda e a este ideário político.

BIBLIOGRAFIA, FONTES E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de (et.al.) (coordenação). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *O cinema como agitador de almas: Argila, uma cena do estado novo*. São Paulo: Anablume, 1999.

BALANDIER, George. *O poder em cena*. Brasília, UnB, 1980.

BACZCO, Bronislaw. "A imaginação social". In: *Enciclopédia Einaudi*, vol.05, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBERO, Jesús Martín-. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Famintos do Ceará. Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo, Tese de Doutorado em História, PUC/SP, 2004.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica". In: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'água Ed., 1992.

BERTONHA, João Fábio. "A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30". In: *História e Perspectivas*, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992.

_____. "Integralismo: um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica". In: *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, volume 5, número 9: 25-32, jan/jun 1993.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no Pós-Guerra. A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAPARROZ, Fernando. *Rotogravura*. Disponível em: <http://www.fernandocaparroz.hpg.ig.com.br/rotogravura/rotogravura.htm>. Acesso em 20/10/2006

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

CARNEIRO, Márcia R. da S. Ramos. *Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde*. Artigo apresentado no X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ, na UERJ, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2002/Indice2002.htm> Acesso em 23/07/2006

CARVALHO, Telma Campanha de Carvalho. *Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, PUC/SP, 1999.

CAVALARI, Rosa Maria Feitero. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". In: CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sílvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. “Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado”. In: MORAIS, Reginaldo, ANTUNES, Ricardo e FERRANTE, Vera B. (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – forma de capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer Tabula Rasa do Passado? Sobre a História e os Historiadores*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

Cine Jornal Brasileiro. Disponível em: <http://cinemateca.com.br.htm>. Acesso em: 11/2005.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: Periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC: FAPESP: Imprensa Oficial de SP, 2000.

CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: A intolerância como princípio*. Niterói, Tese de Doutorado em História, UFF, 2004.

CYTROWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. “Ação Integralista Brasileira: Um movimento fascista no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília A. N. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 30 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Ari+Kerner . Acesso em 20/11/2006.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Edição Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <http://www.jahr.org/net/proppol.htm>. Acesso em 09/11/2005.

DOTTA, Renato Alencar, POSSAS, Lídia M. V. e CAVALARI, Rosa M.F. (orgs.) *Integralismo: novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004.

FABRIS, Annateresa (org.) *Fotografia: usos e funções no século XIX*, São Paulo: EDUSP, 1991.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 2000.

FENELON, Déa R. “Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa”. In: *Projeto História*, nº 10. São Paulo: Educ, 1993.

FILHO, Armando. *O Integralismo*. São Paulo: Ed. Brasil, 1999.

FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Tradução de Pedro Miguel Frade. Lisboa: Ed. Vega, 1995, 2ª edição.

FURHAMMAR, Leif e FOLKE, Isaksson. *Cinema e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo - ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.

GERALDO, Endrika. *Entre a raça e a Nação: A família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação Brasileira nas décadas de 1920 e 1930*. Campinas, Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, 2001.

GÓES, Maria da C. P. de (et. al.). 1933. *A imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. Rio de Janeiro: Inst. Goethe, 1983.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990.

HILTON, Stanley. “Ação integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938”. *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945 (cinco estudos)*. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

LACERDA, Aline Lopes de. *Fotografia e discurso político no Estado Novo: uma análise do projeto editorial "Obra Getuliana"*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, UFRJ, 1998.

_____, Aline Lopes. "Os sentidos da imagem. Fotografias em arquivos pessoais". In: *Fotografia. Acervo, Revista do Arquivo Nacional*, vol. 06, n.01/02 – jan/dez de 1993.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. SP: Papirus, 2ªed., 1986.

MACIEL, Laura Antunes. "O sertão domesticado". In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 34 - 39, 05 ago. 2006.

_____. "Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920". "MACIEL, L. A. (et. al.) (orgs.). In: *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004.

_____. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da 'Comissão Rondon'*. São Paulo: EDUC, 1998.

MAIO, M. "Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30". In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

MATOS, Hivana M.Z. de. *A Revista A Cigarra: São Paulo – 1914-1934*. Assis, Dissertação de Mestrado em História, UEP, 2003.

MAUAD, Ana Maria. "Através da imagem: fotografia e história, interfaces". In: *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v. 01, nº 02, dez/1996, RJ, Relume-Dumará, 1996, pp.73-98.

_____. "Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX". In: *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v.10, nº 02, 1999,

_____. *Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Niterói, Tese de Doutorado em História, UFF, 1990.

MEDEIROS, Sabrina E. "O Estado Novo: o mito do pai dos pobres". In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *História e imagem*. Rio de Janeiro, PPGHIS / CAPES, 1998.

MEDEIROS, Sabrina & VIANNA, Alexander M. (orgs.) *Dicionário Crítico do pensamento da Direita. Idéias, Instituições e Personagens*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2000.

MOREIRA, Sonia Virgínia Moreira. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil palavras, 2000.

MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História. A problemática dos lugares", In: *Projeto História*, (10), dez.1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAULA, Jeziel De. *1932. Imagens construindo a história*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIRES, José H.N. *Cinema e História: José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Pioneiros do cinema catarinense*. Blumenau: EDIFURB, 2000.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.02, n.03, 1989.

Projeto PROCAD. *Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas Memórias, Outras Histórias*. Capes/2000.

RAMOS, Isabel Tebyriçá. *Sertão Verde: as cores do Integralismo no Rio Grande do Norte*. Disponível em: <http://www.modernosdescobrimientos.inf.br/desc/cascudo/cascudosertaoverde.htm>
Acesso em 23/11/1006.

REALE, Miguel. *Destinos Cruzados*, v.01, São Paulo, Ed. Saraiva, 1986.

REZNIK, Luiz. *Tecendo o amanhã. A história do Brasil no ensino secundário: Programas e livros didáticos 1931 a 1945*. Niterói, Dissertação de Mestrado em História, UFF, 1992.

SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937.

_____. *O que é o Integralismo*. Rio de Janeiro: Schimdt, 1933.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: EDUSP, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M. B e COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: FGV, 2000.

SILVA, Cleusa Gomes. *Modernizando o casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Tese de Mestrado em História, Unicamp, Campinas, 2001.

SILVA, Hélio & CARNEIRO, Maria C. *Os presidentes: Getúlio Vargas – O Estado Novo 1937-1945*, São Paulo, Grupo de Comunicação Três, 1983.

SILVA, Rogério Souza. "A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, nº 50, pp.61-95, 2005.

SIMIS, Anita. *Estado e Cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1996.

SOMBRA, Luiz Henrique e GUERRA, Luiz Felipe Hirtz (orgs.) *Imagens do Sigma*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1998.

SONTAG, Susan. "Fascinante Fascismo". *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Ed., 1986.

_____. *Ensaio sobre a fotografia*. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945)*. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2003.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

_____. "Integralismo. Teoria e práxis política nos anos 30". Boris Fausto (dir.). In: *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1981.

_____. "Integralismo: a Ascensão das idéias autoritárias no Brasil". In: *História do século XX (1934 -1942)*. Abril Cultural, s/d.

VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira – análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 09, 1997.

Fontes

Arquivo Nacional

Carta de Mauricio a Santiago Dantas, de 30/04/1935, 11 páginas. Fundo/Coleção: Santiago Dantas (1838-1991), seção SDP, código Q8. Notação: Documento 191, fundo AP047, caixa 24, pacote 01.

Matrícula do jornal *A Offensiva* no livro de registros de “Matriculas de Oficinas Impressoras, Jornais e outros periódicos”, Livro 01, nº de ordem 61, 25/04/1934, p. 44. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, série: Matrícula de Oficinas e Jornais – 29/01/34 a 15/03/38, seção SDJ, código 66.

Matrícula da revista *Anauê!* no livro de registros de “Matriculas de Oficinas Impressoras, Jornais e outros periódicos”, Livro 01, nº de ordem 146, 30/04/1935, pp. 65-66. 01º Ofício de Registros de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, série: Matrícula de Oficinas e Jornais – 29/01/34 a 15/03/38, seção SDJ, código 66.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo DESPS, Série Integralismo

“Boletim Provincial nº 03”. Pasta 02, folha 11.

“Carteira de Identidade. Ação Integralista Brasileira”. Pasta 25.

“Circular nº 09” do Departamento Feminino da Província da Guanabara. Pasta 17, folha 39.

“Conferência do Chefe Nacional, realizado no Instituto Nacional de Música, no dia 24 de maio de 1937”. Pasta 02, folhas 97 a 102.

“Diretiva nº 01 da Secretaria Nacional de Propaganda”. Pasta 20, folha 85. Datilografada.

Documento do Departamento Provincial do Distrito Federal sobre a Divisão de Assistência Social. Pasta 02, folhas 39, 40 e 41.

Catálogo da Série Documentos Fotográficos do Integralismo.

Lista de “Governadores e respectivas regiões da Província da Guanabara”. Pasta 02, folha 61.

Lista com nomes da Chefia da Província da Guanabara. Pasta 02, folhas 70, 71 e 72.

“Livro de Presença do Núcleo de Nilópolis”, do ano de 1936. Pasta 16.

“Manual do Integralista”, 1935, 32 págs. Folheto 10.

Panfleto sobre a revista “Anauê!” nº 05. Panfleto 152.

“Questionário que deverá ser preenchido pelas Secretarias Municipais de Imprensa com os dados ao seu alcance sobre os jornais não integralistas”. Documento 107, pasta 17.

“Protocolos e Rituais” (regulamento publicado no “Monitor Integralista”, ano V, nº 18, 10/04/1937). Folheto 11.

“Regulamento da ‘Campanha D’Ouro’ ”, de 30 de dezembro de 1936. Documento 01, Pasta 22.

“Relação dos municípios e respectivos distritos da Província da Guanabara”. Pasta 18, folhas 9, 10, 26 e 27.

“Relação das Províncias integralistas com o nº de municípios”. Pasta 18, folhas 03-38.

“Relação nominal e residencial dos membros da Câmara dos Quarenta da Ação Integralista Brasileira”. Pasta 20, folhas 10 e 11.

“Relatório nº 2 da Secretaria Municipal de Propaganda de Ipanema”. Pasta 12, folha 97. Datilografado.

Relatório do Chefe do Núcleo de Ipanema para o Chefe Provincial da Guanabara, de 16 de maio de 1936. Pasta 12, folhas 79-82.

Relatório do Chefe do Núcleo de Ipanema, de 05 de novembro de 1936. Pasta 12, folha 83.

Relatório da Chefe do Departamento Feminino de Santa Tereza. Pasta 12, folhas 133 e 134.

Relatório do Núcleo municipal de Santa Tereza, de 01/11/1937. Pasta 12, folhas 147 e 148.

Relatório do Núcleo de Cantagalo sobre as atividades do 2º semestre de 1937. Pasta 16, folhas 30-35.

“Tabela de Preços nº 03. Secretaria Nacional de Finanças”. Folheto 14.

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, S.P. Acervo Plínio Salgado.

“Resolução nº 10. Estabelece o regimento interno do Gabinete da Chefia Nacional e cria a tropa de serviços especiais”. *Monitor Integralista*, ano II, nº 06, maio de 1934.

“Campanha do Selo Usado”. *Monitor Integralista*, ano V, nº 21, 17/07/1937.

“Resolução n.162. Cria o Museu Integralista Brasileiro”. *Monitor Integralista*, ano IV, nº 14, 15/05/1936.

“Resolução nº 168. Cria novos setores da AIB e muda a denominação da SNOP”. *Monitor integralista*, ano IV, nº 15, 3/10/1936.

“Resolução nº 309. Lança um empréstimo interno de 6.000:000\$000”. *Monitor Integralista*, nº 20, ano V, 11/06/1937.

“Resolução nº 330. Cria a Diretoria Nacional de História Integralista”. *Monitor Integralista*, ano V, nº 22, 07/10/1937.

“Schema das teses a serem desenvolvidas pelas ‘Blusas Verdes’ em todos os núcleos na A.I.B”. *Monitor Integralista*, Rio de Janeiro, nº 16, ano V, 05/12/1937.

“Secretaria Nacional de Imprensa. Departamento de Orientação. Diretiva nº 01”. *Monitor Integralista*, ano V, nº 17, 20 de fevereiro de 1937.

“Decreto que regulamenta a instrução doutrinária entre os integralistas”, assinado em 25 de maio de 1934. *Monitor Integralista*, ano II, nº 7, agosto de 1934, pp. 03 e 04.

“Diretrizes de Petrópolis. Realizou-se com extraordinário brilho o II Congresso Integralista Brasileiro”. *Monitor Integralista*, ano III, nº 10, 07/05/1935.

“Homenagem a Caxias”. Folheto 007, pasta 29, caixa 51.

Ofício da ABI sobre a criação da Escola Brasileira de Jornalismo. *Monitor Integralista*, ano V, nº 17, 20/02/1937.

Organograma da organização da Secretaria Nacional de Propaganda. *Monitor Integralista*, ano III, nº 10, 07/05/1935.

Documentos em publicações integralistas

“Código de Ética do Jornalista”. In. *Anauê!*, nº 14, ano III, Abril de 1937.

“Regulamento da Secretaria Nacional de Propaganda” (publicado em *Monitor Integralista*, ano IV, julho de 1936). *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livraria Clássica Brasileira, 1959.

“Regulamento da Secretária Nacional de Cultura Artística”. *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livraria Clássica Brasileira, 1959.

“Regulamento da Secretaria Nacional de Imprensa”, criado em 25/08/1936. *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, RJ, livraria Clássica Brasileira, 1959.

“Relação dos jornais integralistas com as suas localidades”, *Monitor Integralista*, nº 22, 07/10/1937, p.07.

“Resolução do Chefe Nacional estabelecendo a criação da Escola Brasileira de Jornalismo”. *Enciclopédia do Integralismo*, nº 09, Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1959.

Entrevistas

Entrevista a Barreto Leite Filho pelo jornalista da *Folha de São Paulo* Gilberto Negreiros. “Jornalistas contam a História – 1. Na década de 20, a agonia do regime”. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_3.htm. Acesso em 13/11/2006.

Entrevista a Raimundo Guimarães Jr. pelo jornalista da *Folha de São Paulo* Gilberto Negreiros. “Jornalistas contam a História – 2. Os ensinamentos dos anos 30”. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_3.htm. Acesso em 13/11/2006.

Entrevista ao historiador Renato Alencar Dotta para o site “sala de imprensa” da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: www.fflch.usp.br/sdi/imprensa/noticia. Acesso em 20/10/2006.

Entrevista feita pela historiadora Márcia Carneiro ao ex-militante Alcebíades Marins e Silva em 18 de fevereiro de 1999. Projeto: *Militância Política - Integralismo*. Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) da UFF.

Entrevista feita pela historiadora Márcia Carneiro ao ex-militante Gerardo Mello Mourão em 20 de julho de 2006. Projeto: *Militância Política - Integralismo*. Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) da UFF.

Fotografias

Conjunto de fotografias produzidas pela AIB e militantes apreendidas pela Polícia Política. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo DESPS, Série Integralismo.

Conjunto de fotografias do acervo pessoal do Chefe Nacional da AIB doadas pela sua esposa após seu falecimento. Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, S.P. Acervo Plínio Salgado.

Periódicos

Anauê! (RJ) - Período pesquisado: 1935 – 1937

A Offensiva (RJ) - Período pesquisado: 1934 – 1937

A Noite Ilustrada (RJ): 1934-1937

Diário de Notícias (RJ) - Período pesquisado: 1933 - 1935

Fon-fon (RJ) - Período pesquisado: 1933 - 1937

Monitor Integralista. Órgão Oficial da AIB (RJ) - Período pesquisado: 1933 – 1937

Panorama (SP) – Período pesquisado: 1º semestre de 1936

Instituições Pesquisadas

Arquivo Nacional (RJ)

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (SP)

Biblioteca Nacional (RJ)

Casa de Rui Barbosa (RJ)